



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

**A doulagem como um “divisor de águas”: uma etnografia do Curso de
Formação de Doulas e Educadoras Perinatais da Matriusca**

Camila Cristina Saraiva Castello

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos à obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia.

Brasília, dezembro de 2016.



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

**A doulagem como um “divisor de águas”: uma etnografia do Curso de
Formação de Doulas e Educadoras Perinatais da Matriusca**

Camila Cristina Saraiva Castello

Orientadoras:

Profa. Dra. Fabiene Gama – Presidente da banca.
Departamento de Antropologia, Universidade de
Brasília.

e

Profa. Dra. Rosamaria Carneiro – Membro da banca.
Faculdade de Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Soraya Fleischer – Membro da banca.
Departamento de Antropologia, Universidade de
Brasília.

Brasília, 2016.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família por toda paciência e apoio ao longo desses cinco anos de graduação, principalmente, nos períodos finais. Aos meus avós, tios e primos, por fazerem parte dessa caminhada. Agradeço a meus irmãos por terem me feito sorrir nos momentos mais difíceis. Aos meus pais, dedico todo meu esforço e determinação: vocês são minha inspiração.

A Fabiene Gama, que mais do que uma orientadora, se tornou uma amiga. De forma muito atenciosa e carinhosa, aceitou minhas propostas, acolheu minhas angústias e me ensinou muito nesses últimos anos. Obrigada pelos diálogos, sugestões, comentários, e também, por me mostrar um universo de possibilidades e caminhos dentro da Antropologia. Gratidão por ter estado tão presente!

A Rosa Carneiro, minha co-orientadora, que me inspirou e incentivou a pesquisar a doulagem, mostrando que o universo da gestação, parto, pós-parto e maternidade pode render ótimos temas de pesquisa dentro das Ciências Sociais. Grata por ter contribuído comigo na realização deste (e de outros) trabalhos. Aprendi imensamente com você!

Ao grupo de estudos em Antropologia Visual, em especial, Zeza, Sarah, Amanda e Leticia, por terem colaborado e compartilhado comigo assuntos de âmbito acadêmico, advindos de nossos estudos e pesquisas. Por terem me encorajado a produzir antropologia(s) e continuar trabalhando com a fotografia. Pela amizade, pelos momentos de descontração e por terem escutado meus desabafos. Vocês fizeram toda diferença na minha graduação.

Ao Departamento de Antropologia, por ter me auxiliado financeiramente na apresentação de um trabalho relacionado às doulas, na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), que aconteceu na Universidade Federal da Paraíba. Ao Laboratório de Imagem e Registro de Interações Sociais (IRIS), por ter me emprestado uma câmera fotográfica para fazer parte dos registros imagéticos que estão inseridos neste trabalho. Da mesma forma, agradeço meus tios e minha prima, por também terem me emprestado um equipamento.

A Sofia, minha prima e amiga, que além de ter me apresentado as Ciências Sociais, sempre esteve ao meu lado, me ajudando nas questões relacionadas ao curso. A Samyra, amiga querida que conheci no curso, com quem dividi vários momentos. A Gabi, parceira de outras épocas, que a Antropologia juntou novamente. A Andréia e Ana Clara, por entenderem

quando as “trocava” pelos trabalhos relacionados à faculdade. Obrigada a todas, por estarem sempre comigo, trazendo calma e leveza a essa trajetória!

Ao Rafael, meu companheiro e amigo, que me incentiva a ser uma pessoa melhor e me apoia em todas as escolhas. Por ter me acompanhado desde o início da graduação e ter sido tão compreensivo. Obrigada por trilhar esse caminho comigo e dividir as alegrias e tristezas. Gratidão por acalantar meu coração!

A Matriusca, por sempre me acolher e aceitar minhas propostas de pesquisa! Agradeço as cursistas, e especialmente, as mulheres com quem conversei, por dedicarem um tempo de suas vidas para colaborar com este trabalho. Também aprendi muito com vocês!

Por fim, agradeço a todas as pessoas, que, de alguma forma, contribuíram comigo durante essa trajetória: professores, colegas de curso, funcionários da universidade e todos os outros que não agradei diretamente, mas que estiveram presente ao longo desses anos.

Transições bruscas
Ausência de lar
Forças para recomeçar
Tudo de novo.
Medo, insegurança
Privavam da esperança.
Aos poucos parou de chorar.
Sentiu algo florescer no coração
Decidiu dançar uma nova canção.
Deu força ao ventre
Renasceu de si mesma, rodeada por muitas.
Suas fronteiras passaram a ser conexões profundas
Banhadas pelo amor de compreender sua própria dor.

– S. S. S. A.

Para Livia, in memoriam.

RESUMO

Esta etnografia buscou compreender como se dá o processo de formação de Doulas e Educadoras Perinatais da empresa Matriusca, por meio da observação participante, da realização de entrevistas, do registro de fotografias e do diálogo com a Antropologia Visual. Da mesma forma, o presente trabalho refletiu acerca da figura da doula e do universo da doulagem no Brasil, ambos surgidos recentemente no cenário de assistência ao parto. A pesquisa também teve como proposta analisar os impactos do curso na vida das cursistas, revelando alguns efeitos que extrapolavam a formação, como era esperado por elas. Por ser um papel que é realizado exclusivamente por mulheres na assistência às mulheres grávidas, a doulagem revela aspectos importantes para pensar questões de cunho social que estão diretamente relacionadas à sociabilidade entre mulheres.

Palavras-chave: doulas, doulagem, mulheres, curso de formação de doulas e educadoras perinatais, Antropologia Visual.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Situando, conceituando e contextualizando a figura da doula.....	8
2 A construção do tema, alguns aspectos metodológicos e o campo.....	13
3 Estrutura e construção do texto.....	17
 Capítulo 1 – Um cenário de valorização, identificação e pertencimento: as mulheres, a doulagem e o curso.....	20
1.1 Conhecendo a <i>Matriusca</i> , uma empresa de mulheres que faz um trabalho para mulheres.....	21
1.2 Curso de formação da <i>Matriusca</i> : “ <i>um divisor de águas</i> ”.....	27
1.2.1 Aspectos estruturais do curso.....	27
1.2.2 Algumas descobertas - aspectos não tão visíveis do curso.....	33
 Capítulo 2 – Doulagem, o curso e os (não) ditos.....	40
2.1 A doulagem e suas diversas faces: configurações de uma profissão.....	41
2.1.1 Legitimidade e os “produtos” da doulagem.....	45
2.1.2 As doulas e a doulagem andam juntas?.....	49
2.2 Ressignificando trajetórias e corporalizando emoções.....	54
2.3 Desconstruindo maternidades e construindo empoderamentos.....	63
2.3.1 “ <i>Ninguém nasce sabendo</i> ”: maternidade como uma construção social.....	63
2.3.2 Dimensões <i>terapêuticas</i> e <i>curativas</i> do curso.....	67
 Capítulo 3 – Entre experiências e reflexões de pesquisa: produzindo antropologia(s)....	71
3.1 Quando o tema da pesquisa se cruza com a trajetória pessoal.....	72
3.2 O trabalho de campo: percepções e aprendizados.....	75
3.3 (Com)(partilhando) processos, construindo a pesquisa.....	81
3.4 Antropologia visual: um outro olhar sobre a pesquisa.....	84
 Reflexões finais.....	90
 Referências.....	93
 Anexos.....	97

INTRODUÇÃO



Foto 1 - Cartaz de incentivo ao parto normal e a liberdade de movimento que a parturiente deve possuir durante o trabalho de parto. Ele estava pregado em uma das paredes da sala onde aconteceu o curso de formação.

1. Situando, conceituando e contextualizando a figura da doula

O curso de formação para doulas¹ é algo relativamente muito novo, existe há pouco mais de 3 décadas e é fruto do surgimento dessa figura nos tempos modernos, associada ao Movimento de Humanização do Parto e Nascimento. Tal movimento nasce com o intuito de estimular uma assistência à mulher grávida² e ao(a) recém-nascido(a) e que, segundo a antropóloga Fernanda Duarte (2015) “pode ser visto como um articulador de novos modelos e propostas de assistência para as mulheres durante seus partos” (p.12). Segundo Carmen Diniz (2005), em seu texto sobre a humanização da assistência no Brasil, a autora

¹ Questionei uma de minhas interlocutoras sobre qual seria a grafia correta para escrever o termo doula: letra **d** minúscula ou maiúscula. Conforme o que ela me disse, isso varia de acordo com o desejo de cada um(a), pois depende da ênfase que você quer dar ao termo. Neste caso, como utilizarei o termo diversas vezes ao longo do texto, escolhi deixar de forma minúscula, dando destaque apenas quando achar necessário.

² No campo, aprendi que utilizar a expressão “mulher grávida” é mais adequado do que dizer “grávida” ou “gestante”, pois essa é uma condição, uma fase da vida na qual a mulher se encontra. Segundo as doulas com as quais convivi, usar o termo mulher como antecedente, implica em afirmar uma condição que é imutável, uma vez que estar grávida não exclui o fato de ser mulher. Além disso, para as doulas, a expressão “mulher grávida” ajuda no processo de elevar a autoestima das mulheres, que por vezes, podem anular parte da sua identidade no período gestacional.

conclui que existem diversos sentidos atrelados ao termo “humanização” e deste modo, conclui que:

O termo *humanização* do parto se refere a uma multiplicidade de interpretações e a um conjunto amplo de propostas de mudança nas práticas, trazendo ao cotidiano dos serviços conceitos novos e desafiadores, às vezes conflitantes. As abordagens baseadas em *evidências científicas* e as *baseadas em direitos*, entre outras, são recriadas pelos diversos atores sociais, que as utilizam como instrumento para a mudança, que ocorre muito lentamente e apesar de enorme resistência. *Humanização* é também um termo estratégico, menos acusatório, para dialogar com os profissionais de saúde sobre a violência institucional. (DINIZ, Carmen³. 2005: 635)

Desta maneira, pode-se dizer que dentro desses diversos sentidos, o Movimento é construído no intuito de estimular uma assistência que respeite o desejo da mulher. Atendimentos obstétricos ditos “humanizados” e os “holísticos”, dessa forma, se apresentam como contraponto ao modelo de atendimento conhecido como “tecnocrático”. Segundo Robbie Davis-Floyd (2000), tal modelo vê o parto da seguinte maneira:

Momento extremo e agudo de uma máquina caótica e não confiável, requer a intervenção hábil e rápida do profissional. Na metáfora dominante do parto o hospital se tornou uma fábrica, o corpo da mãe uma máquina e o bebê resultado de um processo de produção industrial. (DAVIS-FLOYD, Robbie. 2000:1)

O modelo “humanizado”, por sua vez, se constitui como “uma tentativa dos profissionais de reformar as instituições por dentro (...) desejam humanizar a tecno-medicina, torná-la mais relacional, mais recíproca, individualizada, receptiva e empática.” (DAVIS-FLOYD, Robbie. 2000: 4”) Já o modelo conhecido como “holístico”, investe em um atendimento pautado na mulher enquanto um ser integrado, através da conexão entre corpo, mente e espírito.

Com isso, a doula, “aquela que serve”, está inserida nesse contexto de novas propostas ao atendimento ao parto, à mulher grávida e ao bebê. Sua função está voltada para o apoio emocional, físico e informacional (de oferecer informações especializadas sobre esta

³ Ao citar autores e autoras, optei por utilizar nome e sobrenome dos(as) mesmos(as), a fim de identificar e destacar as autoras, pois quando é utilizado apenas o sobrenome, não é possível distinguir entre um homem e uma mulher.

mulher), ao longo da gestação, no parto e no pós-parto. A utilização do termo *doula* para denominar as mulheres que exercem essa função de cuidado e apoio, começou com uma antropóloga chamada Dana Raphael, que, durante uma pesquisa, usou a palavra para se referir a uma enfermeira, que exercia mais do que sua função exigia: um tipo de apoio próximo para as mulheres paridas⁴.

Diferentemente do que o senso comum que pensa a *doulagem*⁵ como uma nova profissão, mulheres que se dedicavam a exercer esse papel e cuidado sempre existiram. Antes do advento da medicina, por exemplo, o momento do parto se constituía enquanto um evento feminino. Havia um *círculo de apoio*, geralmente formado por mulheres conhecidas daquela mulher grávida: parteiras, mães, irmãs, primas, cunhadas e amigas, que se dispunham a oferecer ajuda no momento do nascimento. Foi com o avanço dos estudos da medicina e da tecnologia, que o cenário do parto e nascimento foi transferido para o ambiente hospitalar. No Brasil, de acordo com a historiadora Renilda Barreto (2001), a obstetrícia como conhecemos hoje, em sua forma medicalizada e hospitalar, ganhou destaque ao final do século XIX, onde a “parturição passou a ser considerada como um negócio de homem”. (p. 142) Sendo assim, o *círculo de apoio* foi substituído pela presença dos(as) profissionais de saúde, que estariam aptos(as) para oferecer apoio advindo do conhecimento técnico

Acontece que, há algumas décadas, profissionais da saúde começaram a questionar a eficácia desse tipo de atendimento “tecnocrático”, que é muito focado na intervenção, deixando de lado outras questões de cunho subjetivos, como o lado emocional por exemplo. Além disso, alega-se que o fato dos partos acontecerem dentro de um hospital, não é um fator determinante para que sejam mais seguros: “nos países em desenvolvimento, a hospitalização do parto chega a mais de 90% e, mesmo assim, isto não trouxe um impacto positivo nas taxas de mortalidade materna” (Fadynha, 2014: 17). Tais dados fizeram com que o Brasil começasse a rever suas práticas de atendimento. Segundo Fernanda Duarte (2015), dados de 2014 indicavam que o Brasil era o país com a maior taxa de cirurgias cesarianas no mundo: “as taxas de cesarianas somam 52% dos nascimentos (no setor privado os números são de 88%)”. (DUARTE, Fernanda. 2015: 12).

⁴ Escutei essa história em uma das aulas no curso de formação que acompanhei, durante uma aula sobre a história das *doulas*. Segundo o blog “Gravimater”, a primeira a utilizar o termo foi Dana Raphael em seu livro “The Tender Gift: Breastfeeding”, “onde se referia às *doulas* como mulheres que ajudavam às novas mães durante a amamentação e cuidados com o bebê.” – (Trecho retirado do site www.gravimater.com.br, acessado em 17/11/2016).

⁵ Forma como é designado o trabalho das *doulas*.

Após o guia da Organização Mundial de Saúde (OMS) do ano de 1996 recomendar o acompanhamento da mulher grávida por uma doula, e com o surgimento da Rede de Humanização do Parto e Nascimento (ReHuna), o governo brasileiro começou a incentivar campanhas a favor do parto normal, visando a diminuição das intervenções desnecessárias. Deste modo, a doula ressurgiu no cenário do parto e nascimento, juntamente com a criação do Movimento de Humanização do Parto, que defende um atendimento mais respeitoso.

Porém, como o cenário foi modificado com a entrada de novos atores (médicos(as) e enfermeiros(as)) no momento do parto, a função das doulas nos dias atuais está em parte, relacionada ao resgate de novas formas de parir: com menos intervenções médicas, de forma “mais natural”. Ao mesmo tempo, a importância do seu acompanhamento também está vinculada à sua capacidade de se adaptar às demandas de cada mulher grávida, bem como ao ambiente hospitalar e à equipe de assistência. Apesar de representar apenas um dentre os diversos elementos que compõem o ideário de humanização do parto, a doula acaba representando o movimento, que está hoje consolidado no Brasil atualmente.

Segundo o blog “Gravimater”, os primeiros a treinar e certificar doulas no mundo foram Marshall Klaus e John Kennel, médicos neonatologista e pediatra, respectivamente, em 1991. Ambos fundaram a Doulas of North America (DONA). No Brasil, a primeira mulher reconhecida como doula profissional foi Maria de Lourdes da Silva Teixeira, mais conhecida como Fadynha, que vem desempenhando esse papel desde 1978. De lá para cá, muita coisa mudou, e hoje, existem vários grupos, institutos, associações e empresas que oferecem o curso de formação para doulas em diversas regiões do país. Podemos mencionar alguns deles: Grupo de Apoio à Maternidade Ativa (GAMA), Associação Nacional de Doulas (ANDO)⁶ e a *Matriusca*. Apesar de terem em comum o objetivo de formar mulheres para fazerem o acompanhamento gestacional, na hora do trabalho de parto, parto e no pós-parto, os cursos se diferenciam nas metodologias que são utilizadas.

Mas ainda que existam algumas diferenças entre as doulas de hoje e as mulheres que exerciam esse papel antigamente, há uma característica que permaneceu ao longo dos

⁶ GAMA é um grupo situado em São Paulo, que visa “Fornecer - a gestantes e profissionais - produtos e serviços de alta qualidade, que ajudem a promover uma atitude saudável e consciente em relação ao ciclo da gestação, parto e pós-parto.” (Trecho retirado do site www.maternidadeativa.com.br – Acessado em 25/05/17). Por ser uma associação, a ANDO tem representação em várias cidades do Brasil, como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, onde os cursos são oferecidos por grupos ou empresas filiadas da Associação.

anos, apenas mulheres exercem esse papel de” assistente de parto” (outra expressão que caracteriza as doulas). Tal fato tem gerado algumas discussões, pois existem homens que desejam exercer esse papel e muitas mulheres defendem que tal atividade siga sendo exclusivamente feminina. Mas afinal, quem pode então ser uma doula? De acordo com o site “Doulas do Brasil”, *“Qualquer mulher com mais de 18 anos pode ser doula, inclusive quem não é profissional da saúde. Não é fundamental que seja mãe, mas a experiência da maternidade com certeza traz um componente especial à relação doula-gestante. Não precisa ter tido parto normal para ser uma boa doula. É fundamental que seja um caminho vocacional, pois o trabalho é difícil, cansativo, em horários ingratos, sem qualquer previsibilidade. Quem não faz esse trabalho por fé, acaba se cansando e sendo ineficiente.”*⁷ Há ainda, casos de mulheres que já exerciam a doulagem antes de fazer curso, pois realizavam trabalhos com gestantes e puérperas⁸.

Este trecho é bastante explicativo, pois reúne vários aspectos que busquei abordar ao longo do texto. Como a exclusividade de ser uma profissão estritamente feminina, em que a cursista não precisa ser necessariamente mãe, e ainda, com relação as dificuldades da profissão. A atuação da doula entendida enquanto um caminho vocacional, como foi citado no trecho acima, é importante para entender quais são as configurações dessa profissão, que ainda não possui suas funções reguladas oficialmente e que não é tão reconhecida socialmente.

Como grande parte das doulas precisam atuar em conjunto com os profissionais de saúde, o curso de formação se fez necessário. Não só para capacitar as mulheres que desejam atuar nessa profissão, de modo que conheçam os temas e as situações que envolvem gestação, parto e puerpério⁹, como forma de prepara-las para atender as mulheres grávidas, como também para estabelecer regras de conduta e comportamento entre as doulas, a fim de evitar ações que possam prejudicar o grupo de uma maneira geral. Além disso, como o curso implica em uma formação, acaba constituindo uma forma de reconhecimento profissional, uma vez que a doula é desvalorizada socialmente. Tal reconhecimento enquanto profissão é importante pois, a maioria das doulas hoje, cobra pelo serviço prestado, uma vez que elas se formam. Tal pagamento serve para investirem na sua capacitação através de outros cursos que

⁷ Retirado do site: www.doulas.com.br, acessado em 17/11/2016.

⁸ Termo utilizado para denominar a mulher que pariu recentemente e que encontra-se no período puerperal (também conhecido como pós-parto).

⁹ Outra expressão utilizada para caracterizar o período do pós-parto.

possam enriquecer seu acompanhamento. Mas serve também como salário, visto que, muitas delas, hoje, contam com esse valor como parte (ou integralidade) da renda que a sustenta.

O processo de profissionalização da doula, assim como a transformação das trajetórias de vida das mulheres que buscam tal profissionalização são o foco deste trabalho e serão analisadas a partir de um Curso de Formação de Doula e Educadora Perinatal oferecido pela *Matriusca*¹⁰. Mas antes, gostaria de apresentar como cheguei a tal tema.

2. A construção do tema, alguns aspectos metodológicos e o campo

Com o reaparecimento da figura da doula, vi uma possibilidade de transformá-la em tema de pesquisa na antropologia, já que ainda não conhecia um trabalho nas Ciências Sociais que focassem especificamente na atuação dela. Notei que a doula aparecia nos trabalhos, mas nunca enquanto foco principal. De acordo com artigo de Rosamaria Carneiro (2014), intitulado “Em nome de um campo de pesquisa: antropologia(s) do parto no Brasil contemporâneo”, somente nos anos 80 aparecem no país os primeiros trabalhos sobre parto, mesma época em que começava aqui a formação da área Antropologia da Saúde. A partir disso, é importante notar que o cenário do parto, da gestação, da maternidade, assim como de que estão relacionados a outros assuntos que integram esse universo, são relativamente novos dentro do campo de estudo das ciências que estudam o social.

Ainda no artigo que citei no acima, Rosamaria Carneiro fala sobre a motivação da busca de temas de pesquisa na antropologia(s) a partir de experiências e vivências pessoais, o que, foi o meu caso. De acordo com Mirian Goldenberg (2004: 19), “é natural que os cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam.”, uma vez que a pesquisa qualitativa e o método etnográfico presumem níveis de envolvimento mais profundos com as pessoas pesquisadas, diferentes do que acontece na pesquisa quantitativa. Pensando nisso, parte das questões que me mobilizaram para pesquisar o universo da doulagem, surgiram por conta de eu ter feito o curso de Doula e Educadora Perinatal da *Matriusca* e ter me envolvido em um nível pessoal com o tema. Assim, minha vivência enquanto cursista apareceu como motor para a idealização e concretização do meu campo de pesquisa, sobre o universo da doulagem.

¹⁰ www.matriusca.com.br

Como forma de delimitar o tema, decidi focar na formação dessas profissionais, que a meu ver, diz muito sobre a atuação e sobre como será a inserção dessa nova figura dentro do cenário de parto e nascimento no Brasil. Dado que eu já havia me formado, tive o privilégio de ter contato com a *Matriusca*, que oferecia o curso antes mesmo de efetivar o projeto de pesquisa. Ela oferece, dentre outras atividades voltadas para as mulheres (principalmente, as grávidas), o Curso de Formação de Doula e Educadora Perinatal em Brasília, cidade onde realizei a pesquisa. Além do contato já estabelecido, bem como a vantagem da localização geográfica, um outro ponto me chamou a atenção na hora de escolher a *Matriusca*: o fato de ser uma empresa criada e administrada exclusivamente por mulheres, que fazem um trabalho voltado para o público feminino. Essa é uma de suas principais características. Ao longo do trabalho, mostrarei como esta característica influencia na relação que é construída entre as mulheres que frequentam o espaço (especificamente no caso das cursistas, que serão meu foco aqui) e as doulas que organizam as atividades, assim como revela pontos interessantes sobre formas de se relacionar que são próprios dessa convivência entre mulheres.

Deste modo, me propus a entender mais a fundo a partir da antropologia, como se dava o processo de formação de doulas pelo qual passei e qual seria o impacto dele na vida das mulheres que o procuravam, tentando compreender os efeitos dessa experiência pela visão das cursistas. Para isso, acompanhei a primeira turma do ano de 2016 do curso oferecido pela *Matriusca*. O curso, além de formar doulas, forma também educadoras perinatais, pois na concepção das coordenadoras, não existe a possibilidade de uma doula exercer esse seu papel sem ser uma educadora perinatal. Para compreender melhor tal universo, agora a partir de um olhar mais crítico e distanciado, fiz uma observação participante nos dias em que aconteceram o curso em dois finais de semana, nos meses de março e abril, contabilizando um total de 7 dias. Procurei absorver o máximo de informações e sensações nesses momentos presenciais, onde eu tive a possibilidade de me relacionar com as mulheres e conhece-las um pouco mais.

Além disso, também trabalhei com a Antropologia Visual, que em campo, fotografando o curso e observando algumas atividades a partir da câmera fotográfica. Em campo, o uso do recurso visual apareceu também como uma estratégia de aproximação, pois a máquina e as fotos foram elementos que me ajudaram no processo de estabelecer relações com as minhas interlocutoras. Durante os dias em que convivi com as cursistas de modo coletivo, fiz registros, visando utilizá-los como meio para compor o trabalho que aqui apresento. Trouxe 24 fotos, distribuídas ao longo dos capítulos, com o objetivo de aproximar

os(as) leitores(as) do tema tratado, pois as imagens possibilitam uma forma de conhecer o que está sendo transmitido diferente daquela que ocorre através da linguagem verbal. Nesse sentido, e porque quis utilizar as imagens enquanto produtoras de conhecimento, e não só como ilustrações, tive a intenção de fazê-las dialogar com o texto. Seguindo uma forma de relacionar imagens e textos apresentada por John Mitchell (2002), considerei que “elas e o texto são equivalentes, mutuamente independentes e inteiramente colaborativas.” (p. 108)¹¹. Ao criar essa interdependência entre as linguagens verbal e não verbal, acredito que consigo transmitir de forma mais elucidativa o que, por vezes, não consigo expressar utilizando apenas uma das duas linguagens.



Foto 2 - Escultura de uma mulher grávida, que fica na entrada da Matriusca. A mulher grávida é representada de diferentes maneiras em vários locais espalhados pelo espaço: nos cartazes, nas capas de livros que estão à venda e em bonecas de pano feitas artesanalmente.

Outro método que utilizei foi a relação de entrevistas abertas semiestruturadas com algumas cursistas. A realização de entrevistas também foi uma etapa muito importante do trabalho de campo, pois facilitou minha aproximação com algumas das mulheres e inquestionavelmente, ampliou minha compreensão sobre questões que haviam passado despercebidas na observação participantes. Conversei com 11 mulheres, sendo que 7 delas eram cursistas. Do restante, as 4 eram doulas já formadas, sendo que 2 delas eram coordenadoras do curso e atuavam na *Matriusca* desde sua criação. O critério que utilizei para escolher as mulheres com as quais conversei, foi o de selecionar mulheres com perfis variados. Como o curso recebe mulheres de diversos perfis, acreditei que conversar com

¹¹ Reconheço que não são equivalentes aqui, pois há uma prevalência da linguagem verbal.

mulheres que tivessem perfis diferentes que considere diferentes seria uma boa escolha. Assim, conversei com mulheres de idades entre 24 e 59 anos, pertencentes à classe média, solteiras, casadas, mães ou não, que possuíam diferentes profissões e ocupações (psicóloga, tradutora, jornalista, servidora pública, blogueira, enfermeira, mãe, educadora perinatal e doulas). Dentre as onze, sete mulheres se auto identificaram como brancas, duas se reconheceram como pardas, uma como morena e uma como caucasiana¹². Além disso, uma delas se afirmou se reconhecer enquanto lésbica, mas essa foi uma característica apresentada espontaneamente, sem que eu a houvesse questionado sobre gênero e sexualidade. De todas mulheres que eram mães, todas tiveram pelo menos uma experiência que consideraram como negativa enquanto parturientes.

As entrevistas aconteceram entre maio e setembro de 2016, sendo que em uma delas, entrevistei duas cursistas de uma só vez. As conversas foram gravadas no meu telefone celular, com a autorização das mulheres. Antes de começar a gravar, eu pedia que elas preenchessem uma ficha de identificação¹³ onde eu solicitava dados como: nome completo, data de nascimento, cidade de origem e cidade onde morava naquele momento, estado civil, profissão, cor/raça, contatos, se era mãe ou se desejava ser, caso tivesse parido, qual havia sido o tipo de parto e como ela descrevia sua experiência enquanto parturiente. Para a realização das entrevistas, utilizei roteiros semiestruturados, pois, apesar de fazer as mesmas perguntas a todas, eu estava sempre atenta aos rumos que as entrevistas seguiam. Porque as mulheres enfatizavam coisas diferentes ou relatavam histórias e experiências muito distintas, o que dava um caráter muito pessoal a cada conversa que eu tinha com cada uma delas. Eu tinha em mente (e no papel) o que eu desejava saber, mas a entrevista também era conduzida de acordo com o que as interlocutoras apresentavam o que tornava, as entrevistas imprevisíveis. Eu utilizei, ainda, “entrevistas projetivas”¹⁴ enquanto recurso metodológico, pois fiz uso de algumas fotos selecionadas previamente para questionar as mulheres acerca de impressões, memórias e sensações sobre o curso que eram despertadas ao olharem as imagens que produzi nele. Deste modo, tive acesso a informações que não pude alcançar somente com as entrevistas e com a observação participantes.

¹² “Diz-se das pessoas de pele branca que especialmente apresentam descendência europeia. O termo se deu origem porque a maioria dos indivíduos de cor branca surgiram na região do Cáucaso, que fica próximo ao Mar Negro.” – Retirado do site www.dicionarioinformal.com.br, acessado em 17/11/2016. Esses termos foram escolhidos por elas, eu não ofereci opções.

¹³ O modelo da ficha de identificação, assim como o termo de compromisso para autorização do uso das entrevistas, estão em anexo, no final da monografia.

¹⁴ Como afirma Mirian Goldenberg (2004), esse tipo de entrevista faz uso de recursos visuais para estimular a resposta dos entrevistados.

Para não correr o risco de esquecer nada do que eu aprendia durante o trabalho de campo, eu procurava escrever o diário de campo o mais rápido possível, pois era difícil para eu fazer anotações durante as entrevistas. Como recorri muito à minha memória, era necessário que eu passasse para o papel os detalhes, bem como as observações e impressões, com o propósito de utilizar ao máximo a “memória fresca”. Junto com o diário de campo, eu também fazia as transcrições de áudio, um estágio importante nas minhas reflexões, já que ao ouvir as conversas, eu percebia os pontos fracos da minha interação e buscava melhorá-los na próxima entrevista. Além disso, escutar com calma e poder analisar as informações que eram recorrentes, as que eram novas e as que se destacavam das outras, me permitia fazer um exercício de comparação e perceber os pontos semelhantes e divergentes das as entrevistas.

3. Estrutura e construção do texto

A estrutura do trabalho foi composta de três capítulos, onde busquei tratar das questões que considere mais relevantes para discutir o impacto do Curso de Formação de Doulas e Educadoras Perinatais da *Matriusca*, na atuação profissional e na vida das mulheres que o procuram. Por ser um tema familiar, julgar as questões que surgiram no campo como mais ou menos importantes, foi um processo desafiador, em que pude exercitar bastante o lado pesquisadora.

Antes de falar um pouco sobre os assuntos de cada capítulo, acho necessário dizer que, no início de cada um deles, trouxe pequenos textos que possuem uma narrativa de caráter pessoal. Essa foi uma estratégia que encontrei para partilhar um pouco com os(as) leitores(as) a minha condição de pesquisadora-doula e educadora perinatal, que teve como foco de estudo doulas e educadoras perinatais. Acho interessante trazer um pouco da minha experiência pessoal, uma vez que não é possível desassocia-la das minhas reflexões antropológicas, pois o trabalho trata de algo que eu já havia, de certo modo, vivenciando anteriormente. Essa condição influenciou minha pesquisa tanto em nível particular (como eu me sentia pesquisando o tema) quanto em nível coletivo, pois minhas interlocutoras sabiam da minha formação.

Dito isto, apresento aqui, resumidamente, sobre o desenvolvimento do texto e o modo como os temas foram abordados. No capítulo 1, “*Um cenário de valorização,*

identificação e pertencimento: as mulheres, a doulagem e o curso”, apresento a *Matriusca*, falo sobre o surgimento da empresa e sobre suas características, além de descrever detalhadamente o formato que o curso oferece. A questão central gira em torno do curso como algo que vai além da formação proposta pois como mostrarei adiante, as mulheres se referem a ele como sendo *transformador*, que extrapola *suas* expectativas iniciais. Para problematizar esse processo, eu trato de outros aspectos significativos do curso, discutindo o conceito de *sororidade*, refletindo sobre os papéis de gênero e algumas categorias que surgiram no campo.

No capítulo seguinte, intitulado de “*Doulagem, o curso e os (não) ditos*”, início falando sobre a profissão de doula e educadora perinatal, mostrando as configurações e os arranjos que são feitos pelas mulheres para que elas possam atuar profissionalmente, o que, na maioria das vezes, implica em conciliar essa função outras já existentes. Para isso, discorro sobre algumas dificuldades que as mulheres me relataram em seu processo de profissionalização, fazendo um contraponto entre o que se imagina e o que de fato acontece no universo da doulagem. Esta defasagem entre expectativas e realidades acontece, por causa dos “não ditos”, como indico no título. Além disso tudo, também discuto algumas questões relacionadas às emoções e corporalidade das mulheres no curso, pois se fizeram muito presentes durante o curso e também nas falas das mulheres, que sempre remetiam a sensações físicas e emocionais de suas experiências na doulagem e no curso. Dedico um tópico para falar sobre a maternidade e os tabus e dificuldades relacionados a ela. Esse foi um tema bastante abordado e discutido, pois as cursistas se sentiam à vontade para compartilhar histórias, vivências e experiências relacionadas, que muitas vezes, não haviam exposto então. Para encerrar, falo sobre duas dimensões do curso, a *terapêutica* e a *curativa*.

Por fim, no terceiro e último capítulo, “*Entre experiências e reflexões de pesquisa: produzindo antropologias*” trato dos acontecimentos, aprendizados e situações da pesquisa, compartilho com os(as) leitores(as) um pouco de como foi o processo de construção e produção do trabalho, tendo em vista minha condição de estar familiarizada com o tema. Fiz isso como proposta de repensar os processos e refletir acerca do meu comportamento enquanto pesquisadora, tendo em vista que essa foi a primeira experiência que de fato me exigiu um fazer antropológico. Também coloco em jogo minha tentativa de construir uma pesquisa mais horizontal, através de uma “antropologia compartilhada”, pois acredito que a etnografia só existe porque é uma via de mão dupla entre pesquisador(a) e pesquisados(as). Para finalizar, problematizo o uso da Antropologia Visual, que como já foi dito no início

desta introdução, possuiu um papel fundamental em todas as etapas da pesquisa, desde a elaboração do projeto, até o produto final, que é aqui apresentado.

CAPÍTULO 1 – UM CENÁRIO DE VALORIZAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E PERTENCIMENTO: AS MULHERES, A DOULAGEM E O CURSO.



Foto 3 - Nossa Casa. Parte da sala onde aconteceram as atividades do curso. Essa foto foi tirada no primeiro dia do curso, antes das mulheres chegarem. Conforme as atividades iam acontecendo, os sofás eram realocados, para não impedir a realização das mesmas.

Ao entrar naquela sala, ampla, me deparei com três mulheres. Ao vê-las, logo imaginei o que elas estariam pensando, quais eram suas primeiras impressões sobre o lugar, se seríamos amigas e falaríamos algo além de um 'boa tarde'. Naquele momento em que mal nos conhecíamos, o silêncio predominava. O contato era apenas visual, tímido, com um pequenos sorrisos no canto da boca. Assim que as outras foram chegando, a sala foi ficando encorpada, como se estivesse ganhando forma, com mulheres dos mais variados tipos. Tive um pouco de medo do que estava por vir. Eu nunca tinha passado por uma experiência parecida. Não sabia o que esperar daquele monte de mulher junta. Será que aquilo ia dar certo? Senti que sim. Algo me dizia que aquilo prometia.

1.1 - Conhecendo a *Matriusca*, uma empresa de mulheres que faz um trabalho para mulheres



Foto 4 - Placa que identifica a *Matriusca*, que fica na entrada no local. Este é o slogan da empresa, que também é impresso em cartões de contato, folders e panfletos que divulgam as atividades e serviços oferecidos por ela.

Tive a oportunidade de conhecer a *Matriusca* antes de iniciar minha pesquisa. O que, sem dúvidas, facilitou minha entrada em campo. Em 2014, por curiosidade, comecei a procurar doulas e grupos de mulheres grávidas em Brasília, ainda que não pensasse nisso como um tema para o trabalho de conclusão do curso de Antropologia. Meu primeiro contato com as doulas da *Matriusca* (ainda antes de ter feito o curso) foi através de e-mail, pedindo autorização para fotografar uma roda de conversa para mulheres grávidas e acompanhantes. As fotos que fiz, serviram para a criação de um ensaio fotográfico para uma disciplina do curso de Antropologia¹⁵. Na época, a roda de conversa foi oferecida pela *Matriusca* na Nossa Casa, uma casa na Asa Norte. Nossa Casa é o nome do espaço que promove e realiza as atividades da *Matriusca*, que até o ano de 2014 ficava em um local separado, em um escritório no Sudoeste, em Brasília. Em novembro de 2014, fiz o primeiro módulo do curso, e no mês de março de 2015, fiz o segundo e me tornei doula e educadora perinatal. A partir do segundo semestre deste mesmo ano, a Nossa Casa e a *Matriusca* passaram a dividir o mesmo espaço, situado em uma quadra comercial da Asa Norte, também em Brasília. É quase

¹⁵ Trabalho final da disciplina Antropologia Visual ofertada pelo departamento de Antropologia na graduação, no segundo semestre de 2014, ministrado pelo professor Carlos Sautchuk e pela professora Fabiene Gama. As mesmas fotos também renderam um pôster, que foi apresentado na 30ª edição da RBA (Reunião Brasileira de Antropologia), no GT de “Partos, Maternidades e Políticas do Corpo”.

impossível falar da *Matriusca* sem mencionar a Nossa Casa, pois as duas nasceram praticamente juntas. Sem contar que ambas são administradas pelas mesmas pessoas, todas mulheres e doulas.

A *Matriusca* surgiu no ano de 2012, e “é uma empresa criada por mulheres – Doulas – para desenvolver, criar e apoiar serviços e projetos, que promovam o bem estar das mulheres em todos os ciclos de vida, com ênfase no ciclo gravídico-puerperal”¹⁶. Inicialmente, além do objetivo de realizar os cursos e formar doulas e educadoras perinatais, a *Matriusca* tinha como uma de suas propostas a comercialização de livros para a ReHuna¹⁷ (Rede pela Humanização do Parto e Nascimento). Mas que por ser uma ONG, estava impedida de fazê-lo.

Atualmente, a empresa *Matriusca* oferece cursos de formação de doula e educadora perinatal, oficinas de preparação para o parto e de cuidados “naturais” no pós-parto; assim como “Ciclo de Vivências com a Parteira e Raizera Dona Flor”. Além disso, oferece serviços de doulagem, de orientação na amamentação, rodas de conversa, palestras e workshops. Também é comum a empresa sediar alguns eventos de mulheres com as quais tem parceria, geralmente pequenos cursos ou oficinas, sempre voltados para o público feminino. Porém, o motivo maior que provocou o surgimento da *Matriusca* foi a formação de doulas e educadoras perinatais, que consiste, ainda, em seu maior projeto.

A *Matriusca* baseia-se em um tripé para construir o formato de seus cursos: teoria, prática e vivências. Além do conteúdo teórico sobre assuntos que envolvem gestação, parto, pós-parto e maternidade que são discutidos nas aulas, explicarei a seguir qual é a diferença entre os componentes práticos e vivenciais. Este último consiste em dinâmicas com finalidades diferentes, que visam o autoconhecimento. É um elemento bastante valorizado na fala das mulheres que entrevistei, tanto para as cursistas quanto para as que organizam o curso. Ele aponta para características relevantes sobre o efeito do curso nas mulheres, como a importância de experiências pessoais anteriores, questão que irei aprofundar mais à frente.

A parte prática fundamenta-se no o acompanhamento de uma mulher grávida e na participação em grupos educativos já existentes (como rodas de conversa da *Matriusca* ou

¹⁶ Descrição retirada do site: www.matriusca.com.br – Acessado em 28/09/2016. Destaco que o termo “empresa” é utilizado pela própria *Matriusca*. Como a ReHuna é uma ONG, não poderia comercializar livros. Então, uma dos objetivos iniciais da *Matriusca* ao ser empresa, foi justamente, poder vender os livros da ReHuna.

¹⁷ De acordo com Fernanda Duarte: “A criação dessa rede de humanização foi iniciada a partir do encontro de profissionais de saúde que já trabalhavam diferentemente do modelo medicalizado, ou dentro do serviço público, ou em ONGs e que, por isso, necessitavam organizar e redirecionar suas práticas para elaborar novas propostas de mudanças.” (DUARTE, Fernanda. 2015: 54)

de outras doulas que não estejam ligadas à ela, ou grupos que discutam sobre assuntos de interesse da mulher grávida), para que a cursista tenha um conhecimento acerca das metodologias e formas de organização desses grupos antes de formar um, quando for atuar. Isto é algo importante especialmente para as que desejam desenvolver o papel da educadora perinatal¹⁸, atuando mais na parte informacional do acompanhamento, que é composta por dicas, sugestões, indicações de leitura/documentários/filmes e profissionais de outras áreas que possam ajudar, tirar as dúvidas da mulher gestante e auxiliar no que for necessário para que a doulanda¹⁹ se informe durante o período gestacional.

Os cursos da *Matriusca* acontecem em Brasília, mas há demandas também em outras cidades do Brasil. A *Matriusca* por vezes oferece cursos, mas é necessário contar com mulheres que estejam aptas a darem o curso nessas outras cidades. Além disso, é mais difícil conseguir toda a estrutura necessária para sua realização. É preciso, desse modo, ter uma rede de apoio local para realizá-lo. Por ano, são oferecidos uma média de 3 a 5 cursos, com turmas de mais ou menos 25 mulheres (a depender do tipo de curso que é oferecido)²⁰.

Por conta de seu crescimento e da grande demanda pelos cursos, a *Matriusca* criou um projeto chamado *Empreendedoulas*, que, como o próprio nome sugere, é uma tentativa de fazer um empreendedorismo entre as doulas. Além de descentralizar as funções na organização dos cursos e atividades oferecidas pela empresa, um dos objetivos é “fazer com que as mulheres que já estão envolvidas no projeto possam realizar o que elas já sabem fazer”, como relatou Larissa²¹, doula que participa do projeto. Ou seja, visam colocar em prática a ideia de uma *rede de apoio*²² entre mulheres, não só nas ações cotidianas, mas também nas ações de trabalho/mercado. Isso se dá porque muitas mulheres, depois de formadas, tem dificuldade para conseguir uma renda advinda da doulagem. Essa *rede de apoio* é muito presente e valorizada no discurso da *Matriusca*. Tratarei mais a fundo sobre essa *rede* e sobre o projeto *Empreendedoulas* no capítulo seguinte.

¹⁸ A princípio, os papéis de doula e educadora perinatal podem ficar confusos, pois eles acabam se misturando. Não é comum ter essas duas formações em outros lugares que oferecem os cursos. O foco da atuação da doula está no momento do parto em si. Mas para criar uma relação melhor com a mulher grávida, ela acaba realizando encontros com esta durante a gestação e, conseqüentemente, acaba exercendo o papel de educadora perinatal também. Ambos papéis estão interligados, posto que a doula precisa dominar assuntos que são tratados pela educadora perinatal.

¹⁹ Termo utilizado pelas doulas para se referir à mulher que que elas estão acompanhando.

²⁰ Larissa, uma das doulas responsáveis pela organização dos cursos, me disse que 25 é o número ideal e médio das turmas. Mas, segundo ela, já aconteceram cursos com 15 e até mesmo com, 50 mulheres.

²¹ Conforme foi autorizado, utilizei os nomes verdadeiros das entrevistadas. Optei por utilizar somente o primeiro nome, pois nos tratávamos assim e decidi não formalizar essa relação ao longo do texto.

²² As palavras destacadas em itálico são termos nativos, ditos pelas próprias mulheres durante o trabalho de campo.

Ao longo dos anos, a *Matriusca* desenvolveu diferentes formatos de cursos, para atender as demandas que foram surgindo. Um deles é o “Curso Intensivo”, que acontece em 5 dias seguidos, atendendo a pedidos de mulheres que querem ser doulas e educadoras perinatais, mas que não possuem muita disponibilidade de tempo. Outro curso, o de “Doula no Pós-Parto”, é voltado para doulas já formadas que desejam se aprofundar em assuntos do pós-parto, para oferecer um acompanhamento mais qualificado para a mulher nesse período. E tem ainda o “Multiplicadoulas”, voltado para aquelas mulheres que desejam oferecer cursos de formação no formato elaborado pela *Matriusca*. O foco da minha pesquisa é o “Curso de Doula e Educadora Perinatal”, que possui dois módulos presenciais (geralmente com a duração de dois finais de semana em dois meses distintos) e um inter módulos (período que intercala os dois módulos). Ele visa oferecer uma formação inicial para mulheres que desejam atuarem nesse meio.

Uma característica dos cursos oferecidos pela *Matriusca* que considero interessante pontuar desde o princípio, porque sempre ouço me perguntarem a respeito quando digo que o assunto da minha pesquisa são as doulas, é o fato de não existirem homens fazendo o curso. Não conheço a existência de um homem que atue como doula, sequer internacionalmente, ainda que já tenha escutado doulas relatarem que existem homens que gostariam de exercer a doulagem. Mas não pretendo fazer generalizações. Trato aqui sobre a percepção das doulas ligadas à *Matriusca*, minhas fontes interlocutoras na pesquisa. Homens que querem exercer esse papel é um assunto polêmico, pois acaba apresentando a posição da maioria das doulas: a doulagem como um espaço de atuação exclusivo de mulheres. Segundo Marilda, coordenadora geral e fundadora da *Matriusca*, a não participação de homens nos cursos foi uma questão que apareceu após sua própria experiência enquanto cursista:

No meu curso, teve um homem. Eu fiquei possessa com aquele cara! Porque ele ridicularizava as meninas, ele fez o papel de grávida e fazia aqueles escândalos, porque tinha uma parte de dramatização do parto. Hoje ele dá palestras sobre doulas nas maternidades aqui em Brasília! Você acredita? [Expressão de desgosto]. Por isso que eu falei: homem não entra! E eu me prometi!

(Trecho da entrevista realizada em 29/09/2016)

Lélia, coordenadora administrativa, também pensa que homens não devem participar dos cursos:

Minha opinião é a seguinte: todo lugar que você tem um grupo restrito de mulheres, os homens querem estar dentro! Então, não. Eu sou contrária. [...] eu, por enquanto, defendo que seja só de mulheres, até a gente criar uma harmonia e conseguir fazer as coisas que a gente quer fazer, porque é uma pra outra. Porque no dia que entrar um homem, ele vai virar presidente da associação de doulas e todas as mulheres, que não estão à disposição de fazer nada, agora vão fazer tudo, porque esse cara tá lá, sabe? Todo mundo vai enaltecer isso. [...] A gente vai se inferiorizar. Quando um cara chega, a gente se coloca sempre num nível abaixo. Porque é essa relação de poder que a gente tem. Temos que aprender muita coisa antes de conseguir isso!

(Trecho da entrevista, realizada em 29/09/2016)

A fala das coordenadoras revela um posicionamento também político e ideológico do curso, que se coloca a favor do protagonismo das mulheres, levando em conta a estrutura social ocidental em que somos criados(as). Esse é um aspecto importante, tendo em vista que são raros os espaços de socialização exclusivos de mulheres. A escolha da criação de um espaço só de mulheres, aponta para uma valorização e fortalecimento da união de mulheres. A *Matriusca* busca igualmente o reconhecimento profissional²³ das doulas a partir de uma atuação coletiva e da prestação de uma prática que é ensinada e executada somente por mulheres. Algo muito raro para nossa lógica social e para o mercado de trabalho atual. A antropóloga Sara Mendonça (2015), ao discorrer sobre a ideia de que ser doula é um papel feminino, diz que “a noção de feminilidade (...) é a de algo intrinsecamente ligado à essência da mulher” (p.166), função que os homens não estariam aptos a realizarem, uma vez que não possuem essa essência.

Considero interessante pontuar essa questão, uma vez que ela impacta diretamente nas relações e comportamentos entre as mulheres presentes no ambiente do curso. A não presença de homens é algo levado a sério pelas organizadoras, que estão sempre atentas a isso. Das duas vezes que estive em um curso da *Matriusca*, a primeira enquanto cursista, e a segunda enquanto pesquisadora, notei a presença de apenas dois homens. Quando fiz o curso, o homem era companheiro de uma das doulas que o coordenava. Quando pesquisei, o homem era esposo de uma das alunas. Em ambos os casos, a presença deles foi logo notada por mim, que já estava habituada e familiarizada com o grupo exclusivamente de mulheres. Ainda sim, a presença dos dois foram restritas e muito rápidas. Tanto que, no curso que acompanhei

²³ A discussão entre ocupação e profissão é algo que vem sendo discutido constantemente entre as doulas, que desejam ser reconhecidas profissionalmente para que possam fazer parte (oficialmente) da equipe multidisciplinar de assistência à gestação, parto e puerpério. Atualmente, a doulagem é reconhecida como ocupação, no Código Brasileiro de Ocupações (CBO 3221 - Tecnólogos e técnicos em terapias complementares e estéticas). Apesar de ter trazido a discussão sobre ocupação versus profissão, tratarei a doulagem enquanto uma profissão, pois é dessa forma que as doulas querem ser reconhecidas.

como pesquisadora, lembro que uma doula me perguntou: “*Quem é aquele homem? Não deixa ele entrar não*”. Percebi que havia uma preocupação em não deixar que aquilo influenciasse na atmosfera feminina que estava sendo construída.

As questões apresentadas durante meu trabalho de campo, nesse sentido, me levaram a buscar um diálogo com o feminismo, a fim de pensar sobre esse espaço de mulheres, criado por elas e para elas. Reconheço e entendo a pluralidade das diversas vertentes do feminismo, já que as questões e reivindicações não são iguais para todas as mulheres. Acredito que para falar sobre (ou a partir de) um feminismo são necessários recortes. Porém, irei me ater aqui, neste primeiro momento, à questão que todas as vertentes do feminismo nascido no ocidente têm em comum, e que pode ser resumida aos fatores da desigualdade entre os sexos (e também entre gênero) em nossas sociedades:

Refletir sobre o lugar das mulheres na sociedade leva a questionar o fundamento da própria sociedade, e essa indagação é marcada pelo conceito altamente carregado de patriarcado. As convenções sociais são vistas como muito impregnadas pelos valores apropriados e criados mais propriamente por um sexo que pelo outro, revelando uma dupla arbitrariedade. A sociedade é convenção. E não é convencional que os homens nela sejam proeminentes.” (STRATHERN, 2006: 36)

Pensar na doulagem enquanto uma profissão só de mulheres é repensar os valores da sociedade ocidental (e brasileira), bem como desconstruir lógicas de pensamento e conduta. E isso é um trabalho árduo, pois mexe com o imaginário social e causa desconforto nas pessoas, uma vez que não estão dispostas a se repensarem. Isso se dá, por exemplo, quando homens não são aceitos no ambiente em que são realizadas as atividades do curso ou quando são impedidos de fazê-los. Um espaço exclusivo de mulheres causa estranhamento, porque não são vistos como algo que é considerado muito comum e “normal”.

A historiadora Marilda Renilda Barreto (2001) mostra que a ciência médica brasileira teve uma grande influência da herança colonizadora europeia, onde a menstruação e a gravidez, eram vistas como “doenças de mulheres”, e “(...) as doenças, o aborto, o parto e a morte eram resultados dos defeitos, excessos ou normalidade de suas próprias fisiologias.” (BARRETO, Renilda. 2001:132) A desigualdade entre os sexos tem cunho histórico, e grande parte desse quadro foi construído pela medicina ginecológica e obstétrica, que mostrava cientificamente, como determinados corpos eram defeituosos e necessitavam de um certo tipo

de controle. Tal controle vinha tanto dos homens médicos, que tornaram o momento do parto um evento medicalizado, tecnicista e masculinizado, quanto dos maridos, pais e irmãos, que precisavam exercer um papel de superioridade e mostrar autoridade dentro das casas.

No Brasil, as doulas, assim como o Movimento de Humanização do Parto e Nascimento, surgiram como frutos de um processo reflexivo acerca do cenário obstétrico e da assistência à mulher nos hospitais brasileiros. O movimento e as doulas, defendem um atendimento mais respeitoso, onde a mulher possa ter acesso a outras alternativas e modelos de assistência, bem como ter autonomia para decidir sobre procedimentos e encaminhamentos dos processos de gestar e parir, que dizem respeito à seu corpo. E, a partir disso, a mulher passa a “ser tratada como gente”, como mostra a enfermeira Isabel Bonadio (1998) em sua pesquisa sobre o atendimento das mulheres gestantes durante o período do pré-natal. Pois o tipo de assistência que é oferecido, na visão da autora (e das doulas), contribui para determinar uma experiência de parto como positiva ou negativa.



Foto 5 - Quadro da *Matriusca*, que se encontra na entrada do estabelecimento. A foto retrata um “parto domiciliar”, tipo de parto, hoje, considerado como sendo da moda.

1.2 – Curso de formação da *Matriusca*: “um divisor de águas”

1.2.1 - Aspectos estruturais do curso

Como já foi dito, a *Matriusca* tem diversos formatos de curso. Mas focarei no Curso de Doula e Educadora Perinatal²⁴. A turma de mulheres cursistas que acompanhei, observei e fotografei, foi a 20ª turma formada pela *Matriusca*. O grupo tinha por volta de 25 mulheres. Esse quantitativo variou ao longo do curso, porque algumas não concluíram, participando apenas do 1º módulo, e outras, que já haviam iniciado em outra turma, retornaram para se formar nesta. A composição do grupo era bem heterogênea com relação à faixa etária, já que haviam mulheres com idades entre 19 e 47 anos. A minoria era mãe e uma das alunas estava grávida. A profissão de cada uma também variou muito: funcionárias públicas, enfermeiras, fisioterapeutas, psicóloga, hipnóloga, terapeuta tântrica, advogada, antropóloga, pedagoga e estudantes das mais diversas áreas. A maior parte das mulheres morava em Brasília²⁵, exceto três delas. Duas moravam no Estado de Goiás e a terceira veio de Macapá. Havia ainda uma australiana, recém-chegada no Brasil. Apesar do curso ser destinado a mulheres que desejam tornar-se doulas e educadoras perinatais e a doulas que queiram se aperfeiçoar, não é muito comum ter uma doula já formada entre as cursistas. Porém, nesta turma, havia. A cursista de Macapá, procurou a *Matriusca* para se aperfeiçoar e ter o “*certificado de educadora perinatal, pra qualificar melhor o serviço*”, como dito por ela. Algumas das alunas já conheciam a *Matriusca*, seja através de pessoas conhecidas que já haviam passado por seus cursos ou porque já haviam participado de alguma atividade oferecida pela empresa.

Apesar de não ter sido falado abertamente, nem abordado diretamente por mim com as cursistas, notei que havia uma predominância de mulheres brancas pertencentes à classe média. A vestimenta, a linguagem, o tipo de informações por elas trazidas, assim como a forma como chegavam no local (grande parte possuía carro próprio), foram elementos que indicavam uma condição financeira estável. Além do que, todas conseguiram pagar o curso, ainda que parceladamente ou com ajuda de amigos, como me relatou uma cursista durante uma entrevista.

Todas tinham ensino superior completo ou estavam cursando a faculdade. Entre as mais velhas, algumas tinham pós-graduação. Das que ainda não eram mães, o desejo de engravidar era quase unânime. Existia também as que já tinham filho(a) ou mais de um(a), mas gostariam de gestar novamente. Uma parte delas eram casadas, outras tinham um

²⁴ A *Matriusca*, com o objetivo de aprimorar os cursos, tem feito algumas modificações. Os cursos posteriores aos que eu cursei, acompanhei e observei, já foram alterados em alguns aspectos.

²⁵ Ao dizer Brasília, neste caso, considero incluídas as cidades satélites, que na teoria, são cidades separadas de Brasília (constituída apenas pelo Plano Piloto).

relacionamento estável, e algumas eram solteiras. Uma delas era lésbica assumida. Os pré-requisitos para a participação do curso eram: ser mulher, ter mais de dezoito anos e desejar fazer o acompanhamento de mulheres na gestação, parto e pós-parto. Se adequando a este perfil, é preciso efetuar a inscrição por meio de preenchimento de uma ficha cadastral e efetuar uma parte do pagamento, que pode ser parcelado (e muitas vezes é negociado, pois o valor é alto).²⁶

O curso foi separado em dois Módulos e um inter módulo, que é um tempo destinado à participação das cursistas nos grupos educativos. Neste período elas também podem se encontrar para discutir sobre o que aprenderam e desenvolver e um trabalho de reflexão de curso, que é feito em grupos.

O primeiro módulo aconteceu nos dias 3, 4, 5 e 6 de Março de 2016, em uma quinta, sexta e no final de semana, respectivamente. Na quinta-feira, o curso aconteceu de 18h às 22h, e foi destinado à acolhida das mulheres e apresentação do curso. Como havia uma roda de conversa para mulheres grávidas e acompanhantes prevista para acontecer naquele dia, a *Matriusca* decidiu integrar a atividade ao curso, que já contaria como participação em grupos educativos para as cursistas. Na sexta-feira, o curso começou mais cedo, às 14h, e já contava com atividades mais dinâmicas como vivências, oficinas e as rodas de partilha de experiências. No final de semana, os cursos aconteciam de 9h às 18h, com intervalos para o almoço e lanches, estes servidos pela *Matriusca*.

No segundo módulo, em abril, o curso aconteceu nos dias 1º, 2 e 3, também em uma sexta, sábado e domingo. O esquema dos horários foi o mesmo do primeiro módulo, a diferença foi que as cursistas já se conheciam. Nesse intervalo de quase 4 semanas entre os dois módulos, elas puderam realizar os trabalhos de reflexão de curso, que a partir de um tema livre escolhido por elas e que estivesse ligado ao universo da gestação, do parto, do pós-parto e da doulagem, elas desenvolveriam um trabalho escrito e preparariam uma apresentação para a turma (a ser feita no último dia). Além disso, ainda no inter módulos, elas teriam que começar o acompanhamento de uma mulher grávida (que geralmente é conhecida delas ou é indicada pela *Matriusca*) e participar de mais um grupo educativo.

²⁶ Mulheres estudantes, mulheres indicadas por uma doula formada pela *Matriusca* e ainda, as que são de outros Estados, ganham desconto no valor total.



Foto 6 - Bolsa personalizada que as cursistas ganham no primeiro dia do curso.

Ao iniciarem a formação, as cursistas ganharam uma bolsa, um caderno e uma caneta, além do conteúdo programático do curso e uma cópia de uma parte do livro da Fadyinha²⁷, que ensina alguns exercícios para o trabalho de parto e o alívio das contrações. Além disso, quando as mulheres se inscrevem, a *Matriusca* pede que tragam consigo uma canga/lençol (utilizados em uma das vivências) e uma almofada, para que possam se sentir mais à vontade, pois as almofadas que a *Matriusca* possui, as vezes, não são suficientes.

Os conteúdos abordados estão dentro das temáticas de gestação, parto, pós-parto e doulagem, incluindo desde assuntos mais técnicos até as experiências pessoais das alunas. De acordo com a programação, as atividades dos dois módulos, foram distribuídas entre oficinas, vivências, relatos, rodas de conversa, partilhas e aulas expositivas. Seus temas foram: “sexualidade no processo de gestar e parir”, “oficina de sexualidade”, “ressignificando partos e nascimentos”, “políticas públicas na atenção à mulher na gravidez, parto e puerpério/lei do acompanhante”, “as adaptações da mulher grávida: físicas, psicológicas, biológicas”, “os cuidados na atenção integral”, “fisiologia do parto”, “história das doulas/ o papel da doula/ ocupação x profissão”, “atenção à mulher grávida e sua/seu acompanhante/ característica do pré-natal”, “tipos e locais de parto”, “oficina: a doula na gestação: acompanhamento da mulher grávida e acompanhante/ contrato e valores/experiências de acompanhamentos/ exercícios durante a gravidez”, “cuidados naturais com o bebê”, “violência obstétrica”, “oficina: doula no puerpério”, “oficina: aleitamento materno”, “a

²⁷ FADYNHA. “A doula no parto: o papel da acompanhante de parto especialmente treinada para oferecer apoio contínuo físico e emocional à parturiente”. Fadyinha. 3ª ed. São Paulo: Ground: 2011.

importância do assoalho pélvico na gestação, parto e pós-parto”, “metodologias para a educação perinatal”, “atividade prática de metodologia para a educação perinatal”, “situações especiais na gravidez”, “vivenciando seu caminho como doula e educadora perinatal”.

Apresentar aqui os conteúdos exatamente como constavam no programa do curso, foi uma escolha que fiz, por algumas razões. A primeira, é elucidar ao leitor e à leitora do que se trata, uma vez que a doulagem é desconhecida por grande parte das pessoas. Então, esta foi uma forma de mostrar qual é, de fato, sua função e o que baseia a formação dessa profissional. A segunda, é que, ao disponibilizar o conteúdo da forma como ele foi repassado a mim e às cursistas, acredito que respeito a importância de cada módulo na formação dessa profissional. Se eu optasse em resumir-los ou escolher apenas alguns tópicos para exemplificar, iria evidenciar uns em detrimento de outros. Por acreditar que esse conteúdo programático diz muito sobre o que a *Matriusca* enxerga como sendo necessário para que uma doula esteja apta a acompanhar mulheres grávidas, decidi que seria interessante apresentá-lo de forma integral.

Outro aspecto que acho interessante ressaltar, está relacionado à roupa das mulheres. Ainda que este pareça ser um item não muito relevante, ele, na verdade, me disse muito sobre a relação entre mulheres que era construída ali:

*De certa forma, o curso tem como proposta **desnaturalizar certas convenções sociais**. A todo o tempo, é incentivada a ‘entrega’, a ‘conexão’ consigo mesma e com as outras mulheres; soltar as emoções, já que a todo tempo somos ensinadas e ensinados a não mostrá-las, pois isso é sinônimo de fraqueza. Até mesmo o próprio jeito de sentar e de se portar. Ele muda ao longo do curso. As mulheres ficam mais à vontade com o passar do tempo e dos dias. No começo, ficam mais retinhas, passam a maior parte do tempo sentadas e de pernas cruzadas. À medida que o tempo passa, ficam mais deitadas, encostadas umas nas outras, pernas abertas. A relação entre elas muda, pois a intimidade cresce. Lembro que quando fiz o curso, uma colega disse: “agora eu entendo porque elas não aceitam a presença de homens no curso. Se tivesse um aqui, duvido que estaríamos tão confortáveis assim”. A própria roupa também fica diferente. No primeiro dia, notei que as mulheres estavam mais arrumadas, com maquiagem e roupas mais formais. Já no último, as roupas eram menos informais e soltas... vestidos, saias, chinelos, roupas que mostravam mais partes do corpo (barriga, pernas). Vestido e saia são duas peças muito usadas pelas Doulas. Estampas étnicas e cabelos ao natural também. Talvez por conta dessa ‘estética mais natural’, muita gente ainda associa as Doulas a ‘hippies’ e ‘alternativas’. Mas isso não é regra, pois conheço Doulas que não se encaixam nesse perfil estético, e isso não as torna piores do que as outras.*

(Trecho editado, retirado do diário de campo. Escrito em 04/03/2016.)



Foto 7 - Cursistas depois do intervalo do almoço, esperando o curso retornar na parte da tarde.

Pensar sobre as roupas é também pensar sobre questões de pertencimento e comportamento. A roupa diz muito sobre quem somos e qual imagem nós queremos passar. Acredito que a escolha do que vestimos é um processo bem consciente, que pode estar ligado a ser aceito(a) ou não. Conforme elas foram se conhecendo mais e foram se sentindo mais aceitas, isso refletiu na roupa, que com o passar do tempo se mostrou mais descontraída e confortável (como a da cursista que está deitada no chão, na foto 7). Claro que não posso tomar a aceitação como efeito do tipo de roupa. Mas a roupa é, ao meu ver, um elemento que contribui para essa aceitação.

Por fim, antes de passar para as percepções (minhas e das cursistas) sobre a experiência de formação e discutir algumas questões que entendo como centrais no curso, acho importante apresentar quem estava responsável por conduzir suas atividades. Exceto em dois encontros, “situações especiais na gravidez” e “a importância do assoalho pélvico na gestação, parto e pós-parto”, que foram facilitados por uma psicóloga e fisioterapeuta, respectivamente, todas as outras foram conduzidas por doulas do projeto *Empreendedoulas*. O fato de serem as mesmas mulheres que conduziam as atividades e que estavam presentes na organização, de certa forma, contribuiu para a relação de confiança que foi construída no ambiente. Segundo a doula Larissa, “[...] cria uma empatia melhor. Todo mundo sabe quem é quem [...] então cria um relacionamento melhor com as cursistas.” É igualmente importante pontuar, que a participação das cursistas nas atividades e nos debates era muito assídua. Tão assídua que, constantemente, as organizadoras tinham que notifica-las sobre a passagem do

tempo, para que o prolongamento de determinadas atividades ou debates não prejudicasse a realização das outras atividades.

1.2.2 - Algumas descobertas - aspectos não tão visíveis do curso

Porque, a princípio, no primeiro dia, eu fui achando que a gente ia sentar em cadeiras, né? [risos] Com um quadro negro, vamos estudar o parto! E foi completamente diferente! Todo mundo sentada no chão, todo mundo à vontade... aquilo ali já me pegou de surpresa! Falei: Uau! Que legal!

(Trecho da entrevista com a cursista Taciana, realizada no dia 18/05/2016)

Taciana descreve o que ela e a maioria das cursistas sentiram ao se deparar com um formato inovador de curso. Os sapatos ficavam na entrada do espaço, atitude que impedia que o local onde elas sentassem e deitassem, ficasse sujo. Além disso, no início de todos os encontros, as mulheres trocavam abraços como forma de desejar um bom dia umas para as outras. Ainda que tenham tido aulas mais expositivas e teóricas, as mulheres estavam livres para ficarem onde achavam melhor, na posição que desejassem. A sala onde o curso aconteceu era bem ampla, possuía dois sofás, uma poltrona, uma cômoda e um painel para a projeção de imagens, vídeos e apresentações, além de algumas bolas de “pilates” que eram utilizadas como apoio ou assento. O restante do espaço ficava livre para que as mulheres se acomodassem como desejassem, de acordo com cada atividade: nas oficinas, em grupos separados; nas horas de partilha de experiências, sentadas em roda; na hora das vivências, em pé (dançando ou fazendo alguma atividade mais prática, como alongamentos).

Todas essas performances, vividas propositalmente conscientemente ou não, foram pensadas pela *Matriusca*, com o objetivo de criar uma *atmosfera acolhedora*, onde as mulheres poderiam se sentir livres para se expressar como quisessem e como pertencentes àquele lugar. O fato de todas ali poderem se conhecer melhor, saber quem era quem, proporcionava uma sensação “*de unidade, um companheirismo, uma vontade de estar junto*”, como me contou a cursista Cynthia durante uma entrevista. Isso faz parte do que a *Matriusca* chama de *ambiência*. A *ambiência* é criada através de elementos simbólicos como os abraços, dinâmicas, músicas e almofadas espalhadas pelo chão, por exemplo. Eles ajudam na construção de um lugar mais aconchegante e acolhedor, onde a mulher pode se sentir bem.



Foto 8 – Mulheres reunidas em círculo para o início de uma partilha de experiências. Esses eram momentos considerados “mais sérios”, porque eram neles que as cursistas se abriam, geralmente.

A *ambiência* é, em parte, responsável por favorecer uma relação de confiança entre as mulheres que partilham aquele momento, e é construída de duas formas. Pelas próprias cursistas, que aprendem a se respeitar, a lidar com as opiniões divergentes, a acolher e a aceitar umas às outras. E também pelas doulas da *Matriusca*, que a todo tempo, destacam o respeito mútuo como fundamental, da mesma forma que falam sobre a importância de manter em sigilo as histórias que ali são compartilhadas.

Porque como é um curso muito polêmico, que trata das mais diversas questões, questões éticas, questões pessoais... Então assim, né, tinha muita coisa que eu discordava no início [...] No segundo módulo, foi muito mais tranquilo, assim, em questão de respeito. Até de me respeitar. Quando eu via que o negócio não tava indo pra um lado muito confortável pra mim, eu até saía, bebia uma água, depois voltava.”

(Trecho da entrevista com a cursista Tatiana, realizada no dia 03/05/2016)

O respeito como um valor, serve não só para facilitar a convivência entre as mulheres, mas também aparece como indispensável na atuação da doula, pois ela não sabe com quais situações vai se deparar. Seja em uma situação onde estará acompanhando uma parturiente e esta é violentada pela equipe, ou seja porque a mulher que ela irá acompanhar na gestação não possui as mesmas crenças que ela. Diversas são as possibilidades onde a doula

deverá exercer e/ou experimentar o respeito pela diferença. É um valor socialmente construído, que é tido no discurso da *Matriusca* como essencial para uma boa relação entre doula e mulher grávida, durante um acompanhamento. Respeitar a outra, aqui, significa também, se respeitar, na medida em que você precisa *se conhecer* a fim de saber reconhecer quais serão seus limites de atuação. E para fazer com que as cursistas se conheçam, para a *Matriusca* é necessário um exercício de olhar pra si. O que acontece através de um dos três pilares do curso, a parte vivencial.

As vivências são consideradas como um diferencial da *Matriusca*. Tais atividades foram trazidas por Marilda, coordenadora geral da empresa, que antes de fundá-la, era facilitadora de Biodança²⁸ e acreditava que havia uma necessidade de destinar parte do curso para que as mulheres pudessem se expressar, se conhecer, se entender. A parte vivencial do curso tem o objetivo de desconstruir medos, angústias, frustrações e qualquer tipo de sentimento negativo que uma mulher possa trazer consigo. Acredita-se que quando a mulher entra em *contato com ela mesma*, ela consegue entender o porquê de alguns acontecimentos e é capaz de “tratar” certas coisas que a impediam de fazê-lo antes. Esse é um dos pré-requisitos para atuar como doula e educadora perinatal da *Matriusca*: estar bem consigo mesma para poder cuidar da outra. Nesse sentido, o curso acaba oferecendo indiretamente para as cursistas, ferramentas que vão além da formação profissional como doula e educadora perinatal. Mas que acabam se mostrando tão importantes para essas mulheres quanto a formação em si.

E este é um dos pontos, se não o principal, que eu gostaria de chamar atenção neste capítulo. Ao longo da minha convivência com as cursistas e com as próprias doulas que conheço, fui percebendo semelhanças nas falas quando se referiam ao curso da *Matriusca*. Ainda que fosse algo sempre ressaltado e evidenciado no discurso das organizadoras do curso, era algo que, a princípio, tinha aparecido para mim como uma questão secundária, algo não tão relevante no início da observação. Entretanto, com o desenvolvimento do trabalho de campo, fui percebendo que esse ponto se mostrava muito importante para as cursistas, que mesmo antes de receberem o certificado de formação, já diziam sobre quanto o curso estava sendo *transformador* em suas vidas. Ao fazer um exercício mental de relembrar a minha

²⁸ De acordo com o site “Pela Natureza”, a Biodança “tem por objetivo estimular a comunicação das pessoas com o próprio corpo e com as outras pessoas, mas também permitir uma fuga à rotina quotidiana, de forma divertida e equilibrada. A prática de biodança vai assim além do conceito de movimentar-se e trabalha a evolução do indivíduo, desenvolvendo o seu lado emocional, além do aspecto físico.” Retirado do site www.pelanatureza.pt, acessado em 10/10/2016.

própria experiência como cursista, com o propósito de comparar e analisar pontos divergentes e convergentes, notei que eu também partilhava da mesma opinião. Lembrei o quão transformador o curso havia sido para mim. Lembrei que a minha fala era praticamente a mesma daquelas mulheres:

Eu acho que existe um antes do curso e um depois do curso. Acho que a gente muda muito.

(Trecho da entrevista com a cursista Camila, realizada no dia 01/06/2016)

Eram mulheres, com mulheres, para as mulheres. Então assim, acho que o curso inteiro foi isso. E isso eu vou levando pra frente, né? Eu melhorei muito minhas relações com minhas amigas. Muito mais! [...] Eu já era companheira, muito parceira e tal. Mas eu aumentei infinitamente mais com essa questão da doulagem.

(Trecho da entrevista com a cursista Kelly, realizada no dia 01/06/2016)

Então, fazer o curso, pra mim, foi essencial nesse sentido: de estar em malhas femininas, de estar conectada com essas mulheres, de estar entre as mulheres todas e sentir que eu posso ser frágil, que eu posso ser louca, que eu posso deixar esse lado feminino-bicho aflorar também!

(Trecho da entrevista com a doula Gláucia, realizada no dia 01/09/2016)

Com base nestes trechos, levando em conta a observação do curso e as conversas que tive com as cursistas e doulas, vejo que o significado dele vai além da formação que promete, uma vez que as mulheres fazem questão de dizer o quão ele foi importante para elas pessoalmente. Isso foi unânime entre todas as mulheres com as quais conversei, ainda que em medidas diferentes. Pois ele pode ser mais *transformador* para umas e menos para outras. Mesmo que todas as mulheres relatem terem concluído o curso de forma diferente da que iniciaram, a intensidade dessa mudança é definida pela trajetória de cada mulher.

E em meio a todas essas transformações, o sentimento de pertencimento, de acolhimento e de uma unidade enquanto grupo que possui algo em comum (o sexo e/ou o fato de estar fazendo o curso), surge uma categoria nativa fundamental para entender a lógica das relações que são criadas no curso: a *sororidade*. No começo da observação, não me atentei à importância da *sororidade* como categoria do discurso, ou prática do curso. Mas conforme fui conhecendo as cursistas, e me desfamiliarizando da minha própria experiência como cursista,

a importância da *sororidade* para estas mulheres tornou-se expressiva, revelando uma perspectiva do curso que não me estava dada logo de início.

Porém, antes de prosseguir, acho pertinente esclarecer algumas coisas sobre o conceito de *sororidade*, visto que meu intuito é trazer alguns pontos que considero importantes para pensar o curso e seu impacto na vida das mulheres que o fizeram. Para isto, farei novamente um diálogo com o feminismo, pois ele nos ajuda a entender essa categoria, que foi (e ainda é) tema para debate.

Na década de 80, o termo *sororidade* estava ligado a uma ideia de que existia uma solidariedade natural que advinha das características biológicas das mulheres, algo que fazia parte de sua essência e criava uma “feminitude” que as aproximava, sem levar muito em conta as diversidades, pluralidades e relações de poder existentes (COSTA, Suely. 2009). Acreditava-se que essa solidariedade natural seria suficiente para unir todas as mulheres em prol de um objetivo em comum. O fato é que existem outras características que diferenciam as mulheres, tornando o processo identitário mais complexo e a universalidade, insuficiente para abarcar toda a pluralidade. Essa é uma característica da chamada terceira onda feminista, que, segundo a historiadora Suely Costa (2009) “*reconhece, com nitidez, as pluralidades femininas*” e critica, de certo modo, o essencialismo existente entre as mulheres.

Dito isto, quero agora problematizar a questão da *sororidade* vivida pelas cursistas, uma vez que essa categoria apareceu de duas formas em nossas conversas, conforme ambos sentidos do conceito que tratei anteriormente: como parte da essência do feminino e como um processo identitário que nega esse essencialismo.

[...] uma das coisas que eu coloquei em uma das apresentações: ah, o que você veio buscar aqui no curso? Falei: sororidade! Acho que o papel da doula é ser companheira, sabe? Uma irmã ali presente. E no curso, isso é bem trabalhado. A questão vivencial e tal.

(Trecho da entrevista com a cursista Cynthia, realizada no dia 25/05/2016)

[...] o curso ele foi bem decisivo pra me encarar como mulher, pelas imersões que a gente faz. Que a Marilda faz. Tá ali com mulheres incríveis. E são todas muito diferentes. Tem umas que você não concorda, né? Tem outras que é até difícil praticar sororidade, mas você vê que são mulheres grandiosas, entendeu? Mesmo sendo diferente de você.

(Trecho da entrevista com a cursista Inaé, realizada no dia 06/05/2016)

E você fica muitos dias, convivendo com várias mulheres. E lidar com uma educação tão sexista, de você não ver uma mulher como sua parceira e sim como sua inimiga, consegue conviver melhor. Não tô falando que todo mundo sai daqui se amando não. Mas começa a se observar, sabe? Observar que tem histórias que são bem parecidas, observar que tem histórias que estão bem distantes. Ou observar que existe, naquela outra mulher, questões que eu nunca havia pensado, sabe? Então eu acho que muda, porque a gente começa a se abrir pra além dessa competição que é imposta, entre nós, mulheres.

(Trecho da entrevista com a coordenadora Lélia, realizada no dia 30/09/2016)

As falas mostram que as mulheres envolvidas com o curso, entendem que é preciso haver um *resgate* dessa *sororidade*, deste outro modo de se relacionar entre mulheres e de se perceber. Entendem que é preciso fazer uma tentativa de se olhar sem se julgar e exercitar a empatia, como se fosse algo dado na essência de todas elas. Entretanto, há também um entendimento das diferenças, que são admitidas por elas, pois é algo que independe da prática da *sororidade*. Está inerente ao processo de socialização que cada uma recebeu, pois somos sujeitos pertencentes a contextos sociais diversos. Nesse sentido, é interessante pensar sobre o limite dessa *sororidade* no curso e em quais momentos ela é acionada ou não, tomando como algo que não é essencial.

O interessante é que, durante o tempo em que acompanhei o curso e observei as relações, não ficou claro para mim que existia essa dificuldade de convivência. Ou seja, neste primeiro momento, a minha hipótese é de que era a todo tempo acionada. E arrisco dizer que pode até não ter ficado claro para as próprias cursistas, que ficaram muito envolvidas com a atmosfera acolhedora e feminina, o que as incentivava a ter sempre um olhar empático e praticar a *sororidade*. Percebi que ela prevalecia enquanto um valor fundamental, pois por mais que houvessem desacordos internos, opiniões e pensamentos divergentes, a *sororidade* só era ativada porque existia um consenso entre o grupo, onde a base das relações precisava ser respeitosa. Então, nesse sentido, a *sororidade* vinha como consequência de uma norma de conduta que havia sido combinada e estabelecida no início do grupo. A norma de que as relações precisavam ser respeitosas, de que não haveria julgamentos sobre crenças, sigilo das histórias compartilhadas e de que as discussões e críticas ali precisavam ser construtivas ao invés de destrutivas. Deste modo, podemos pensar na existência de uma influência didática, que ensina a essas mulheres uma outra forma de se relacionar. A *sororidade* é sim praticada, mas somente após as cursistas entenderem que precisa haver um *resgate* dela enquanto um valor.

O aprofundamento dessas questões só foi possível por conta das entrevistas que fiz. Nesse sentido, vejo a tamanha importância da relação de confiança que é construída entre as pessoas que estão envolvidas na pesquisa, e nesse caso em específico, entre eu e minhas interlocutoras. Tomar a questão da *sororidade* enquanto um dado da pesquisa e torná-la categoria, só foi possível porque tive a oportunidade de conversar com as cursistas em um momento posterior ao curso. Uma grande vantagem da etnografia²⁹.

Por fim, antes de concluir o capítulo, gostaria de ressaltar mais alguns pontos. Parte do trabalho da *Matriusca* possui um caráter de engajamento político e social, pois elas estão preocupadas em desconstruir certas coisas que estão naturalizadas socialmente. O *resgate* da cumplicidade, da união e da *sororidade* acabam aparecendo como elementos necessários para a formação dessas mulheres como doulas, à medida que precisam rever conceitos, atitudes e comportamentos que sempre estiveram presentes em suas histórias de vida. Por esses motivos, reafirmo o que disse no começo do capítulo: o curso representa mais do que uma formação. A partir do exercício de estranhar sua realidade, elas começam a lidar com problemas emocionais e, através desse (auto)cuidado, se tornam aptas a cuidar de outras mulheres, grávidas.

O curso da *Matriusca* dessa forma, estimula essas mulheres a desconstruírem pensamentos e condutas, incentivando outros comportamentos sociais entre mulheres. O fato de se tornarem doulas já é por si só, meio caminho andado para esse processo de desconstrução, uma vez que o serviço da doula se ampara no cuidado, no apoio, na empatia. Fazer um serviço como esse, nos dias atuais, onde as pessoas mal se conhecem, requer um esforço para sair da zona de conforto emocional. Para que uma doula consiga apoiar e oferecer suporte para outra mulher, ela precisa primeiro *olhar pra si*, enfrentar seus medos enquanto mulher, mãe, se entender. A partir daí, ela conseguirá agir como um “amortecedor afetivo” de outra mulher, usando o termo de Soraya Fleischer (2005). Amortecedor no sentido de amparar a mulher grávida, de estar presente para diminuir o impacto das notícias, das dores e das emoções.

²⁹ Aprofundarei essas questões sobre a pesquisa e minha experiência nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 2 – DOULAGEM, O CURSO E OS (NÃO) DITOS



Foto 9 – Trio fazendo uma das atividades iniciais, com o objetivo de se conhecer antes de fazer a apresentação geral. Nessa apresentação, cada mulher apresentava a outra para o resto da turma.

Descobri a doulagem em um programa de TV a cabo sobre partos. Curiosa, fui procurar saber um pouco mais, e nisso, compreendi o que seria um parto respeitoso. Entendi que gestar, parir e nascer podiam acontecer de maneiras diferentes das que eu escutava e sabia até então. Na minha cabeça, se algum dia eu parisse, estava certa de que seria no hospital, com profissionais de saúde. Não é uma ideia errada, mas eu só quero dizer que eu (e a maioria das mulheres) não conhecia outras alternativas, como as Casas de Parto ou as Parteiras, por exemplo. O direito à informação? Quase que inexistente. Quando fiz o Curso de Doula e Educadora Perinatal, passei a desconstruir várias ideias que tinha sobre maternidade, gestação, parto e até mesmo sobre como eu me enxergava perante o mundo. Passei a pensar mais sobre minhas prioridades, sobre minha relação com o meu corpo e até mesmo como era minha relação com as outras mulheres. Foi um exercício antropológico que aconteceu de forma não (tão) intencional, de muita reflexão. E não digo que ele terminou não, porque tem sido um enorme aprendizado. Acredito que será eterno. O mundo da doulagem me abriu um universo, interno e externo a mim. Ampliou meus horizontes, sem que eu precisasse sair do lugar. Fez-me ficar um tanto mais atenta, porque nem tudo são flores

também. Encontrei algumas dificuldades na questão da doulagem, porque não era tão romântico quanto eu pensei. Frustrrei-me também, porque descobri que não podia ajudar minhas doulandas e as mulheres de modo geral. Não da maneira que eu queria, não tanto quanto eu queria. Mas me sinto grata por ter tido a oportunidade de ter feito o curso. E é como eu disse... tem sido aprendizado. Constante.

2.1 – A doulagem e suas diversas faces: configurações de uma profissão.

Ao longo da minha trajetória enquanto doula (que não é tão longa, mas de apenas 1 ano e alguns meses) sempre ouvi histórias negativas sobre atendimento na gestação e no parto. Também ouvi/li muitas mulheres relatando o lado ruim da maternidade, assim como histórias de “vivência negativa no parto”, como mostraram Viviane Leão et. al (2006), em pesquisa sobre o papel da doula na assistência à parturiente. Apesar de esse último fator ser trazido por outros trabalhos, como o de Karla Souza et al (2010), “História oral: a experiência das doulas no cuidado à mulher”, essa foi uma constatação que tive mesmo antes de iniciar a pesquisa, ainda quando fazia o curso. Este dado é importante porque grande parte das mulheres que já são mães e desejam se tornar doulas, já tiveram alguma experiência que consideraram negativas durante o ciclo gravídico-puerperal³⁰, algo que as impulsionou à procurar à formação. Entretanto, nem todas as doulas são mães³¹, e estas representam uma grande parcela das cursistas.

As motivações que levam as mulheres a fazerem tais cursos são diversas. As entrevistas revelaram outros motivos que não estão ligados à uma experiência negativa de parto, mas que apontam para pontos em comum: uma transformação em suas vidas. Com base nas entrevistas que realizei com 6 cursistas e 2 doulas, notei que todas buscavam algum tipo de mudança em suas vidas, e entrar para o curso de doula e educadora perinatal, se apresentava como um dos caminhos para isso. Mas a princípio elas não estavam sempre tão

³⁰ Período que compreende a gestação, parto e pós-parto.

³¹ O fato de uma doula não ser mãe e nem ter parido gera algumas discussões acerca do potencial que essa mulher tem de compreender uma dor experimentada por outra sem nunca ter sentido. Mas são poucas as pessoas que são contra a mulher doular sem ter parido. Alguns dos argumentos utilizados para defender que toda mulher é capaz de doular são: a mulher tem útero, então provavelmente já sentiu cólica menstrual (que se assemelharia à dor da contração) em algum período de sua vida fértil; ainda que a mulher não tenha útero, ela pode ter empatia o suficiente para compreender a dor da outra; a fisiologia corporal aproxima uma mulher da outra.

conscientes disso, ou seja, de que o curso poderia oferecer esse resultado, além da formação que ele prometia.

Uma das cursistas que entrevistei, Tatiana, que possui 24 anos, não é mãe e é psicóloga, me contou que havia feito o curso por indicação de uma amiga, com o intuito de unir a doulagem e a atual profissão, pois estava em momento de *“buscar novas coisas, novos meios, além da psicologia clínica”*. Outra cursista, Taciana, 25 anos, mãe de duas crianças, contou que procurou o curso porque não queria que outras mulheres sofressem violência obstétrica, assim como ela sofreu. E além disso, ela via a doulagem como uma *“porta de entrada pra obstetrícia”*, pois tinha o desejo de ser enfermeira e se especializar nessa área. Uma terceira mulher, Cynthia, 43 anos, também mãe, me contou algo ainda mais diferente, que havia procurado o curso por um motivo religioso. Ela estava passando por uma formação de sacerdotisa e disse: *“a Deusa a quem eu vou servir, ela é protetora das parteiras e dos bebês. Então achei que seria bacana eu ter a experiências de partos e de doulagem”*.

Como foi discutido no primeiro capítulo, o curso oferece então, um aprendizado de novas condutas e formas de sociabilidade entre mulheres. Um caminho para a construção das mudanças que tais mulheres buscam promover em suas vidas profissionais, mas também pessoais. Essas mudanças podem ser internas, no sentido emocional e/ou psicológico, ou externas, como uma profissão a ser seguida, e pode romper ou complementar práticas atuais. Nenhuma das entrevistadas tinham como fonte de renda somente a doulagem. Exceto as coordenadoras, que estão totalmente envolvidas com a prática, até mesmo politicamente, fazendo seu ativismo social. Dentre as cursistas que entrevistei, uma era enfermeira, outra advogada, duas eram servidoras públicas, uma psicóloga, uma estudante e outra estava na profissão “mãe”, como ela mesma se autodenominou. Duas das outras mulheres com quem conversei, além da doulagem, exerciam profissões menos formais: uma fazia bolos caseiros e outra atuava como terapeuta, oferecendo serviços de constelação familiar³².

Viver da doulagem ainda é algo tido como difícil entre as mulheres que exercem essa profissão. Existem algumas razões para que essa ideia seja difundida. A primeira delas, é justamente o fato da doula não ser reconhecida como uma profissional, de não ter o seu *“ofício validado”*, como me disse Gláucia. Isso é decorrente de uma segunda razão: o desconhecimento das pessoas acerca do seu papel. Pois muitas vezes, a doula é confundida

³² Eu poderia ter feito uma descrição mais densa sobre o perfil de cada uma das minhas interlocutoras. Porém, como mais à frente eu tratarei de histórias muito íntimas e acabei optando por não identificar esses relatos, escolhi fazer uma exposição mais sucinta das entrevistadas. Fiz isto para evitar que elas fossem facilmente identificadas quando narro as histórias não identificadas.

com parteira ou pensa-se que sua atuação acontece apenas no momento do parto. O desconhecimento vem também por parte dos(as) profissionais de saúde, que a enxergam como uma “intervencionista”, como aquela que vai atrapalhar, que vai fazer escândalo ou que pode pôr a mulher ou o casal contra a equipe médica. Pela falta de conhecimento, muitos(as) profissionais acabam não tendo um olhar positivo sobre as doulas, que não possuem acesso livre nos hospitais³³, um problema constantemente vivido e criticado por elas. Isso, segundo a cursista Taciana, poderia ser resolvido a partir do momento em que os médicos vissem que o trabalho da doula não interfere no dele, podendo a parturiente se beneficiar do fato que cada um reconheceria seu papel na assistência à essa mulher, criando um “*momento multidisciplinar*”, expressão também dita por Taciana. Além disso, a profissão “doula” não é muito valorizada. As pessoas pensam que não se deveria cobrar um preço por um tipo de serviço que é baseado no cuidado e no afeto³⁴. Essas foram algumas das principais dificuldades em doular, que as mulheres com quem conversei me relataram.

Além das razões acima citadas, uma parte das mulheres enfrenta outra dificuldade na doulagem. Uma vez que a maioria já possui outras profissões, isso acaba por dificultar a conciliação entre trabalho e acompanhamentos enquanto doula. Ou seja, é preciso existir uma conciliação da doulagem com a sua rotina de vida, que pode incluir os cuidados com os(as) filhos(as), a família, a casa e outras atividades das quais a mulher seja responsável. É necessário ter uma rotina flexível para fazer encontros com a mulher grávida, caso ela demande e deseje, além do momento do parto em si, no qual não se sabe quanto tempo irá durar, se for natural, por exemplo. Há também as mulheres que engravidam³⁵ logo após o curso. E há ainda, as que se sentem desestimuladas por não conseguirem atuar profissionalmente enquanto doulas.

Dependendo de tais fatores, é difícil seguir motivada e continuar doulando. E além das razões que listei acima, que tornam a profissão um tanto quanto difícil, se a mulher não possuir apoio de outras doulas e até mesmo das pessoas que convivem com ela (pois também é difícil explicar para parentes, companheiros(as) e amigos(as) o que uma doula faz), ela acaba “*se perdendo*”, como disse a doula Gláucia e desistindo da doulagem. Segundo as

³³ A Lei nº 5.534, de 28 de Agosto de 2015, faz com que a entrada das doulas passe a ser aceita nos hospitais do Distrito Federal. Há essa obrigatoriedade em outros Estados do Brasil, como Rio de Janeiro e João Pessoa.

³⁴ Essa é uma reclamação muito comum entre as doulas. Por duas vezes, eu mesma vivi essa experiência quando mulheres que eu buscava acompanhar, desistiram do acompanhamento quando eu disse que cobraria um preço (ainda que simbólico). Qual o preço a ser cobrado, é também uma pergunta frequente que as futuras doulas fazem para às mais experientes.

³⁵ Quando fiz o curso, lembro que as doulas diziam para tomarmos cuidado, porque o curso era “*fertilizante*” e muitas mulheres engravidavam depois. Da minha turma, 2 cursistas e 2 monitoras engravidaram após o curso.

coordenadoras do curso, menos da metade das mulheres que se formam, seguem como doulas após o curso. Algumas das mulheres já entram no curso sabendo que não terão tempo suficiente para se dedicar a doulagem:

Por enquanto, eu nem tenho tempo pra isso. Porque como eu trabalho, praticamente, de domingo a domingo, eu não tenho tempo. Não tenho tempo disponível pra doular igual eu gostaria. Igual eu pretendo, no futuro. Mas eu tento, na medida do possível, doular.

(Trecho da entrevista com a cursista Audirene, realizada no dia 18/06/2016)

Eu não tenho essa disponibilidade. Eu me toquei agora, durante essas doulagens, né? Porque eu sou Servidora Pública e tenho horário a cumprir, com ponto eletrônico e tudo. E eu não posso abrir mão disso. Eu vivo disso, é o que me banca. A mim e a minha filha. Então, é... não vai dar pra conciliar com o trabalho de doulagem. Eu acho que, talvez, eu teria interesse de fazer uma doulagem voluntária. Ficar de plantão na maternidade e doular uma mulher sem recursos, sabe? Que cai lá sem acompanhante ou muito assustada. Isso eu acho que consigo me organizar pra fazer.

(Trecho da entrevista com a cursista Cynthia, realizada no dia 25/05/2016)

Deste modo, pode-se constatar que o curso acaba atraindo também mulheres que não necessariamente tem a doulagem como foco principal. No caso das duas cursistas acima, Cynthia viu na doulagem uma possibilidade de ampliar seu conhecimento acerca do universo da gestação e do parto, para acrescentar à formação de sacerdotisa. Já Audirene, que é enfermeira obstétrica, fez o curso por indicação de duas doulas que começaram a atuar no Posto de Saúde em que ela é supervisora e, durante as aulas, percebeu que poderia mudar sua práxis. Nesse sentido, pode-se aferir que o perfil de mulheres que buscam o curso é variado, pois são múltiplas as motivações que levam essas mulheres a procurá-lo.

Em uma das entrevistas, uma interlocutora me disse que haveria uma tendência de perfil: as mulheres que buscariam o curso seriam aquelas que lidariam com o mundo de maneira “mais natural”. De fato, em sua grande maioria, as cursistas possuem uma consciência corporal e ambiental que acaba se destacando da que é vivida pelas mulheres da nossa sociedade de maneira geral. Muitas estão ligadas a terapias alternativas, têm conhecimentos prévios de massagem, aromaterapia, acupuntura, algumas são vegetarianas, outras veganas, não utilizam produtos químicos na pele ou no cabelo, por exemplo. Algumas são estudiosas do sagrado feminino, que segundo a definição do blog “O Despertar do

Feminino”, “(...)é o resgate de uma consciência antiga que nos retorna aos valores de nós mulheres num todo, social, pessoal, psicológico, religioso, cultural, além de uma busca pela atitude ecologicamente correta.”³⁶ Mas por outro lado, existem também as que nunca tiveram contato com essas práticas “alternativas”, por assim dizer, e ainda, as que estão no meio termo. Havia as mulheres que estavam sempre vestidas com roupas e acessórios como óculos escuros e bolsas consideradas da moda. Mas isso não as impedia de ter conhecimentos ditos alternativos, pois os dois não precisam ser excludentes. Assim como observado pela antropóloga Rosamaria Carneiro (2015) em sua tese de doutorado, sobre as mulheres que buscam um parto “mais natural” ou humanizado possuírem diferentes perfis que não necessariamente se adequam a um tipo de estereótipo: as cursistas também possuem um perfil variado. Ou seja, ainda que exista uma tendência para tipos de práticas ditas “mais naturais”³⁷, estas não são fatores determinantes para o perfil das cursistas, pois como foi dito anteriormente, as motivações que as levam a procurarem o curso são diversas.

2.1.1 – Legitimidade e os “produtos” da doulagem.

Ao contrário dos vários relatos sobre as dificuldades que as doulas encontram para continuar seguindo na profissão e se sustentar financeiramente dela, Marilda, coordenadora do curso que é doula há mais de 5 anos, refutou esse pensamento, dizendo que é possível viver somente da doulagem. Ao perguntar como, ela me respondeu dizendo que a *“doulagem é um dos produtos da doula”*. Ou seja, na visão de Marilda, doular é algo que vai além do acompanhamento na gestação, no parto e no pós-parto. Para ela, uma doula pode oferecer outras atividades para gestantes, tentantes (aquelas que estão tentando engravidar) e mulheres paridas, tais como as rodas de conversa, oficinas e cursos. Podendo, desta maneira, oferecer um serviço mais completo e diferenciar seu atendimento.

Para a *Matriusca*, a doula precisa também ser uma educadora perinatal, pois parte de seu trabalho é direcionado a esses outros serviços, que visam estender o trabalho das

³⁶ Trecho retirado do blog www.odespertardofeminino.blogspot.com.br, acessado em 19/11/2016.

³⁷ Tais práticas fazem parte da própria estrutura e didática do curso, visto que há uma valorização por cuidados “mais naturais” com o bebê. Alguns exemplos são a preferência das doulas pelo uso das fraldas de pano ao invés da descartável, a não utilização de produtos voltados para bebês de marcas conhecidas (alegando que são prejudiciais à saúde) ou ainda, a utilização de banhos de chás de ervas consideradas calmantes, para o alívio de cólicas ou simplesmente acalmar. Essa valorização é tão forte que há, no curso, uma parte dedicada à isso: a aula de “cuidados naturais com o bebê”.

doulas para outras formas de atuação, que não só o acompanhamento na hora do parto, como é difundido socialmente. A diferença entre a doula e a educadora perinatal, é que esta “(...) orienta, auxilia, informa e apresenta as mudanças físicas e emocionais da gravidez, parto e puerpério; ajuda na elaboração do plano de parto; apresenta recursos não-farmacológicos para lidar com a dor e os desconfortos durante a gravidez, parto e pós-parto; colabora com a formação do vínculo mãe-bebê, com o aleitamento materno e incentiva práticas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde e Medicina baseada em Evidências.³⁸”, de acordo com a definição trazida pelo blog “Doulando Amor”. Já a doula, que é uma acompanhante de parto treinada, possui uma atuação mais ativa na hora do parto, auxiliando a parturiente emocionalmente e fisicamente. Deste modo, as doulas da *Matriusca* possuiriam esses outros “produtos”, uma vez que o título de educadora perinatal abrange mais campos do que o de doula, que permitiriam sua sustentabilidade financeira. Alguns exemplos de outras atividades oferecidas por doulas, além do acompanhamento são: aulas de yoga, aromaterapia, acupuntura, fisioterapia, fitoterapia e etc. Segundo Fadynha:

Embora não seja obrigatório que a doula utilize essas terapias em sua prática, é um trabalho complementar interessante. E, acima de tudo, seja qual for o caminho percorrido para tornar-se uma doula profissional, é importantíssimo que a mulher procure uma atualização constante, e através da participação em cursos de reciclagens e congressos, e da leitura de livros e outras publicações sobre o assunto. Esta será uma garantia para que se conquiste maior espaço no mercado de trabalho. (FADYNHA, 2014: 83)

Essa necessidade de profissionalização, capacitação e diferenciação, são características da doula moderna, em contraposição à forma tradicional como a doulagem era praticada entre mulheres da família ou conhecidas. Segundo Tônia Costa et. al (2006), em artigo que trata sobre o corpo feminino enquanto instrumento de controle social, os autores abordam o parto dentro desse processo, dizendo que “o conhecimento cirúrgico e tecnológico aproxima a medicina do parto (Vieira, 2003), possibilitando a criação da obstetrícia (século XVIII) como área de saber médico e a quebra da hegemonia das parteiras (mulheres).” (p.369) (COSTA, Tônia et. al, apud VIEIRA, 2003.) No cenário atual, com a chamada “medicalização do parto”, o parto deixou de ser um evento de mulheres, que acontecia dentro do ambiente familiar. A figura da doula (res)surge, precisando se adaptar às configurações existentes, relacionadas ao cenário onde o parto acontece. Outra característica da prática

³⁸ Trecho retirado do site www.doulandoamor.wordpress.com, acessado em 19/11/2016.

contemporânea é que a doula não é mais uma mulher do relacionamento familiar da gestante, mas uma profissional do mercado de trabalho.

De certo modo, essas características como a profissionalização e a reciclagem através de cursos e estudos contínuos, são fundamentais para que as doulas possam ter legitimidade para lidar com o ambiente médico-hospitalar no qual os partos estão inseridos. É uma forma de mostrar eficácia e provar responsabilidade perante o acompanhamento que está sendo realizado. Ainda que seja uma profissão baseada no cuidado e no afeto, mostrar que a doulagem tem fundamentos e possui um lado técnico, conhecedor da fisiologia do parto, bem como dos procedimentos e terminologias utilizadas no meio médico, além da familiaridade com legislações que envolvem os direitos da gestante/parturiente, é uma forma de mostrar profissionalização e demandar reconhecimento. São arcabouços que se fizeram necessários para legitimar a profissão, que precisava se impor como parte de uma equipe que se mostra hoje como essencialmente médica.

Apesar das doulas se apresentarem como acompanhantes da mulher gestante no momento do parto, não cabendo a ela fazer julgamentos ou impor desejos e opiniões, elas possuem uma posição clara, que é ser a favor de um atendimento respeitoso. Isso acaba soando como sinônimo do modelo de humanização posto hoje no Brasil. Por isso, no imaginário social e, em alguma medida entre as próprias mulheres da rede de doulagem, as doulas são figuras que representam um dos ideais de parto humanizado, que como mostrou Rosamaria Carneiro (2015), são plurais.

Não é à toa que, por alguma vez, escutei que “ter doula tá na moda”. No meu entendimento, isso tem acontecido por duas razões. A primeira delas, por conta da existência nos dias atuais de um ideal que foi construído acerca do modelo de parto humanizado em contraponto com o *tecnocrático* (DAVIS-FLOYD, Robbie. 2000). Enquanto o primeiro vê o corpo como algo “natural” (da ordem da natureza) e o parto como um processo fisiológico, instintivo e por vezes, até animalesco, o segundo tem a visão do corpo como uma máquina, que é parte da cultura e que necessita de intervenções para que a situação não fuja de controle. A busca por um parto respeitoso, levando em conta a pluralidade de sentidos do que seria um parto “mais humanizado”, está a Medicina Baseada em Evidências (MBE), que pressupõe que toda a prática médica seja respaldada nos procedimentos cientificamente comprovados, com o propósito de evitar procedimentos de rotina, que acabam massificando e homogeneizando os atendimentos. A MBE é um dos motivos que fazem o *modelo humanizado* descrito por

Robbie Davis-Floyd (2000), ganhar adeptos(as), como forma de garantir mais segurança nos procedimentos e na assistência à mulher e ao recém-nascido.

A segunda razão, tem a ver com o conhecimento acerca das propostas de humanização, que ganharam um alcance maior nos últimos anos. Parte disso aconteceu devido ao ambiente web, que tem proporcionado acesso rápido à diversos tipos de informações. Tal ambiente propiciou o aparecimento de vários blogs, sites, postagens de vídeos, imagens e relatos sobre temas voltados para a maternidade, gestação, parto e pós-parto, além da difusão do documentário “O Renascimento do Parto”, de Eduardo Chauvet em 2013. Isso configurou uma face importante do Movimento de Humanização do Parto e Nascimento, que se articula principalmente através do *cyberativismo*, incentivando pessoas à favor de partos “mais humanizados” se pronunciarem constantemente³⁹. A circulação de imagens, seja através de fotos ou vídeos, tem se mostrado como algo muito importante nesse processo. Afinal, a imagem ajuda a construir e materializar a noção de um ideal. Segundo a autora Rosamaria Carneiro, em um texto que ela discute sobre a circulação de imagens sobre parto nas redes sociais:

(...) pode-se pensar que, ao circularem imagens, circulam coisas e circulam pessoas e que, por meio dessa circulação, estabelecem-se laços sociais e processos de diferenciação, que ora hierarquizam, ora igualam pessoas e objetos no universo do parto “mais natural. (CARNEIRO, Rosamaria. 2014: 244)

Aproveitando a discussão sobre circulação de imagens e dialogando com minha escolha em trazer recursos visuais ao longo do texto, chamo atenção para algumas fotos da introdução e do capítulo 1: as de número 1, 2 e 5. A foto 1 é um cartaz de incentivo ao parto normal e a liberdade de movimentos da parturiente; a de número 2 traz a escultura de uma mulher grávida, que é foco principal da atuação de uma doula. Por fim, a foto de número 5 é o registro de uma imagem ampliada, que por estar na sala de entrada da *Matriusca* chama atenção de quem entra, retratando um parto domiciliar. Essas fotografias revelam situações que estão inteiramente associadas ao universo da doulagem, e como foi dito acima, materializam a noção de um ideal que é construído e também vivido pelas doulas em seus acompanhamentos.

³⁹ Existem também movimentos que vão de encontro com esse ideal do Parto Humanizado, como páginas na Rede Social Facebook, a favor da cesárea, por exemplo.

Retomando a discussão sobre profissionalização e o lugar da doula, é possível pensar nessa profissional como uma figura que representa o Movimento de Humanização do Parto e Nascimento, uma vez que seu papel está fortemente ligado a proporcionar uma experiência, na medida do possível⁴⁰, satisfatória para a mulher no momento do parto. Quando perguntei para Larissa, uma das doulas que entrevistei, sobre a opinião dela acerca do papel da doula no movimento, ela me respondeu da seguinte maneira:

(...) aí é aquela coisa, né? É você escolher realmente ser advogada de algo. Eu acho que a doula é tipo a defensora pública, sabe? Que vai fazer, vai ganhar menos que todo mundo, mas ela tá olhando pro cliente, tá olhando pra mulher.

(Trecho da entrevista realizada com a doula Larissa, em 22/08/2016)

Deste modo, ainda que a doulagem esteja inserida em uma lógica de mercado, buscando reconhecimento como profissão, ela é também uma posição política. Como disse Larissa, a doula defende a ideia de um parto humanizado através do próprio papel social que ela exerce, apontando para o fato de que é impossível dissociarmos ideologias de práticas sociais.

2.1.2 – As doulas e a doulagem andam juntas?

A partir do que acabei de discutir no tópico anterior, relacionado à questão da profissão “doula”, buscarei, agora, refletir novamente acerca do conceito de *sororidade*, apresentado no capítulo 1, bem como entender como se dão as relações de trabalho entre as mulheres nesse meio, tendo em vista que a doulagem se apresenta como uma profissão estritamente feminina.

Durante o campo, ouvi diversas vezes a expressão *rede de apoio*, que as vezes podia também aparecer como *malha feminina* ou somente *rede*. Na percepção das mulheres com as quais convivi nos dois finais de semana do curso, essa *rede* representa uma cumplicidade, um apoio, uma união e a solidariedade. É uma rede de amparo com a qual a

⁴⁰ Digo na medida do possível porque muitas mulheres veem a figura da doula como fundamental para se alcançar o parto planejado. E muitas delas se frustram, porque ter um acompanhamento de uma doula não necessariamente fará com que sua experiência seja positiva. Há uma maior chance, mas não é determinante.

mulher pode contar em vários aspectos da vida. A *Matriusca* defende a constituição dessa *rede* justamente por ter uma visão específica sobre a sociabilidade entre mulheres. Visão esta que incentiva uma relação menos competitiva, mais amigável, respeitosa e tolerante. Nesse sentido, além dos aspectos que foram citados no capítulo 1, como a importância da *ambiência*, outras características do curso que irei tratar adiante nos ajudam a pensar no e definir esta ideia de *rede*.

O primeiro dos pontos a ser ressaltado, é o fato de crianças pequenas serem aceitas no espaço em que o curso acontece. Assim como são raros os espaços de socialização entre mulheres, os espaços em que os(as) filhos(as) das mulheres são aceitos(as) também são raros, quando se trata de alguma atividade relacionada a sua profissão ou que exija sua atenção. E esse é um fator que faz as mulheres desistirem de participar de algumas atividades profissionais. Para que isso não aconteça, a *Matrisuca* decidiu acolher as crianças também. Afinal, as atividades que a empresa oferece são voltadas para as mulheres. E seria contraditório se barrassem a entrada dos filhos(as) das mesmas, já que parte do tempo que as mães dispõem, elas passam com eles(as). Por essa razão, não é incomum ter algum(a) integrante mirim nos cursos. Geralmente, as mães que levam as crianças são aquelas que ainda amamentam.

No curso que acompanhei, tivemos a presença de 3 bebês, que aparecem nas fotos 10, 11 e 12. Dois deles eram filhos de cursistas, Pedro e Clara⁴¹. Pedro foi em dois dias apenas, enquanto Clara foi todos os dias. Havia ainda Gabriel, que era filho de uma das doulas do *Empreendedoulas*, que fazia parte da organização do curso e lecionou algumas aulas. As crianças permanecem todo o tempo junto com as cursistas, exceto nas atividades que necessitam de uma entrega maior por parte das mulheres. Nesses casos, as crianças ficam aos cuidados das doulas da organização, como mostra a foto 21. Ou então, as mães levam alguém para cuidar das crianças. Mas geralmente, essa segunda opção é pouco utilizada. As crianças acabam sendo cuidadas por todas que estão presentes, como forma de auxiliar a mãe, que precisa dividir sua atenção entre o



Foto 10 – Cursista Taciana e seu filho, após o término do lanche. Ela está usando o “sling”, um carregador de bebê.

⁴¹ Utilizei nomes fictícios para as crianças e pedi permissão para as mães para que pudesse colocar as imagens no trabalho.

curso e o cuidado do(a) filho(a).



Foto 11 - Cursista com a pequena Clara, que na época do curso ainda era bebê de colo.



Foto 12 - Gabriel “fazendo graça” com as cursistas durante a aula de “cuidados naturais com o bebê”. O objeto que ele colocou na cabeça é um “ofurô para bebês”, utilizado com a finalidade de relaxar através do banho de imersão.

Uma segunda característica dessa rede diz respeito ao apoio mútuo compartilhado pelas mulheres que estão inseridas na doulagem. Como tenho reforçado até agora, a *Matriusca* preza muito a formação de uma *rede de apoio* entre mulheres. Isso é algo importante na doulagem, visto que uma das funções da doula é oferecer apoio para a

doulanda. Para dar mais clareza ao(à) leitor(a) sobre o funcionamento desta *rede*, tomarei o *Empreendedoulas* como exemplo.

Retomando o que eu havia dito no capítulo anterior, o *Empreendedoulas* foi um projeto criado com o intuito de empreender mulheres que possuem disponibilidade de tempo e vontade de atuar como doulas, mas que por algum motivo não conseguiram exercer a profissão sozinhas. Deste modo, ele fortalece, amplia e ajuda na divulgação das profissionais da *Matriusca*⁴². As doulas do projeto se reúnem durante a semana para discutir assuntos relacionados aos cursos e atividades oferecidas pela empresa. Nessas reuniões, elas definem quais serão as atribuições de cada uma dentro das atividades, pois um dos objetivos do projeto é descentralizar as funções a partir da distribuição das mesmas entre as mulheres, levando em conta a expertise de cada doula. O grupo surgiu junto com uma proposta de renovação do curso, que, segundo Marilda, acontece em processo contínuo, porque é preciso “*seguir os fluxos*”, entender quais são as demandas e os cenários de cada época.

Assim, a *rede* criada pelo *Empreendedoulas*, surgiu através da ideia de “*fazer as mulheres trabalharem*”, como dito por Larissa, incentivando o trabalho em grupo e explorando o que cada doula pode oferecer. Olhando por esse aspecto, o “*empreendedoulismo*”, usando um termo dito por Lélia, é um modelo de como essa *rede* pode funcionar, pois ela opera através de um modelo de cooperação mútua, que acaba impactando em um nível individual para cada doula.

Apesar do forte incentivo ao trabalho colaborativo e em rede das mulheres, 4 das doulas mais experientes com quem conversei, ressaltaram um problema enfrentado no âmbito profissional: a competitividade. Ainda que tais doulas reconheçam a necessidade de uma *rede de apoio* feminina, fundamental para que ocorra o fortalecimento das mulheres, elas admitem que o meio profissional da doulagem, quando olhado por olhado por um viés mercadológico, não é tão unido assim:

Eu acho que como dentro de qualquer mercado de trabalho, a gente coexiste harmonicamente, mas existe uma certa competição, sim. Acho que nem sempre pelo mercado de trabalho, mas acho que por muitas questões ligadas ao patriarcado, a gente acaba competindo entre si, por uma questão de autoestima e de ego [...] Mas acho que é a questão de relações humanas

⁴² Termos utilizados na página principal do blog do projeto: www.empreendedoula.wordpress.com, acessado em 19/11/2016.

também. Todo mundo não vai se dar bem com todo mundo. Mas como categoria, podia ser melhor.

(Trecho da entrevista com a doula Larissa, realizada em 22/08/2016)

E aí nisso, entra aquele gancho que eu tava te falando, da gente ser extremamente competitiva! Se a gente não tem a malha de apoio ali, te dando força, você cai no individualismo, na solidão. E fica lá, sozinha, tendo que competir com todas as outras. E aí você perde força! Enquanto você pode somar forças, e muitas vezes, levar sua doulanda na roda da amiga, você tá perdendo força se você fica tentando fazer algo que, às vezes, é difícil pra você. Sei lá! Eu conheço doulas que não acompanham pós-parto porque não tem experiência. Mas elas levam as doulandas pra roda de pós-parto da coleguinha. Então ao invés de ficar lá, tentando aprender algo, que pra você ainda é no limite, ainda é difícil... Se ao invés disso você simplesmente se firmar na malha de apoio, você vai ter um trabalho muito mais completo e muito mais satisfatório.

(Trecho da entrevista com a doula Gláucia, realizada em 01/09/2016)

E a gente teve uma tristeza muito grande, que uma sócia nossa copiou nosso curso e foi fazer. Tentou fazer o curso em outros lugares, meio que usando no nosso nome... e a gente tem um advogado trabalhando nisso. Ele disse que qualquer curso que ela fizer, é pra gente entrar em contato que ele vai entrar com processo contra ela. Então, ela não fez mais curso.

(Trecho da entrevista com a coordenadora Marilda, realizada em 29/09/2016)

É interessante notar que o discurso as vezes se contrapõe à realidade. Essa foi uma questão que não estava dada de início para mim. Só foi possível compreendê-la mais a fundo, porque pude conversar com as doulas e entender melhor suas opiniões e visões sobre suas experiências com a doulagem. Ainda que eu tenha direcionado nossas conversas, através de questionamentos que eu desejava responder, essa foi uma questão que apareceu espontaneamente nas entrevistas que realizei com as doulas mais experientes. Apareceu de forma natural e, para algumas mulheres, de maneira mais intensa do que para outras, visto que algumas já tiveram experiências desagradáveis em relação à competitividade profissional.

Esse exemplo serve para pensarmos nas situações em que a *sororidade* na doulagem é ou deixa de ser acionada. Não é porque as doulas têm uma práxis voltada para o cuidado, o afeto e tendem a ter um olhar mais atencioso e empático com outras mulheres, que os conflitos deixam de existir. Como disse Larissa, são “*parte das relações humanas*”, e ainda, “*todo mundo não vai se dar bem com todo mundo*”. Porém, como a doulagem possui como uma de suas características a valorização da união das mulheres, quando esses conflitos

ocorrem, tomam uma grande proporção, pois destoam facilmente daquilo que é esperado como o tipo de relação ideal entre doulas.

Deste modo, o fato da doulagem ser uma profissão em construção e em ascensão, oferece margem para a existência de algumas adversidades, que podem ser consequências da falta de parâmetros que ainda inexistem formalmente. Mas ainda que a prática da doula não seja algo estritamente definido, há um ideal de atuação. Existe uma noção do que a doula pode ou não fazer, assim como uma média de valor que deva ser cobrado, ou ainda, assuntos a serem tratados com a doulanda e tipos de exercícios a serem feitos (que aliviam as contrações, ou ajudam na preparação para o parto, por exemplo). Essas noções são como valores compartilhados entre as doulas, que se tornam legítimos através da experiência e do hábito, aprendidos com o tempo e a partir do partilhamento de saberes entre pares.

Partindo dessa lógica de pensamento, é interessante notar que mesmo em uma categoria que, desde sua criação (pensando na doulagem moderna), possui uma proposta acolhedora, com relação ao tipo de serviço oferecido e às pessoas envolvidas (por quem ele é feito e para quem ele é destinado), existe em tal prática impasses como em qualquer área de profissão. Assim, a *rede de apoio* e a *sororidade* são acionadas na medida em que são pertinentes e cabíveis, dependendo da situação e do contexto em que as mulheres se encontram. Ambas são importantes na proposta de fortalecer a união e o apoio entre mulheres, visando uma nova forma de sociabilidade.

2.2 – Resignificando trajetórias e corporalizando emoções.

Dois elementos me chamaram bastante a atenção no curso, pois foram mobilizados em todos os momentos, de diversas formas: o corpo e as emoções. Eles foram utilizados didaticamente pelas organizadoras, mas também expressos de forma espontânea. No primeiro caso funcionaram como ferramentas, no intuito de provocar algo nas cursistas, sendo meio e motor das atividades. Isto acontecia, por exemplo, nas horas em que as cursistas eram incentivadas a se conectarem consigo mesmas, quando dançavam ou durante as vivências. Tais práticas também tinham como função despertar emoções e posturas corporais

que diziam algo sobre como elas se sentiam em tais momentos, mas também em experiências passadas.



Foto 13 – Produto final de um dos trabalhos feito em grupo, durante a “oficina de sexualidade”.

Para compreender como isto se dava, refletirei a seguir a partir de algumas narrativas das cursistas, que me contaram parte de suas trajetórias de vida e das motivações que as levaram a buscar o curso. O foco aqui serão quatro das dez entrevistas que realizei. Antes de prosseguir, quero dizer que mesmo autorizada a expor os nomes das minhas interlocutoras, nessa parte escolhi não nomear as autoras das narrativas e histórias, pois acredito que independem de nomes para serem compreendidas. Penso que isso não se faz necessário aqui, uma vez que as histórias tem um caráter muito íntimo. Ademais, algumas delas envolvem outras pessoas para além das mulheres que entrevistei, o que implicaria em expor pessoas desconhecidas por mim.

A primeira narrativa é de uma das doulas com quem pude conversar. Ela tem dois filhos, 35 anos e uma das coisas que mais me chamou a atenção durante a entrevista, foi como ela se sentiu no período pós-parto. Ela me contou isso quando perguntei há quanto tempo ela era doula:

Então, o curso eu fiz no final de 2014, que eu tava no puerpério também. Meus dois puerpérios foram bem conturbados. Eu não tava trabalhando, fiquei na profissão mãe exclusiva! E com dois então, a demanda é ainda maior. Eu não tinha ajuda, não tinha família por perto. E aí, no meio dessa confusão toda, meu sogro tinha falecido e a gente morava o prédio onde ele tinha todos os negócios, onde era a herança, meu marido ficou como inventariante... Então assim, a gestação da S. foi bem conturbada, nesse sentido emocional. E a gente tinha se mudado pro Tocantins. Eu fiquei três meses lá, foi horrível! Porque eu vi que era só um jeito de tentar fugir da confusão do inventário, das questões financeiras e emocionais daqui. [...] então, quando eu voltei, eu tava em um processo depressivo muito forte. [...] Aí, depois do puerpério, no final do puerpério da S., eu já tava me sentindo muito mal, e falei: Não! Chegou o momento de eu fazer alguma coisa por mim! [...] Foi um momento que eu falei: preciso dessa pegada de fazer coisas por mim, preciso voltar a estudar, me qualificar, fazer alguma coisa que faça sentido pra mim e que me dê prazer!

A narrativa dessa doula, revela uma mulher frágil emocionalmente, que estava à procura de algo que pudesse fazê-la sair daquele cenário em que se encontrava. Nessa perspectiva, o curso de doulas surgiu, juntamente com as outras formações que ela adquiriu, como um meio para buscar novos caminhos e novas formas de estar no mundo. O processo depressivo, a solidão, a falta de ajuda com coisas ligadas à maternidade e a fragilidade emocional foram questões que ela citou, mas que também são comuns aos relatos de outras mulheres que fazem o curso.

A segunda história é de uma das doulas, que possui 29 anos, não possui filhos(as) e é radialista de formação. Quando eu perguntei a ela como havia sido sua experiência enquanto cursista, ela me contou o seguinte:

Iiiish! Foi um turbilhão maluco de emoções! Porque a minha mudança pra Brasília, apesar de ser super decidida, super bem pensada, não foi tão simples quanto eu imaginava que seria. Até porque eu não sou uma pessoa fácil de fazer amizades. E também porque eu casei. Eu vim pra Brasília porque eu casei. Foi no meio de um processo emocional muito maluco. Eu tinha voltado da Holanda antes do tempo que eu tinha planejado, e aí, foi de maneira abrupta. E aí eu comecei a ter crises de ansiedade [...] e aí fui parar no hospital e descobri que tenho ansiedade, tenho depressão, várias coisas... E me mudei pra Brasília. No meio desse cataclisma, fiquei 1 ano sem sair de casa. Eu saí de casa pra fazer o curso. Então pra mim foi tipo: muita loucura mesmo! Porque eu não conhecia ninguém! [...] Então eu quebrei uma parede realmente. Na verdade, acho que quebrei 4 paredes e 1 teto, pra poder ir fazer o curso! Eu falei: ok. Eu quero fazer isso? Isso é o que eu quero fazer da minha vida agora? Então eu tava no meio de um turbilhão de emoções, morava em Brasília já fazia 1 ano e só saía de casa 1 vez por mês pra ir ao mercado. Ponto final! Então foram as primeiras pessoas que eu conheci sozinha, aqui em Brasília, sem serem as pessoas que

meu marido já conhecia. Foi interessante, porque foi um universo novo que se abriu pra mim.

Tomando como base o que a doula disse, o curso serviu para ela como meio de inserção social em Brasília, uma vez que ela disse ter sido um processo difícil, por conta das instabilidades emocionais. Pensando no âmbito das emoções, o curso teve um papel fundamental ao fazê-la se sentir pertencente a um lugar, a um grupo, conhecer novas pessoas, criando um ciclo novo de amizades e fazê-la superar fatos do passado. A forma como ela passou a se relacionar com o mundo mudou depois de ter feito o curso.

As emoções, ou a maneira como estas mulheres se sentiam no momento em que buscaram o curso, como vemos, se mostraram muito presentes na fala destas duas mulheres. Quando fazemos entrevistas, é preciso ficar atento(a) ao que o(a) entrevistado(a) vai nos dizer, porque eles(as) escolhem o que querem que nós saibamos. E, geralmente, o que nos contam, é importante na visão deles(as). A meu ver, isso é de suma importância em uma pesquisa antropológica, pois diz muito sobre as pessoas, que são nossa maior fonte de dados (quando se trata de uma pesquisa qualitativa). Além de nos mostrar pontos relevantes sobre a temática que estamos trabalhando. Isso, de certa forma, acaba testando nossa capacidade de compreender e refletir a respeito do que nos foi dito.

A terceira história que apresento me provocou muitos questionamentos e, demandou um certo tempo até que eu me sentisse confortável em trazê-la para minha monografia. Isto se deu por ser algo muito íntimo, que talvez pudesse causar algum tipo de desconforto na interlocutora. Como essa não era minha intenção, pedi permissão a ela para que eu pudesse apresentar sua história⁴³. Esta foi um dos relatos que mais mexeu comigo, tanto como pesquisadora quanto como pessoa, pois me fez repensar algumas condutas minhas e refletir sobre algumas características da sociedade em que estamos inseridas⁴⁴.

Como não gravei este relato, pois me foi oferecido após o término da entrevista, no momento em que a mulher me mostrava sua casa, irei me ater às lembranças que tenho sobre a nossa conversa. A interlocutora em questão sofreu uma tentativa de estupro quando voltava do mercado, após fazer compras, para o prédio em que morava, em uma noite chuvosa. O ato em si não ocorreu, mas como o agressor utilizou uma chave de fenda como

⁴³ A cursista concordou após eu ter enviado a ela o que havia sido escrito. A partir da leitura, ela me ofereceu um feedback, sugerindo algumas mudanças no texto. A versão que apresento aqui é a versão negociada da história.

⁴⁴ Nesse caso foi proposital o uso do termo no feminino, pois eu quis fazer um recorte de gênero para chamar a atenção sobre situações que nós mulheres estamos sujeitas.

arma, a machucou e deixou marcas no seu corpo. Essa história, assim como as anteriores, possui uma forte carga emocional, que impactou de múltiplas maneiras na vida dessa mulher, que é mãe de três filhos e na época da entrevista, pretendia se separar do companheiro. Segundo o que ela me contou, o curso teve grande importância na tentativa de reencontrar sua identidade como mulher, que havia sido fortemente abalada por conta do fato ocorrido. Pensar o papel das emoções como o medo, a tristeza e a angústia aqui, é também pensar sobre a busca por uma *rede* de união, de acolhimento e também de sociabilidade entre mulheres, uma vez que após o ocorrido, a entrevistada me disse ter muito medo e desconfiança com relação à aproximação de homens desconhecidos.

Deste modo, cabe aqui a fala das autoras Cláudia Rezende e Maria Claudia Coelho, que na resenha do livro “Antropologia das Emoções”, feita por Waleska Aureliano (2013), dizem que “as emoções são marcadas por contextos socioculturais e históricos particulares” (p.374). E eu acrescento ainda que acontece o caminho inverso também. Pois as emoções irão moldar os comportamentos e, conseqüentemente, os contextos e históricos dos indivíduos. E, isto foi o que notei em meus diálogos com as mulheres que buscavam o curso de formação da *Matriusca*. Estas mulheres frequentemente falavam sobre como era sua vida antes do curso (em especial sobre como se sentiam em relação a esta vida) e como suas vidas se transformaram depois dele. O curso, dessa forma, funciona como um marco temporal na trajetória dessas mulheres.

A quarta e última história, é de uma cursista de 47 anos, que não é mãe e atua como enfermeira obstétrica. O que a levou a fazer o curso foi o fato de ter conhecido doulas que desejavam montar um grupo de gestantes na unidade de Posto de Saúde na qual ela trabalha, em uma parte rural de uma das cidades satélites⁴⁵ de Brasília. No primeiro trecho, eu perguntei à ela sobre as motivações que a levaram a fazer o curso, além do incentivo das doulas. No segundo, perguntei se ela havia mudado sua postura profissional depois do curso. Seguem os trechos:

Trecho 1- O que me motivava era ver a violência... Apesar de eu não ter conhecimento do que era ser doula, o que era doular... Eu já tenho 15 anos de centro obstétrico. Então, eu nunca me conformei com a violência obstétrica que eu vivencio, né? Então eu sempre achei que a gente poderia

⁴⁵ Como o Distrito Federal possui características de município e estado, as cidades próximas à Brasília, que é o centro, não são consideradas municípios e sim, cidades-satélites. Também podem ser chamadas de regiões administrativas.

fazer algo diferente, dar um atendimento humanizado. E fazer com que as mulheres sofressem menos na hora de dar à luz. Porque eu vejo que elas chegam lá muito despreparadas, provavelmente não é culpa delas, mas do próprio sistema que não orienta, né? Então [elas] não são apoiadas. [...] Isso sempre me incomodou. Agora, que eu fiz o curso, tô sendo vista como a Madre Tersi de Calcutá!

Trecho 2 - Antes, eu falava assim: mãezinha, faz força. Mãezinha, fica deitada! Antes, eu queria que a paciente fizesse o que eu quisesse e o que era melhor pra mim. Por exemplo, de madrugada, uma paciente que eu sabia que ela deveria ficar deitada, quietinha, caladinha, porque se ela começasse a gritar e espernear, aquilo me incomodava. Hoje não. Se ela grita, eu vou lá e coloco a mão. Antes, eu nunca colocava uma gestante numa cadeira de parto ou no cavalete porque, se eu fosse colocar, eu sabia que eu ia arrumar serviço pra mim mesma. Pra mim e pras colegas, né? Hoje não. Se ela grita, eu vou lá, pergunto qual o motivo do grito, pergunto como ela gostaria de se posicionar. E tento fazer o desejo dela. Antes eu não fazia isso. Se ela tivesse lá, gritando, esperneando, eu que deixava ela lá, sozinha mesmo. Fazia igual aos outros. Aquilo me incomodava, mas eu não tinha essa iniciativa porque eu também tava sendo incomodada. Não era só eu, era todo mundo. Hoje não. Hoje eu tô causando incômodo. Porque quando eu coloco uma mulher numa cadeira de parto, 4h da manhã, eu tô arrumando serviço pra mim e pros outros. [risos] Porque a mulher que ficava lá deitada, gasta mais tempo pra ganhar o bebê dela. Se eu coloco ela numa cadeira de parto, ela vai gastar menos tempo. Então, deixando ela mais tranquila, mais calma, mais relaxada, ela vai gastar menos tempo. [...] quanto mais ela ficasse lá quietinha, gritando e esperneando, o menino ia demorar mais pra nascer. Hoje não, hoje eu ajudo.

As narrativas dessa cursista nos ajudam a pensar sobre alguns pontos. O primeiro deles, e o mais evidente na fala dela, tem a ver com a forma de assistência oferecida nos ambientes hospitalares. Mostra como o comportamento violento era naturalizado e tido como comum no seu meio de trabalho. Não é minha intenção generalizar tal comportamento, pois diante de toda regra existe uma exceção. Porém, aqui, tomo como base a narrativa de minha interlocutora, que demonstra uma realidade do seu local de trabalho. Em sua fala, nota-se como era sua prática e como esta se modificou depois do curso. Nesse sentido, o curso apareceu nessa situação como um artifício que a fez repensar e transformar sua práxis. O contato com o curso lhe proporcionou uma nova forma de lidar com suas pacientes, através de informações que ela não havia recebido em sua formação e/ou que não faziam parte da sua rotina de trabalho.

Mas e a questão das emoções? Resolvi trazer essa narrativa justamente para fazer um contraponto com as outras narrativas, pois diferentemente da maioria das mulheres

que entrevistei, essa cursista não se mostrou tão tocada emocionalmente, ou não apresentou em seu discurso uma narrativa emocional da experiência, apesar de ter reconhecido a tamanha importância das vivências e das atividades que a ajudaram a se repensar e até mesmo em dizer que seria interessante que todas mulheres pudessem conhecer o papel da doula ou até mesmo fazer o curso.

Dessa forma, é produtivo notarmos que as emoções não são apresentadas da mesma forma por todas as mulheres. Porém, em alguma medida, todas são afetadas por elas de forma que sairão diferentes, após ter passado pela experiência do curso. Segundo o pensamento do antropólogo Mauro Guilherme Koury, na resenha feita por Williane Pontes (2015) do livro do autor intitulado “Emoções, cultura e sociedade no Brasil”, as emoções “movem a ação social e se organizam no jogo interacional entre indivíduo, cultura e sociedade” (p.145). Ou seja, as trajetórias de vida dessas quatro mulheres foram marcadas por trajetórias emocionais, que funcionaram como motivação para a busca de um tipo de mudança em suas vidas, (re)organizando novas formas de sociabilidade e de interação delas com o mundo. Sendo situações e vivências muitas vezes traumáticas relacionadas ao universo feminino, é através de uma experiência coletiva de *sororidade* que elas buscam curar e transformar suas trajetórias.

Pensar o papel das emoções dentro do curso de formação de doulas e educadoras perinatais da *Matriusca* se mostrou fundamental para a minha pesquisa, pois foram fatores importantes que levaram as mulheres a procurarem o curso, ainda que muitas vezes de forma inconsciente. Tomando como base a definição da antropóloga Cláudia Rezende (2012) sobre sentimentos, que “são um conjunto de normas de expressões adequadas aos contextos distintos com os quais o indivíduo tem de lidar” (p.831), percebi que no caso em questão, o contexto são as trajetórias emocionais vividas por essas mulheres, que despertaram nelas determinados sentimentos e emoções, que foram essenciais para seu processo de transformação.

Além das emoções, a forma como os corpos das mulheres são mobilizados durante o curso me chamou bastante atenção. Primeiro, porque existiam atividades que utilizavam o corpo como instrumento para sua realização, como as vivências, danças e dinâmicas. Nelas, ele precisava ser acionado de diversas maneiras, de acordo com a proposta de cada atividade: individualmente, coletivamente, danças lentas ou agitadas, meditações guiadas, alongamentos, posicionas em pé ou sentadas (as fotos de número 15 e 18 podem

exemplificar o que foi dito). Segundo, porque, com o passar dos dias, os corpos que eram mais tímidos, retraídos e desconfiados, passaram a ser mais despojados, livres e espontâneos.

Assim como propõe a autora Sônia Maluf (2001) em seu artigo sobre corpo e corporalidade na contemporaneidade, entendo o corpo como sendo dotado de agência própria ao mesmo tempo em que é um produto da cultura, que caracteriza o conceito conhecido como *embodiment*. Nesse sentido, vejo essa mudança de comportamento corporal das mulheres como resultado do convívio em um determinado contexto. Após se conhecerem melhor e entenderem a proposta do curso, as mulheres se sentiram mais à vontade, uma vez que o formato do curso gera estranhamento nos momentos iniciais. Depois do processo de aceitação com relação ao formato, a mudança de comportamento corporal foi compartilhada pelas mulheres que ali estavam presentes, que se familiarizam com a atmosfera de afetividade.



Foto 14 – Atividade de alongamento em duplas.

O contato físico era algo muito estimulado, e que, a princípio, foi estranhado por algumas cursistas:

Foi difícil quebrar esse gelo, né? [...] não tenho nada contra afetos, mas eu gosto de fazer isso com pessoas que eu tenho mais intimidade, né? Aí cheguei no curso, naquela quinta-feira, não conhecia ninguém, conhecia só uma amiga, que tava fazendo o curso comigo. E de repente, eu tenho que trocar abraço com todo mundo, sair pulando pela sala. Eu fiquei tipo: oi? [...] Daí no início eu tava bem fechada, assim. Mas depois, fui perceber a importância disso. Inclusive pra doulagem, né? O quanto é fundamental, né? Você se abrir, deixar fluir.

(Trecho da entrevista com a cursista Tatiana, realizada em 03/05/2016)

Quando Cláudia Rezende (2012) elabora uma reflexão sobre corpo, subjetividade e moral em seu texto sobre grupos de gestantes, ela diz que existe nesses grupos um foco em questões relacionadas ao autocontrole. Isso faz parte da cultura ocidental, que impõe um determinado controle sobre os corpos. E segundo este controle, que se dá via emoções, “a transformação se opera na dimensão emocional, através de novas formas de sentir ou de controle dos afetos, e muitas vezes também no corpo, que deve estar em relação de “equilíbrio” com a “mente”.” (REZENDE, Cláudia. 2012: 833). A dificuldade relatada por Tatiana ao ter que lidar com o afeto e o contato físico propostos no curso, é um ótimo exemplo para se pensar em como os indivíduos se sentem ao saírem da zona de conforto. Sair da zona de conforto é desconfortável porque implica em ter que lidar com o desconhecido. Sem saber o que pode acontecer em uma nova forma de interação, muitas mulheres sentem vergonha, acham engraçado ou demonstram certo desprezo, imaginando que podem ser repreendidas ou julgadas por determinadas atitudes. Mas como também foi dito por Tatiana, a partir de um determinado momento, as cursistas reconhecem a necessidade de se acostumarem com práticas que envolvam contato físico como forma de preparação para sua futura atuação profissional.

O curso, contudo, tenta quebrar este comportamento social, que se apresenta aqui como uma barreira individualista e racional que molda os indivíduos. Além do ganho pessoal, como relatado pelas mulheres com quem conversei, tal interação é de grande importância na formação e na atuação das doulas, pois parte de seu serviço acarreta um contato físico com a doulanda: ao ensinar exercícios de preparação para o parto, ao realizar massagens, auxiliar nas posições na hora do parto e ao apoiar a mulher grávida fisicamente, segurar a mão, abraçar, oferecer carinho. O corpo da doula, em sua atuação, é também utilizado enquanto uma ferramenta de trabalho.

Nesse sentido, a desconstrução dessa barreira é necessária para que a futura doula tenha maturidade emocional para saber lidar com as questões que demandarão o uso de seu corpo e do corpo alheio (da mulher que é doulada, no caso) nos momentos práticos de sua função.

2.3 – Desconstruindo maternidades e construindo empoderamentos.

2.3.1 – “Ninguém nasce sabendo”: maternidade como uma construção social.

A maternidade foi um tema muito abordado nas aulas, oficinas e relatos, ainda que muitas das mulheres cursistas ainda não fossem mães. Como a doula tem a função de oferecer apoio também no período puerperal, no qual a mulher está com seu(sua) bebê, é indispensável a discussão sobre temáticas relacionadas a maternidade.



Foto 15 - Marilda e doula durante a demonstração e explicação de como realizar um exercício para o alívio de dores nas costas da mulher grávida.

Como já foi dito anteriormente, as mulheres se sentem à vontade para compartilhar com as colegas do curso experiências, dúvidas e sentimentos. Com relação ao tema da maternidade, não foi diferente. Nesse caso, a participação das alunas que eram mães foi mais comum, pois como já passaram por isso, sentiam que tinham uma propriedade para falar maior do que as outras. Mas ainda que as outras não tivessem passado pela experiência da maternidade, também se identificavam com o tema. Isso se dava principalmente por serem mulheres, fato que por si só fazia com que elas sentissem a cobrança social em serem mães.

Por esse e outros motivos, a *Matriusca* tentava desconstruir tipos ideais de mães e/ou maternidades criados culturalmente, que apresentam a maternidade como algo intrínseco à mulher. Temas como depressão pós-parto, aborto, violências obstétricas, rejeição do(a) filho(a) pela mãe na gestação ou após o nascimento, surgiram durante as discussões e partilhas. Com uma intensidade maior do que eu imaginava. Isso foi algo que me fez levar

mais à sério algo que eu já sabia: algumas coisas que são consideradas tabus, aconteciam tanto quanto aquelas que são aceitas socialmente e sobre as quais se pode falar abertamente. A atmosfera de acolhimento fez com que aquelas mulheres se sentissem seguras o suficiente para se abrirem e falarem sobre tais assuntos perante pessoas relativamente desconhecidas. O fato de terem relatado experiências pessoais desta ordem, significava que elas sentiam necessidade de verbaliza-las, pois algumas vezes, os relatos vinham acompanhados de frases como “*é a primeira vez que eu conto isso*” ou “*eu nunca tinha falado isso pra ninguém*”. Verbalizar essas experiências e acontecimentos se mostrava como um mal necessário. Porque por mais doloroso que fosse tocar no assunto, e ter que reviver aquelas memórias, se abrir era uma escolha daquelas mulheres, algo que se mostrava como indispensável para elas. Assim, elas sentiam que naquele espaço, podiam falar sobre sua intimidade, tendo a consciência de que não seriam julgadas. Algo que, no imaginário delas, dificilmente aconteceria em outros lugares, com outras pessoas.

Alguns momentos do curso me chamaram a atenção por terem sido mais intensos emocionalmente. Eram os momentos nos quais as mulheres relatavam suas histórias ou histórias de mulheres conhecidas. Um desses momentos aconteceu em uma das atividades previstas, denominada de “A Doula no Puerpério”, e me rendeu muitas reflexões ao final do dia. A oficina foi facilitada por duas doulas experientes. Uma delas, “*mãe em carreira solo*”, como ela mesmo se denominou. Senti que ela tinha muita propriedade para dizer o que dizia, pois estava claro que havia passado por dificuldades no pós-parto. Ela descreveu a relação da mãe com o(a) bebê como um “*amor bandido*”, uma vez que a mãe ama muito o(a) bebê, mas ao mesmo tempo, precisa dar tudo de si em troca do bem estar daquele(a) pequeno ser, que depende 24h por dia de alguém. E que na maioria das vezes, esse alguém é a mãe. Isto, segundo o discurso dela (pensamento também compartilhado pelas cursistas) cansa a mulher, que passa por mudanças emocionais, hormonais, psicológicas, físicas e que ainda precisa estar bem para cuidar do(a) filho(a). Segue um trecho do que escrevi nesse dia no diário de campo:

Falar sobre puerpério é necessário, pois ainda é um tabu da maternidade. Têm-se uma visão muito romantizada do pós-parto, dos cuidados com o bebê e sobre como a mãe vai lidar com isso. [...] De fato, a nossa sociedade não sabe lidar direito com o erro e com o fracasso. E essas duas coisas acontecem durante o puerpério. A mulher é muito cobrada durante a maternidade e cabe a ela, exclusivamente, o papel de cuidado. Não se exerce apenas um papel de cada vez, pois vivemos em sociedade e nos relacionamos com pessoas distintas. A mulher pode ser mãe, mas é também filha, irmã, esposa, trabalha, e precisa cuidar da casa (sei que existem

diversos arranjos familiares e que esse é apenas um deles). Eu já sabia disso, mas cada vez mais, fica claro o quanto a sociedade cobra e é injusta com a mulher, que precisa se desdobrar em mil sem “nunca descer do salto”. Agora fica claro pra mim o porquê da Matriusca enfatizar tanto a importância de resgatar essa força e união entre mulheres, pois só nós sabemos o quão grande é o peso que carregamos e o quão desunidas somos. Essa rede de mulheres, que está disposta a oferecer cuidado e apoio é algo que muitos julgam como estranho, pois nossa socialização tende a valorizar a expressão racional em detrimento da emocional. Quando muitas mulheres se juntam, isso causa espanto. Quando os cursos eram feitos no antigo espaço, que era em uma casa, Marilda dizia que os vizinhos volta e meia perguntavam o que acontecia lá e porque “tinha tanta mulher junta”⁴⁶. Recorrer a essa rede é uma forma de tirar um pouco do peso e levar as coisas de forma mais leve. [...] Imagine como é difícil para as mulheres passarem por tantas transformações ao longo da gestação, ter uma experiência de parto, nunca ter cuidado de um bebê e de repente, se deparar com um vida totalmente diferente da que tinha antes e ter que passar por isso com bom humor, 100% do tempo? Sem dúvida, existem momentos de felicidades, mas é preciso reconhecer que também há dificuldades e aceitar que admitir isso, não faz de você uma pessoa e uma mãe pior.

(Trecho do diário de campo editado, escrito no dia 02/04/2016)

No curso, a maternidade não aparece como algo que é inerente à mulher. Há, como disse, uma proposta de repensar condutas impostas socialmente que já estão naturalizadas. Na oficina que eu cito acima, a doula disse que, nós mulheres, “*podemos ter instinto para algumas coisas, mas ninguém nasce sabendo como cuidar de um bebê. Isso é algo que se aprende.*” Essa frase diz muito do que eu tento explicar aqui. Pois ao mesmo tempo em que as doulas (e o próprio Movimento de Humanização do Parto e Nascimento) tentam construir uma pedagogia do parto e uma didática da gestação (TORNQUIST, Carmen Susana. 2002), tentando socializar corpos das mulheres para serem mais naturais (FLEISCHER, Soraya. 2005): elas também retiram o ideal romantizado do papel da maternidade, trazendo um lado mais racional, que nega essa universalidade da natureza feminina.

Então, o curso, mas também os próprios relatos das cursistas, propõem uma desconstrução em torno do papel da mulher enquanto mãe. Sendo assim, poderíamos afirmar, de acordo com o que apresenta a Cientista Social Lucila Scavone (2001) sobre a relação entre

⁴⁶ Lélia falou sobre isso na sua entrevista: “[...] a vizinhança começou a se incomodar muito com a nossa presença, pelo ritmo de pessoas que entravam nas rodas, achavam estranho o tanto de mulheres grávidas na casa. Começou uma movimentação estranha da vizinhança, não querendo a gente lá.” (Entrevista realizada em 29/09/2016)

maternidade e feminismo, que a maternidade se constitui aqui enquanto uma prática social, “que ainda compromete consideravelmente as mulheres e revela uma face importante da lógica da razão androcêntrica”. (p.150) E ainda, como disse Fernanda Duarte (2015), que “a construção dos papéis maternos são projetos ligados a visões de mundo, estilos de vida, origem social e de classe” (p. 16). Ou seja, esse papel está ligado ao contexto histórico e cultural no qual a mulher está inserido. Isto fica claro ao analisarmos os papéis e questionamentos das mães de hoje, que não são os mesmos das nossas avós ou bisavós, por exemplo.

Uma outra coisa me chamou a atenção, foi que algumas mulheres diziam que ficaram por muito tempo na “*profissão mãe*”, ou seja, dedicando-se totalmente à criação de seus/suas filhos(as). Essa foi uma das razões que as que faziam se sentir sozinhas, sem uma identidade além da de mãe e, principalmente, dizer que sentiam falta de uma *rede de apoio* na maternidade.

Hoje eu quase que sou só mãe. Na verdade, lá no curso eu descobri que eu tenho um puerpério de 13 anos, quase. Pra proteger minhas crias. [...] Eu tô conseguindo me ver mais como mãe. Porque antes, eu era aquela mãe que só doava. Eu queria ser aquela mãe da margarina, eu queria ser aquela mãe perfeita, eu queria ser uma super mãe. E como mãe, eu acredito que esse empoderamento me trouxe os limites necessários, sabe? Pra gente ter uma convivência legal, e eles me aceitarem como ser humano e eu aceitar eles como ser humano. [...] Ser mulher e tá tratando com eles como mulher, como ser humano, como pessoa, né? E não como uma super heroína. Porque a capa enforca. E pode te levar pro fundo do buraco.

(Trecho da entrevista com a cursista Inaé, realizada no dia 06/05/2016)

E foi um jeito de voltar um pouco pra barra da minha mãe. Porque lá no Tocantins, é onde minha mãe mora. Mas não foi legal, me senti muito fraca, desempoderada da minha maternidade. Então, quando eu voltei, eu tava em um processo depressivo muito forte. Eu não tinha, praticamente, amigas que tivessem bebês pequenos ou com a idade próxima. Morando longe... tanto morando no Jardim Botânico, na primeira vez, como indo em Palmas, na segunda vez. Me fez ficar mais isolada das minhas amigas ou de qualquer malha de apoio. Então os puerpérios foram muito solitários, foram quase exílios!

(Trecho da entrevista com a doula Gláucia, realizada no dia 01/09/2016)

Repetidamente, os relatos são acompanhados de cargas emocionais, que fazem parte da trajetória dessas mulheres. A fragilidade emocional experimentada no período da maternidade é, muitas vezes, um período de “*anulação da sua própria identidade*”, como foi dito por alguma cursista durante as aulas. Por esse motivo, muitas mulheres buscam no curso o autoconhecimento, que seria adquirido através de um processo de *empoderamento*⁴⁷ dessas mulheres.

O processo de *empoderamento* significa, aqui, se reconhecer, se entender e se aceitar enquanto mulher, seja ela mãe ou não. E para além disso, compreender que, diferente do que é posto socialmente, falhar e se sentir insegura são coisas que fazem parte da maternidade. Encarar e sentir essas emoções, implicam, dentro da ideia de “*se empoderar*” aqui posta, viver de forma mais natural, sem que haja a sensação de culpa atrelada à esse processo. *Se empoderar* significa “*se sentir capaz*”, “*se permitir errar*” e deste modo, recuperar a autoconfiança e segurança em si mesma, em busca do que a mulher julga como melhor para ela.



Foto 16 - Trio se conectando antes da vivência do útero. As mulheres permaneceram por alguns minutos assim, em um silêncio quase que absoluto.

2.3.2 – Dimensões *terapêuticas* e *curativas* do curso.

O processo de *empoderamento* vivido pelas mulheres durante o curso perpassa as trajetórias individuais de cada uma, a partir de uma conexão consigo mesma. O *empoderamento* se daria, através de um processo de autoconhecimento e aceitação, que culmina na transformação tão relatada por elas. Ou seja, através de um reconhecimento do valor de suas características pessoais, as mulheres se sentiriam melhores e mais poderosas. Esse processo caracteriza um outro aspecto do curso, que é denominado pelas cursistas *terapêutico* e *curativo*.

⁴⁷ Utilizar o termo *empoderamento* foi uma decisão que tomei após um longo período de reflexão. Empoderar pode significar dizer que a outra pessoa não possui capacidade para adquirir sozinha, que umas são mais superiores que outras por serem empoderadas e, talvez, até diminuir a capacidade de agência que cada sujeito possui. Entretanto, acabei decidindo que poderia ser uma palavra apropriada a ser usada, pois foi uma categoria apresentada pelas mulheres que entrevistei (esteve presente em TODAS as conversas, sem que eu mencionasse o termo) e que faz parte do discurso da *Matriusca*. Sendo assim, não pude ignorar esse fato. Decidi trazê-la e fazer essa pequena problematização sobre minha visão acerca do termo antes de prosseguir com a discussão.

O curso em si, por suas características, como é construído e elaborado, faz com que a experiência de cada mulher seja enriquecedora, para ela e para as outras, de alguma forma. Mas as atividades de vivências são marcos especialmente importantes para esse processo de transformação, e para que a mulher reconheça o curso como *terapêutico* e *curativo*. Como optei por não fotografar as vivências, que são momentos muito reservados, íntimos e de profunda concentração, decidi descrever uma delas, para elucidar ao leitor e à leitora do que se trata, com o objetivo de tornar mais palpável o que é esse tipo de atividade.

Tratei da “Vivência de ressignificação do parto” onde, por meio de uma dinâmica, tenta-se reproduzir nascimentos das mulheres. Na atividade, cada mulher exerce um papel: dentre eles o de útero, o do ser que nasce e o da pessoa que receberá a mulher que vai nascer. O ambiente é escurecido, as organizadoras colocam uma música calma e espalham colchonetes pela sala. Cada mulher que nascerá será recebida por uma colega, que já estará à sua espera. Após receberem as instruções sobre como se desenvolverá a atividade, as cursistas se organizam em trio (como demonstrado na foto 16), que deverá estabelecer uma conexão íntima para que dinâmica aconteça. É comum as mulheres chorarem intensamente durante a realização da vivência, pois elas relembram suas próprias experiências. Vejamos alguns exemplos:

[...] a vivência da ressignificação do parto pra mim foi a mais forte, mais importante pra mim! Pelo fato, exatamente, de ter conseguido ressignificar o parto da minha filha. Então, nossa! As sensações que eu tive foram as mais intensas! As mais intensas! [...] Elas mexeram em pontos que eu já achava que estavam... feridas que eu achava que já estavam cicatrizadas e na verdade, não tavam. Então na hora que a Marilda fala assim: deixa a emoção vir, respeita a emoção! [...] eu não me contive! Fui do jeito que tava! Então, realmente, eu chorei muito. Me emocionei muito! [...] E engraçado, porque no momento que eu recebi a outra moça que tava no meu trio, foi exatamente o momento em que eu não recebi a Mel no momento em que ela nasceu. Então foi como se eu tivesse recebido a Mel, de novo!

(Trecho da entrevista com a cursista Taciana, realizada em 18/05/2016)

Tem uma vivência no curso que eu tive a experiência de ressignificar meu próprio nascimento. E foi muito intenso, porque a minha relação com a minha mãe não é das melhores. [...] Eu não queria nascer! Foi físico, assim. [...] Eu cheguei ali, na entrada do canal e não queria passar. E comecei a chorar. E foi bem assustador, assim. Eu vivi intensamente aquilo! E depois, quando eu nasci, fui acolhida. Eu fui acolhida por uma mulher que, obviamente, não é a minha mãe, mas eu fiquei pensando assim: não importa, você nasceu! Você é um vitorioso por ter nascido! [...] E também ressignifiquei um pouco a minha cesárea. O nascimento da minha filha, que

foi todo planejado pra ser uma coisa totalmente humanizada, e na hora h... a médica me enganou direitinho!

(Trecho da entrevista com a cursista Cynthia, realizada em 25/05/2016)

[...] O empoderamento muda muito, né? Você se sente muito mais mulher. É uma coisa assim, que pra mim foi significativa. Eu saber que tenho um corpo, que funciona dessa forma e que pode acontecer isso, é uma coisa. Mas entender como é todo o funcionamento, o quanto isso é importante. A importância de determinados detalhes, sabe? Coisas que passam despercebidas, às vezes. Você vê o quanto isso gera um significado pra pessoa. É uma mudança... essa questão do empoderamento mudou muito. Nossa, total! Da água pro vinho! É muito mais intenso. Você se sente muito mais... dona de mim mesma, sabe? O corpo é meu, eu sei o que eu tenho e fim. Isso eu achei muito legal. Como mulher, esse crescimento é muito diferente.

(Trecho da entrevista com a cursista Tatiana, realizada em 03/05/2016)

Mais uma vez, através das narrativas, conseguimos perceber o quão essas vivências são importantes no processo de “cura das feridas” e marcas causadas por experiências vividas anteriormente pelas cursistas. Passar pelas vivências, por processos de desconstruções de traumas e por um amadurecimento nas questões relacionadas ao autoconhecimento, são um conjunto de experiências que vão impactar na vida das mulheres pós-curso e fazê-las *ressignificar* emoções e experiências. Por esses motivos elas disseram se sentir empoderadas nesta nova fase, e que curso forneceu ferramentas para isso. O curso de formação de doulas e educadoras perinatais, desta forma, é *terapêutico* no sentido de proporcionar os meios para as mudanças que eram almejadas por essas mulheres. Após o curso, elas relataram se sentirem mais seguras, mais conhecedoras de si, com uma nova relação com sua mente e com seu corpo, bem como com as pessoas que estão a sua volta, principalmente outras mulheres, pois passam a ter um olhar mais empático para com suas pares.

Deste modo, encerro este capítulo dizendo que o curso da *Matriusca* se mostrou revelador para essas mulheres em vários sentidos, implicando em várias mudanças na vida daquelas que passam por ele. Além da formação e do título de doula e educadora perinatal, que já é algo particular, a mulher acaba passando por um processo *terapêutico* e *curativo* emocionalmente, uma vez que ele toca em pontos muito delicados e profundos relacionados às experiências pessoais femininas de cada uma delas. É certo que cada uma terá vivido essa experiência de uma maneira, e irá internalizar mais algumas coisas do que outras. Porém, é

inegável o fato de que o curso torna-se um marco na vida de cada uma delas, representando “*um divisor de águas*” que implica transformações.



Foto 17 - Durante a atividade “vivenciando seu caminho como doula e educadora perinatal”, onde a proposta era caminhar em duplas envolvidas por uma música lenta.

Nesse capítulo, refleti pontos e questões que nem sempre são publicizados, mas que são vividos e sentidos. Pois nem sempre o que é idealizado e o que está presente na ordem do discurso é o que acontece na experiência das pessoas. E no âmbito da pesquisa, refletir sobre o que ouvi, e não só observei e vi, demonstrou o quanto a dimensão da escuta é fundamental. Pois pude, através das narrativas das mulheres, combinadas com minhas observações e a minha própria experiência anterior como cursista, desenvolver as principais ideias no trabalho.

CAPÍTULO 3 – ENTRE EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DE PESQUISA: PRODUZINDO ANTROPOLOGIA(S)

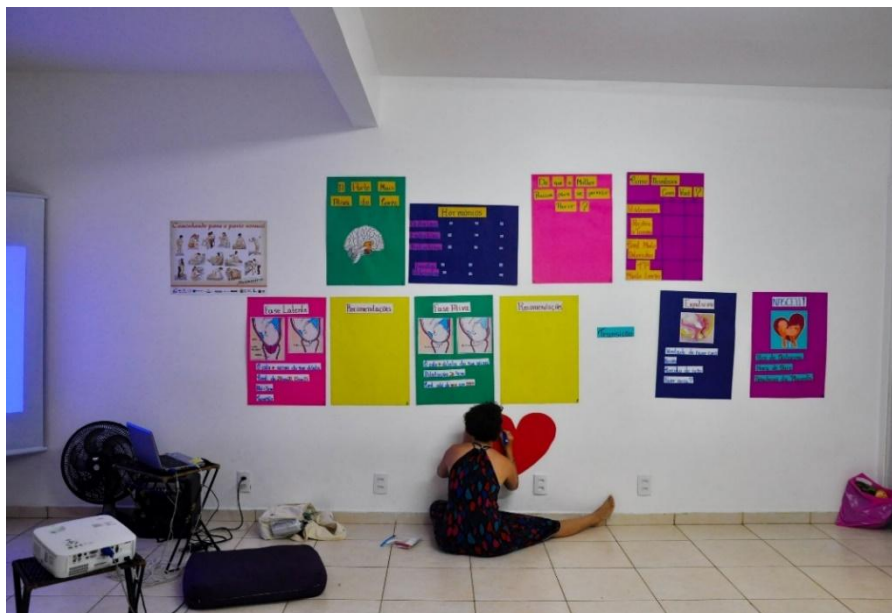


Foto 18 - Doula preparando sua aula de "fisiologia do parto".

Mesmo tendo culminado em outros rumos, minha relação com a Matriusca começou por conta da antropologia. Por isso, meu trabalho de pesquisa foi sempre permeado por questões que me faziam pensar sobre qual seria a melhor forma de conduzi-la, tendo em vista essa dualidade unificada (se é que existe isso) que me compõe. Mas assim como a doulagem tem se apresentado para mim, a pesquisa também foi um processo de grandes ensinamentos, aprendizados, evolução e de rompimentos com meu passado, antes de ser doula e educadora perinatal, e antes de fazer a pesquisa. Ambas partes agora fazem parte de mim e constituem um pedaço de minha história, que nesses últimos dois anos foi marcada pela interseção da antropologia e da doulagem. Pesquisar um tema que me interessa academicamente, mas extrapola a relação profissional, porque eu me relacionei com ele fora da academia também, foi um tanto desafiador e também, enriquecedor. Essas duas coisas, a doulagem e a antropologia, foram fatos importantes no trilhar da minha caminhada e nas minhas descobertas profissionais e pessoais. Um ciclo se fecha agora, com o término da graduação e com a conclusão do curso de antropologia. Outro se abre, com mais descobertas e aprendizados que a vida reserva, e quem sabe, com a doulagem.

3.1 – Quando o tema da pesquisa se cruza com a trajetória pessoal.

Como já foi apresentado anteriormente, me formei como doula e educadora perinatal na *Matriusca* há pouco menos de dois anos. Então, diferentemente da maioria dos(as) pesquisadores(as), que precisam encarar novos contextos e estabelecer relações com as pessoas que irão fazer parte da sua pesquisa, eu não tive essa experiência de modo tão intenso. Primeiro porque eu já conhecia as “meninas” da *Matriusca* da época em que fotografei a roda de conversa para uma disciplina do curso de graduação. Ainda nesse momento (outubro de 2014), eu já havia comentado com elas meu interesse em pesquisar algo que estivesse relacionado à doulagem. Em novembro do mesmo ano estive em contato com a empresa novamente, desta vez como aluna, para fazer o curso. Após finalizá-lo, fiquei um tempo sem frequentar o espaço e sem manter contato direto com elas, mas não tive como deixar de lado a doulagem, pois havia me tornado doula e educadora perinatal. Pude acompanhar duas mulheres grávidas no ano de 2015. No segundo semestre deste mesmo ano, fiz o projeto de pesquisa, e no início de 2016, apresentei-o para a *Matriusca*, como forma de pedir permissão para acompanhar, observar e pesquisar o curso. Depois de algumas tentativas, finalmente consegui permissão para tal. A partir daqui, irei partilhar com o(a) leitor(a), um pouco do que vivi em campo, pensando na minha condição de estar pesquisando um tema que me é bastante familiar.

O primeiro acontecimento que me fez pensar sobre a questão do distanciamento durante o campo, foi o momento em que Lélia, uma das coordenadoras do curso, aceitou meu pedido para realização da pesquisa e propôs que eu fosse monitora do curso, como forma de ajuda-las também. Diante dessa situação, me senti dividida. Certamente, tive que colocar a pesquisa como prioridade e acabei negando o pedido, explicando que se eu aceitasse, poderia interferir na observação, que seria prejudicada. Ser monitora implicaria auxiliar as cursistas durante a realização dos trabalhos finais, assim como em alguns momentos no curso, bem como ajudar na parte da organização e dos bastidores também. Reconheço que não é um trabalho complicado, e que até poderia me ajudar a conhecer um pouco mais as cursistas, mas decidi abrir mão disso em troca da observação e da convivência com elas durante o curso. Fiquei receosa de perder alguma discussão importante, pois como os encontros presenciais são poucos, as cursistas costumam dar muito de si naqueles momentos. Diante daquela conjuntura, ficou claro para mim a divisão dos papéis que eu teria que fazer, e entendi que a partir dali, eu precisaria abrir mão de algumas coisas em prol do meu campo de pesquisa.

Durante o trabalho de campo, me deparei com outras situações que me deixaram em dúvida sobre qual papel eu deveria acionar em cada momento: o de doula ou de pesquisadora. Mas geralmente, eu optava pela opção mais racional: não participar das atividades. Apresentarei alguns exemplos para tornar mais claro o que disse. Todos os dias, antes de começar o curso, as mulheres (doulas e cursistas) trocavam abraços como forma de aproximação e de “*quebrar o gelo*”. Como eu estava à todo o tempo com a máquina fotográfica registrando os momentos, não participava dessa troca, que pressupunha que todas que estavam presentes no espaço, participassem. Além de tentar manter um distanciamento, eu aproveitava as ocasiões de interação para fazer os registros, pois em alguns dias, as cursistas passariam horas sentadas durante as atividades e não haveria muito que ser fotografado.

Com o passar do tempo, as próprias cursistas começaram a me incluir nas atividades, como em um momento em que todas deviam dizer seu nome e o nome das mulheres da sua família que eram das gerações passadas. Nesse dia, as cursistas estavam em pé, em formato de roda e eu estava fora do círculo. Lembro que Audirene, uma das minhas entrevistadas, disse: “*faltou ela dizer!*”, apontando para mim. Foi uma surpresa, pois como eu estava fora da roda, pensei que, automaticamente, estaria fora da atividade. Porém, o ocorrido mostrou que meu pensamento estava errado e após essa intimação, acabei tendo que participar. Na minha percepção, a situação pôde ser vista como uma forma que Audirene encontrou de tornar minha presença menos estranha perante elas. Como ainda era o segundo dia do curso, eu não havia tido muitas oportunidades para me relacionar com as cursistas e nem de refletir sobre minhas atitudes em campo. Mas esse acontecimento me fez repensar minha conduta, e a partir desse dia, tentei ir me aproximando mais das mulheres, de modo que o processo todo ficasse mais fluido. Porque eu estava um tanto quanto travada por pensar que não devia me envolver tanto a ponto de esquecer meu propósito ali.

Depois dessa pausa reflexiva, passei a agir de forma mais natural e, em alguns momentos, a me permitir participar de atividades, que serviam como pretextos para aproximação, como dançar com as mulheres ou brincar com as crianças. De acordo com a antropóloga Soraya Fleischer (2006), é interessante pensar acerca do nosso papel de pesquisador(a) no contexto em que se desenvolve a pesquisa, uma vez que “nosso conhecimento e presença são testados, questionados e negociados, e também, é preciso notar, podem ser valorizados, escutados e incorporados” (p. 127). Ao mesmo tempo em que estamos ali para observar, somos também alvo de observação, pois o estranhamento perante nossa

presença é real. E, nossos(as) interlocutores(as), criam meios para nos testar e deste modo, se habituarem com a nossa presença.

Dito isto, o fato de aceitar participar e aceitar *ser afetada*, assim como propôs Jane Favret-Saada (2005), serviu como “um instrumento de conhecimento” acerca do que eu estava pesquisando e tentando compreender. A pesquisa, nesse sentido, te afeta enquanto pessoa e é preciso reconhecer isso, pois é impossível se blindar e não ser afetado(a), uma vez que a observação participante implica se relacionar com pessoas e consequentemente, se envolver. A solução que encontrei para começar a estranhar aquilo que me era demasiado familiar (eu mesma tinha sido formada como doula) e pudesse refletir e analisar criticamente o que observava e experimentava, estava no processo de escrita, durante o trabalho de campo. No momento em que eu escrevia meu diário de campo, conseguia organizar as ideias, a fim de facilitar o olhar de estranhamento. A partir disso, penso que não posso deixar de citar Gilberto Velho (1981), que foi muito útil para pensar minha condição: “o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações.” (p. 131). Os processos intelectuais se mostraram mais fáceis de serem confrontados, à medida que eu entendi que não precisaria levar a questão do distanciamento tão a sério, tendo em vista que ele poderia ser útil e contribuir com minhas reflexões.

Com relação aos processos emocionais, também precisei realizar esse exercício de confrontá-los. De fato, foi um pouco difícil conseguir estranhar falas, situações e experiências das mulheres, porque de alguma forma, eu partilhava de opiniões, visões e crenças semelhantes às que eram relatadas e narradas para mim. No segundo módulo do curso, pensei que estaria mentalmente e psicologicamente mais preparada em relação à isso, uma vez que já me sentia mais confiante em campo. Porém, ao ouvir as histórias e relatos sobre o que as mulheres haviam vivido e sobre como estavam sentindo, percebi que não era verdade. Mais uma vez, os acontecimentos testavam minha capacidade de não me envolver (tanto) emocionalmente. Mas a essa altura, através de minhas reflexões e do diálogo com as colegas de um grupo de pesquisa⁴⁸ que participei, já havia compreendido que *ser afetada* era uma condição que fazia parte do campo que eu havia escolhido.

⁴⁸ O grupo era formado pela professora Fabiene Gama, seus orientandos e orientandas da graduação, além de duas alunas do programa de pós-graduação do curso de Antropologia. Todos(as) tinham em comum a pesquisa na área da Antropologia Visual. O objetivo era compartilharmos e trocarmos experiências e aprendizados relacionados a nossas pesquisas.

Ao acompanhar o curso, eu estava aberta a ver, acompanhar e escutar as trajetórias e histórias daquelas mulheres. Ao refletir sobre isso, vejo que essa condição serviu até mesmo como um dado, pois se mostrou tão significativa e intensa, que ao *ser afetada*, percebi que aquelas narrativas constituíam parte importante do desenvolvimento da pesquisa. E foi apenas a partir disso, ao pensar acerca dessas situações e da dificuldade de não me envolver emocionalmente, que consegui estranhar minha condição de uma forma tal que percebi novas características do curso, que, mesmo me sendo familiar e tendo feito parte de minha experiência pessoal, em outro momento, eu não havia percebido. Algo que só pude enxergar a partir do olhar antropológico, pois participando enquanto aluna, não havia estranhamento, interpretação e distanciamento. Porque naquele primeiro momento em que eu não estava pesquisando, meu olhar antropológico não estava ativado. Foi apenas, nesse segundo momento, quando decidi acompanhar o curso como pesquisadora, a partir da condição de *ser afetada*, que testei minha capacidade de analisar por outros modos aquele universo, que me era tão familiar. E pude, assim, dar seguimento ao trabalho que havia proposto.

3.2 – O trabalho de campo: percepções e aprendizados.



Foto 19 – Discussão em grupo durante atividade. Essa foto mostra, ainda que em pedaço, a diversidade do grupo dados os estilos e idades, que eram bem variados.

Ainda que eu já conhecesse a *Matriusca*, seu formato de curso, e algumas das doulas, me deparei com coisas novas durante o trabalho de campo. O espaço em si foi algo novo, pois apesar de eu ter ido a ele algumas vezes antes do início do curso, nunca havia ficado lá por mais de uma hora. A segunda coisa, foram as doulas do *Empreendedoulas*, que eram rostos novos para mim. A terceira, e mais importante, foram as cursistas. Elas, assim como eu, também tiveram que se acostumar com todas essas novidades e, em especial, umas com as outras, porque estávamos nos conhecendo naquele momento. Estes foram alguns dos pontos que independiam da minha familiaridade com o tema e que estiveram presentes quando eu estabelecia a relação com minhas interlocutoras.

Quando o curso foi chegando ao fim, haviam mulheres com quem eu me relacionava mais do que outras, por questões de afinidade e porque eu me sentia mais à vontade para conversar com umas que com as outras. Levando isto em consideração, escolhi sete mulheres cursistas, duas doulas e duas coordenadoras para realizar entrevistas e, para minha sorte, todas aceitaram. Para entrevista-las, eu levei em mãos um roteiro estruturado, pois como eu pretendia fazer um exercício de comparação, precisava ter questões, ao menos, parecidas. Ainda sim, as entrevistas foram muito diferentes umas das outras. Uma das razões para isso, era o próprio perfil das entrevistadas, que era variado. E isso foi um ponto que levei em conta na hora de convidar as mulheres que eu iria entrevistar.

Então, por uma questão de personalidade e de outros aspectos como idade, crenças e opiniões, cada entrevista teve um estilo: umas falaram mais, outras precisavam ser incentivadas; algumas respondiam exatamente o que eu perguntava, outras extrapolavam a pergunta (o que não era necessariamente algo negativo); umas entrevistas foram muito rápidas, enquanto outras foram demoradas. De modo geral, as mulheres foram muito receptivas, gentis e acolhedoras. Com algumas foi mais fácil marcar o encontro, com outras, muito difícil. Das onze mulheres com quem conversei, seis me receberam em suas casas. Das outras cinco, uma me encontrou em um café, outra na universidade, Lélia na *Matriusca* e com as outras duas, fizemos parte em um restaurante e parte no carro, enquanto buscávamos a filha de uma delas na escola. Apesar de deixar a escolha do lugar livre para as mulheres, tive que intervir algumas vezes para conseguir conciliar a escolha delas com minhas atividades. Esse perfil variado das mulheres também me ajudou a me desenvolver como entrevistadora, pois fui “pegando o jeito” de como conduzir as conversas imprevistas. Isto me deixou mais atenta em relação a como eu me portava e, conseqüentemente, como as entrevistadas se sentiam com minha presença.

Ainda sobre as entrevistas, tenho alguns pontos a ressaltar, em relação à rotina dessas mulheres, que, em certa medida, revelava algo sobre os perfis de algumas das cursistas. A primeira coisa que percebi foi que todas as mulheres mães (6), exceto Marilda, cujo a filha e o filho não moram mais com ela, tinham suas rotinas em alguma medida relacionadas às rotinas de seus/suas filhos(as). Neste sentido, realizar a entrevista, implicava incluí-los(as) na atividade. Dentre essas seis mulheres, quatro delas estavam com as crianças durante a entrevista. Isso demonstrou, na prática, que essas mulheres precisam conciliar suas atividades, e isto incluía a doulagem, com a rotina dos(as) filhos(as), pois não tinham como delegar o papel de mãe a outras pessoas. Isto aponta, mais uma vez, para o fato de que o cuidado dos(as) filhos(as), em nossa sociedade, ainda é um papel feminino. Algumas crianças ainda eram bebês, outras um pouco maiores.

Por mais que cada entrevista tenha apresentado algo que as diferenciava das outras, algo em específico merece ser compartilhado, pois foi uma experiência atípica. Em uma única entrevista, conversei com duas cursistas ao mesmo tempo, Camila e Kelly. Ambas, além de possuírem outras profissões e serem doulas, trabalham em parceria em um blog⁴⁹ e são muito amigas. No dia em que marcamos a entrevista, elas estavam responsáveis pela filha de uma outra amiga doula, que estava junto conosco, além da filha de Kelly:

Havíamos combinado de nos encontrarmos na padaria da 114 norte às 17h, pois elas estariam em uma reunião na Matriusca (que fica nessa quadra). Um pouco depois de 17h elas apareceram, e Kelly logo perguntou se eu me importava de ir com elas buscar E., a filha de uma amiga (também Doula), na creche. Eu perguntei se depois voltaríamos pra lá e após confirmarem minha pergunta, aceitei a proposta. Então fomos. Elas queriam que eu fosse fazendo a entrevista no carro, mas depois de ver que isso não daria certo, acabamos decidindo que depois de pegar E. e L. (sim, descobri no meio do caminho que Kelly também teria de buscar L. – sua filha de 11 anos – no reforço e levá-la na aula de vôlei), iríamos lanchar em algum lugar e faríamos a entrevista. Foi uma experiência muito engraçada! Já começando por não sabermos como passava o cinto pela cadeirinha de E.. Depois de descobrirmos, fomos buscá-la. Kelly dirigindo, Camila no banco da frente, eu atrás. Após errarmos o caminho da creche, encontramos a quadra certa e Kelly foi buscar E., que estava vestida de branca de neve e demorou pra interagir com a gente. No meio do caminho, Kelly pediu que Camila ligasse para Dona Neide (a moça que trabalha na casa de Kelly), para que ela buscasse L. na aula de reforço e a levasse para casa, que a encontraríamos lá e a levaríamos para o vôlei. Mas Dona Neide entendeu errado e lá fomos nós buscar L.. Como não havia vaga no estacionamento, quem saiu do carro pra buscar L. foi Camila. L. é muito parecida com Kelly! E. interagiu com

⁴⁹ O blog Conte Comigo Viu? (www.contecomigoviu.com) foi criado por iniciativa de Camila, com o objetivo de ajudar uma amiga que tentava engravidar.

L., que implicava com a pequena. E eu no meio das duas, no banco de trás. Entrando na quadra que Kelly mora, vimos Dona Neide ir embora e L. abaixou o vidro do carro, para se despedir. Camila subiu com L. no apartamento para que ela trocasse de roupa. Levamos L. no colégio Marista da Asa Norte, onde ela estudava e fazia a aula de Vôlei. Fomos então para um restaurante da 302, chamado Green's, onde Kelly pegou uma sopa para Elis e nós três tomamos suco enquanto fazíamos a entrevista (ou tentávamos).

(Trecho do diário de campo, escrito no dia 01/06/2016)

O encontro com Camila e Kelly para realização da entrevista me fez pensar sobre as diferentes funções da doula moderna, que precisa dar conta de todos os seus papéis sociais (mãe, mulher, esposa, amiga, profissional) e ainda estar bem emocionalmente para poder oferecer o apoio necessário para sua doulanda. O “busca ali, pega aqui, deixa lá”, faz parte da rotina de muitas mães que conheço, e isso não é diferente entre as doulas. Essa “viagem” que eu fiz com Kelly e Camila, aponta para a desigualdade nos papéis sociais vivenciados pelas doulas, ainda muito marcados pelas relações de gênero, que fazem com que a maternidade ainda seja “atrelada a um significado social”, utilizando as palavras de Lucila Scavone (2001). Exercer o papel de (boa) mãe, implica uma série de atribuições, características e deveres que a mulher precisa possuir e cumprir. Confesso que ter que lidar com tais atribuições foi algo me incomodou um pouco a princípio, pois fugia ao meu controle, e me impedia de manter tudo nos conformes. Mas que controle? E que conformes?

Viver essa pequena viagem com Kelly e Camila me fez experimentar a concretude da pressão social perante o papel materno, pressão que tanto foi ressaltada no curso. E além disso, me fez ver o quanto temos que nos adaptar aos contextos que surgem durante a pesquisa, pois muitas vezes, as situações que nos fazem sair da zona de conforto são as mais ricas e produtivas em matéria de experiência. Esse meu desconforto inicial, relacionado ao fato de eu não deter o controle também me fez repensar minha conduta e analisar o lugar em que eu estava me colocando durante a realização da pesquisa. Certamente, eu pressupunha que havia algum nível de hierarquia ali, quando na verdade, era mais uma relação de necessidade (de minha parte), visto que eu dependia daquela (assim como de todas) as entrevistas para realizar a pesquisa. As mulheres que entrevistei dispunham de um tempo (que nesse caso foi curto) para que conversássemos. Se elas não tivessem essa disponibilidade, onde estaria a pesquisa? Não existiria. Eu dependia delas para a realização do trabalho. Então, se existia alguém que dependia e necessitava da colaboração de outras para a realização da atividade que eu propunha, esse alguém era eu. Nesse momento, dei um passo

para trás, não só com o objetivo de rever minha conduta como pesquisadora, como também para pensar nas situações e contextos que eram apresentados para mim.

Mais um ponto que me chamou a atenção durante o campo, mas principalmente durante as entrevistas com as cursistas, quando tive a oportunidade de ficar mais próxima delas, foi a necessidade que algumas tinham de ter alguém para conversar. Na maioria das entrevistas precisei “cortar o papo”⁵⁰ para iniciar as perguntas. Neste momento, percebi que o fato de ser doula me ajudou na aproximação com as entrevistadas, pois parte dos nossos diálogos fora da entrevista eram sobre a doulagem. Como todas já haviam acompanhado ou estavam acompanhando uma mulher grávida, elas naturalmente narravam suas experiências, falavam sobre as dificuldades e prazeres de ser doula, e também aproveitavam para tirar dúvidas sobre doulagem. Nesse sentido, ter esse ponto em comum, facilitou minha relação com as mulheres, que se sentiam à vontade em serem entrevistadas por mim. No início das conversas, era normal elas se sentirem um pouco tensas ou tímidas, principalmente por conta da gravação da conversa, mas conforme íamos desenvolvendo o assunto, o desconforto desaparecia. A tal ponto que, ao final das entrevistas, algumas se surpreendiam quando eu dizia que já havia terminado.

Ainda sobre o conforto que sentiam, notei que só o fato de abrirem sua casa para me receber, já mostrava a confiança que elas sentiam em relação a mim. Além disso, também me foram relatadas histórias sobre suas trajetórias, que, sem uma relação de confiança, elas não teriam contado. Foram histórias de violência obstétrica, de má conduta profissional, de instabilidades emocionais e psicológicas, de ameaça de estupro, de dificuldades na rotina e na maternidade, medos, angústias e desabafos. Histórias comoventes que me fizeram sentir um grande respeito e admiração por cada uma dessas mulheres. Deste modo, vejo que o trabalho de campo foi uma boa oportunidade de conhecer melhor as pessoas e tirar alguns aprendizados advindos das relações. Isso me fez pensar sobre coisas que estão para além da pesquisa, pois nós pesquisadores(as), também nos surpreendemos com aquilo que ouvimos, vivemos e sentimos em campo. Assim como dito pela antropóloga Fabiene Gama (2016), concordo que “não apenas o que experimentamos em campo influencia na nossa produção etnográfica, como também tudo aquilo que conhecemos e vivemos antes e depois dele” (p.3).

⁵⁰ Não que os “papos” anteriores e posteriores à entrevista fossem um ponto ruim. Inclusive, eu sempre os incluía no meu diário de campo, e parte dos assuntos que surgiam, contribuíam para minhas reflexões finais. Afinal, eu considerava a entrevista a partir do momento que me encontrava com a mulher, pois apesar de parte do que acontecia não ter sido registrado pelo gravador, significava algo. E no trabalho de campo, vale perceber, observar e escutar tudo o que acontece, pois futuramente, aquele pequeno detalhe que você não deu importância na hora, pode dizer muita coisa.

Pois a etnografia está incluída em nossas vidas, impactando outros âmbitos da mesma, que não só o acadêmico.

Mas ainda sim, apesar do nosso conforto por partilharmos a experiência da doulagem, em alguns momentos precisei lembra-las que, naquela hora, eu era também uma pesquisadora, e precisava desnaturalizar algumas condutas (minhas e delas). Por exemplo, antes de começarmos as entrevistas, eu deixava claro que mesmo as conhecendo, faria perguntas que poderiam parecer bobas e que elas talvez se perguntariam o porquê delas. Mas que eu teria que fazê-las ainda sim, para aproveitar a entrevista ao máximo. Ou, elas mesmas me lembravam disso, quando, por exemplo, uma cursista me perguntou se deveria assinar um termo de consentimento para que elas autorizassem o uso das entrevistas, e eu ainda não havia elaborado um. Ainda que tal consentimento tenha sido dado até então através de um acordo “boca a boca”, e que eu explicasse o objetivo da pesquisa. Após a indagação da cursista, decidi elaborar um para as próximas entrevistas. Eu não gostaria de ser questionada sobre o termo novamente, porque isso significava algo sobre a relação que existia entre nós. Se um termo as deixavam mais à vontade e seguras para dar a entrevista, então eu passaria a utilizá-lo.

Percebi também, que grande parte das entrevistadas durante as conversas, falou sobre a importância da doula e sobre o quão ela é desvalorizada ou desrespeitada, além de fazerem críticas a médicos(as) e as equipes hospitalares. Por um lado, eu as questionei sobre esses pontos, com objetivo de esclarecer suas opiniões a respeito. Mas por um outro lado, a constância e o modo como esses temas apareciam nas entrevistas revelou o desejo dessas mulheres de ver a figura da doula ser aceita socialmente. E por esse motivo, acredito que parte dessas mulheres viam meu trabalho como uma oportunidade de contribuir para a mudança do cenário atual.

Essas foram algumas situações que não necessariamente poderiam ser previstas, mas que se fizeram importantes no proceder do trabalho e que mostram como o(a) antropólogo(a) deve estar pronto(a) para lidar com os desafios que surgem durante o trabalho de campo. Sem dúvida alguma, esses acontecimentos contribuíram muito para meu desenvolvimento enquanto pesquisadora, de modo que eu buscasse sempre melhorar minha práxis. Mas reconheço que fui privilegiada, uma vez que minhas interlocutoras eram minhas pares em dupla medida: mulheres e doulas e educadoras perinatais, fatores que com certeza, facilitaram muito a realização da minha pesquisa, me isentando de algumas dificuldades que

podem ser encontradas durante o campo, tais como as histórias que ouço os(as) colegas e professores(as) do curso relatarem.

Diante disso, percebo meu trabalho de campo como um processo que envolveu muitas relações de troca. Pois seria muito difícil desenvolver um trabalho sobre o curso se as mulheres não estivessem dispostas a se abrirem, mesmo sabendo que meu objetivo ali era realizar uma pesquisa antropológica. Deste modo, acredito na potência da antropologia compartilhada, que oferece recursos para uma pesquisa mais horizontal, de modo que as pessoas pesquisadas se tornem também, agentes da pesquisa. Contarei, a seguir, como compartilhei a realização desta pesquisa com minhas interlocutoras.

3.3 – (Com)(partilhando) processos, construindo a pesquisa.



Foto 20 – Cursistas em uma das dinâmicas da vivência “seu caminho como doula e educadora perinatal”.

Pensar em uma reflexão antropológica que pudesse ser feita de maneira compartilhada sempre fez parte dos meus planos para a pesquisa. Entretanto, colocar em prática não foi tão fácil quanto pensei, pois implicava uma relação relativamente estável com minhas interlocutoras e meu trabalho de campo não foi tão extenso quanto eu imaginaria. Acompanhei o curso nos módulos presenciais, que tiveram duração de sete dias ao todo, e acrescentei a esta experiência minha própria experiência anterior como cursista, além das entrevistas que realizei. Com o curto período partilhado no momento do curso, pude me

aproximar mais das mulheres que entrevistei. E foi com elas que procurei explorar mais a questão da elaboração de uma “antropologia compartilhada”.

Como parte do trabalho se deu através da “antropologia visual”, onde eu quis retratar um olhar acerca do curso através de uma perspectiva imagética, eu aproveitei a ferramenta para fazer uma “antropologia compartilhada” nas entrevistas, utilizar as fotos na tentativa de fazer uma antropologia compartilhada. Assim, para as entrevistas, eu selecionava algumas fotos e as mostrava para as cursistas, com o objetivo de evocar sensações, lembranças e vivências que elas tinham daqueles momentos retratados. No começo, por falta de experiência minha enquanto entrevistadora, senti que a tentativa não estava sendo bem sucedida. Mas ao final, mudei as estratégias e a ferramenta funcionou, pois as mulheres começaram a narrar fatos curiosos sobre as atividades e o momento em que a foto foi tirada. Fatos que eu não saberia se não tivessem sido acionados pelas fotos. Sem dúvidas, essa contribuição me ajudou a refletir sobre as temáticas que envolviam emoções, corporalidade e trajetórias.

O uso do termo de compromisso, o pedido de autorização às mães para o uso das fotos das crianças e o *feedback* da cursista sobre o que eu havia escrito sobre sua trajetória, no caso da tentativa de estupro, foram algumas ações bem sucedidas na tentativa de construir uma reflexão mais horizontal e compartilhada. Compartilhei 100 fotos com a *Matriusca* para que elas fossem repassadas para as mulheres cursistas. Mas quando fiz as entrevistas, as mulheres ainda não tinham visto as imagens e me cobravam por isso. Eu tentei ainda, como estratégia de compartilhamento de informações, participar do grupo da turma no *Whatsapp*. Mas não conseguiram adicionar meu número de celular. Foram algumas tentativas de aproximação que fracassaram, mas mesmo assim, penso que consegui estabelecer um nível de pareceria interessante com as mulheres. Gostaria de ter tido essa experiência com mais intensidade, principalmente com as mulheres que não entrevistei. Porém, como não mantive contato com elas após o término do curso, não encontrei outros modos de fazê-lo.

O antropólogo Renato Sztutman (2009) elaborou uma análise sobre as contribuições do antropólogo-cineasta Jean Rouch, que utilizou-se dos meios imagéticos (mais especificamente o audiovisual) para produzir uma “antropologia compartilhada”, algo que, na sua concepção, seria fortemente potencializado pela imagem. Rouch compreendia o processo de trabalho antropológico como uma via de mão dupla: ao inserir os(as) interlocutores(as) na construção da pesquisa, o(a) antropólogo(a), produziria algo a partir de uma “autoria múltipla”, levando em consideração também “a reflexividade dos outros”.

A foto 21 pode ser considerada como um exemplo desse artifício, potencializado pelo uso da câmera fotográfica. Em um momento em que eu estava distante da máquina fotográfica durante o curso, uma mulher fez o registro. Isso aconteceu de forma não planejada por mim, e rendeu algumas reflexões interessantes para o trabalho. Uma delas, foi que a natureza dessa foto foi do tipo *emique*, que segundo Milton Guran (2000), tem como característica ter sido produzida pelo grupo estudado. Se pararmos para pensar, o que a mulher escolheu fotografar tem muito a ver com parte do que foi abordado no trabalho: mulheres, cuidado, crianças. E que, coincidentemente, além de fazerem parte do cenário do curso, são elementos que estão totalmente associados a atuação da doula. Além disso, esse episódio serve também para pensarmos acerca da relação que foi construída entre nós, pois se a mulher não se sentisse confortável, no sentido que achar que eu pudesse a repreender por ela ter manuseado uma câmera fotográfica que não a pertencesse, ela não o teria feito.



Foto 21 - Momento registrado por alguma das mulheres que estavam presentes no curso. Ao chegar em casa e olhar as fotos, vi que não havia sido eu a autora daquele registro. Duas doulas, na parte externa da Matriusca, segurando Gabriel e Clara enquanto suas mães estavam realizando atividades que exigiam uma concentração maior.

Apesar das imagens na forma de seu produto final poderem sugerir mais de uma interpretação, quando optamos por fotografar algo, fazemos escolhas e queremos que aquilo seja visto de acordo com o nosso olhar sobre um determinado contexto, assim como foi dito pelo autor Milton Guran (2000). E foi por esse motivo que decidi refletir sobre a foto 21. Porque olhar para a fotografia foi também uma forma de 1) trazer para meu trabalho o olhar de uma cursista sobre aquela realidade e, através dele, atentar para as representações que

importam para as mulheres com as quais convivi; e 2) refletir, novamente, sobre os temas que eram trazidos por elas durante o curso.

Desta forma, a “antropologia compartilhada” proposta por Rouch, foi, para mim, uma boa maneira de fazer antropologia. Uma vez que não fazia sentido construir análises, reflexões e interpretações a partir, apenas, do meu olhar de pesquisadora, que é, a todo tempo, treinado para estranhar e desnaturalizar, produzir algo em colaboração com minhas interlocutoras fazia mais sentido para mim. Estar em diálogo com as pessoas, e provocar nelas formas de colaborar comigo foram questões que se mostraram para mim necessárias em um processo onde a pesquisa só acontece porque nossas fontes de informação são as próprias pessoas.

3.4 – Antropologia visual: um outro olhar sobre a pesquisa.

Assim como disse no tópico anterior sobre o poder potencializador das imagens em uma “antropologia compartilhada”, também acredito no poder que as imagens têm em transmitir um tipo de conhecimento diferente daqueles que são transmitidos pelo recurso textual. As imagens e, nesse caso em específico, a fotografia, não são potencializadoras apenas no processo de desenvolvimento da pesquisa, mas também potencializam o modo como o produto final será apresentado, já que esse recurso direciona “(...) uma percepção do mundo diferente daquela exigida pelos outros métodos de pesquisa, dando assim acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios.” (GURAN, Milton. 2000: 157).

Os fatos que são descritos no texto se tornam mais concretos na medida em que podem ser vistos nos registros. De acordo com autor Nuno Godolphim (1995), “as fotos não podem só ajudar na descrição, como podem de fato reconstituir o “clima” das situações vivenciadas nas cores que elas se apresentaram, criar um ambiente de verossimilhança e, por conseguinte, de persuasão.” (p. 169). Ou seja, ao olhar uma foto, o(a) leitor(a) se sente mais próximo(a) do contexto que está sendo narrado pelo(a) autor(a), o que torna, em alguma medida, o trabalho acadêmico mais acessível.

Sabendo das vantagens de utilizar o recurso imagético na pesquisa, decidi me inspirar na “antropologia visual”. Entendi que seria muito produtivo, a meu ver, expor e

dividir com os(as) leitores(as) parte do trabalho através de fotos. Além de explorar outros recursos metodológicos de pesquisa, pude experimentar uma forma para mim inovadora de expor os resultados do trabalho. Além disso, no meu campo em específico, senti que utilizar a fotografia enquanto meio de documentação seria (e foi) algo muito rico, uma vez que o curso de doula e educadora perinatal da *Mastriusca* possui momentos onde a corporalidade e a gestualidade são muito exploradas, assim como diz Guran (2000) novamente, sobre a fotografia ser promissora para analisar esses tipos de linguagem. Então, trazer os registros também foi uma estratégia que encontrei para compor o trabalho, de modo que os temas que foram tratados pudessem ser vistos, imaginados e interpretados por um outro ângulo: através da fotografia.

Um dos meus objetivos ao trazer as imagens para a composição do trabalho, foi apresentar aquela realidade de um modo não textual, valorizando os não-ditos, assim como formas diferentes de expor os resultados finais. Como disse o autor Milton Guran (2000), as imagens têm um poder de transmitir expressões, gestos e movimentos de uma forma que, muitas vezes, poderia ser impossível de ser descrita em textos. Então, por mais que as mulheres me narrassem suas sensações e eu tentasse descrevê-las, provavelmente, minha tentativa de passa-las para o papel não teria o mesmo nível de detalhamento e profundidade que uma fotografia consegue captar. Isso pode ser demonstrado ao olharmos as fotos 21 e 23, por exemplo. Eu poderia descrevê-las detalhadamente, mas ver estas imagens certamente afeta o(a) leitor(a) de forma diferente. Os dois recursos representam tipos diferentes de comunicar algo. E, ao combinar ambos, busquei aproveitar ao máximo a potência de cada um.

É certo que tanto a linguagem verbal quanto a linguagem imagética, pressupõem interpretações, que fogem do controle do(a) autor(a), porque é algo que está ligado as percepções das pessoas que irão ler o trabalho. Assim como os textos possuem uma agência própria ao transmitir conhecimentos, produzindo, consequentemente representações mas também interpretações acerca do que é retratado:

(...) devemos entender as imagens como uma espécie de representação que ‘fala’, ou seja, que contém informações objetivas e subjetivas que, por sua vez, são interpretadas por um leitor. Nesse sentido, a fotografia – assim como documentos verbais – não são verdades dadas, mas representações construídas. (GAMA, Fabiene. 2009: 107)

Nesse sentido, seria equivocados dizer que não há intencionalidade de minha parte quando decido selecionar determinadas imagens para fazer parte da composição do trabalho. Ao escolher as imagens que eu apresento, também busco evidenciar aspectos da pesquisa em detrimento de outros. Ou seja, quando utilizo as imagens, direciono os olhares e interpretações, como o faço através de palavras. Deste modo, é importante ressaltar que, quando as fotos são tiradas, elas correspondem a um determinado olhar sobre um determinado contexto. E as representações de mundo que o(a) pesquisador(a) possui ou deseja retratar estão inseridas neste olhar. Assim como a escrita é construída com intencionalidade, que direciona (ainda que não controle) a interpretação de quem lê, as imagens também serão pensadas ao serem elaboradas.

Assim como acontece no processo de escrita, o uso das fotos também implica filtrar as informações e discutir alguns pontos ao invés de outros. Por isso, é preciso ter em mente qual é a sua intenção ao usar o recurso visual. A análise das fotos, por sua vez, também envolve um processo de reflexões e desconstruções, de modo que sua utilização faça parte do processo de discussão antropológica. Concordo com o autor Roland Barthes (1969), quando ele diz que “a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada” (p.1). Assim, para ser considerada como parte de uma antropologia visual, e não ser meramente ilustrativa, as fotos precisam ser articuladas ao texto e provocar reflexões.

A questão da composição dos elementos estéticos de uma foto também foi uma razão pela qual escolhi utilizar as imagens, no sentido de retratar o ambiente, as mulheres, os objetos e os símbolos de maneira geral. Percebe-se, ao olhar as fotos, que o branco das paredes da sala contrasta com as cores e as formas que emergem dos corpos (em movimento ou não), dos objetos e das cores advindas de ambos, ressaltando uma certa vivacidade. Mas por outro lado, as cores são abrandadas pelas paredes brancas nos momentos mais sérios e de mais calma, sugerindo uma dinamicidade da própria construção de uma *ambiência*, que pode ter sido pensada ou não pela *Matriusca*. Em certa medida, eu busquei retratar e ressaltar isso nas fotos.



Foto 22 - Cursistas e doulas em uma das dinâmicas "Vivenciando seu caminho como doula e educadora perinatal". Foi um dos momentos mais descontraídos do curso.

A forma que considerei como a mais apropriada para trabalhar com essa estrutura foi através da exposição das imagens ao longo do texto. Minha intenção foi a de construir uma narrativa fotográfica que pudesse retratar, por outro meio, os temas abordados textualmente no trabalho. Tentei elaborar uma sequência de imagens que seguisse uma lógica parecida com o desenrolar do curso. Dessa forma, pode-se notar que no começo, eu trouxe imagens de detalhes, com menos mulheres ou situações mais específicas. E conforme se dá o desenrolar dos temas e do texto, as fotos passam a ter mais mulheres, de modo que as situações retratadas são mais descontraídas, mostrando o lado mais ativo do curso. Por fim, mostro o desfecho do curso, ao mesmo tempo em que sigo em direção à conclusão do meu trabalho.

Ao todo produzi 306 fotografias. Os momentos mais práticos, como nas danças ou nas atividades em que as mulheres ficavam mais ativas, eram os que eu mais fotografava, e aqueles mais íntimos e delicados, os que eu escolhia não fotografar. O uso da máquina fotográfica implicou em 1) descobrir a melhor maneira de me comportar com o instrumento e 2) fazer com que as mulheres se acostumassem com a “nossa” presença, pois a câmera estava a todo tempo comigo. No primeiro dia, tive que superar a timidez inicial de estar entre pessoas novas e ter que tomar a iniciativa de me locomover, pois quanto mais eu ficava em movimento, mais eu conseguia novos ângulos para fotografar. Isso foi um processo, pois conforme os dias foram passando, mais eu fui me habituando com o uso da câmera e o tipo de comportamento que ela demanda. Esse processo foi sendo construindo junto ao de aceitação

da minha presença e da câmera por parte das cursistas, que aos poucos, foram acolhendo mais os “cliques”.



Foto 23 - Trio de cursistas ao final do curso, após terem recebido o certificado de conclusão.

Além disso, percebi ainda que pude contar com outro benefício que o uso da máquina acarretou em minha pesquisa: 3) ela serviu como uma ferramenta de interação com as mulheres, em um diversos momento do curso. Mesmo eu tendo me apresentado no começo, explicando minha proposta de pesquisa e o motivo pelo qual eu estava ali, as mulheres esqueciam o porquê da minha presença, e me viam como “a menina que tirava as fotos”. Decerto, foi difícil explicar o objetivo do trabalho em si, e fazê-las entender o objeto de estudo da antropologia. Esse foi um desafio que encontrei em campo, porque também não era vista como pesquisadora na maioria das vezes.

Por um outro lado, acho que ser identificada como fotógrafa proporcionou uma abertura em campo. Talvez se me vissem como uma investigadora, a relação que construímos não seria tão fluida. Deste modo, a partir de um determinado momento do curso, as mulheres passaram a estranhar quando me viam sem a máquina, perguntando se eu não iria mais fotografar. Em outros, quando elas já estavam mais à vontade com a câmera, faziam poses e me chamavam para registrar momentos específicos, apontando para cenas importantes a serem registradas. Audirene elogiou minhas fotos e disse “*seu portfólio vai ficar lindo*”. Outras mulheres me pediam para ver as fotos ou solicitavam que eu compartilhasse com elas os registros. Assim, utilizar a fotografia enquanto instrumento de pesquisa ajudou minha aproximação com as mulheres.

Trabalhar com o recurso imagético nesse campo de pesquisa foi algo muito enriquecedor. Pois além de ser uma ferramenta útil para transmitir algumas informações que não fui capaz de transmitir verbalmente, pude explorar as vantagens do uso da câmera fotográfica enquanto instrumento metodológico de pesquisa. Conceber a imagem enquanto produto e produtora de conhecimento é admitir novas formas de produzir antropologia e também, tornar os trabalhos acadêmicos mais acessíveis, uma vez que o pressuposto de produzi-los é contribuir de alguma forma com as questões que permeiam e constroem nossa sociedade.

REFLEXÕES FINAIS



Foto 24 – Mulheres cursistas e organizadoras no último dia do curso.

O curso de formação de Doulas e Educadoras Perinatais da *Matriusca* revelou outras finalidades além da formação prometida para as mulheres que o procuraram. Pude compreender isso após acompanhar e conviver com as cursistas e doulas, e depois de ouvir o que as mulheres tinham para me dizer. Apesar de não ser algo explícito, ou de ser divulgado enquanto um objetivo do curso, seu caráter *transformador* através da “cura das feridas”, do *autoconhecimento* e do incentivo de uma nova forma de sociabilidade entre mulheres através da ideia de *sororidade*, faz a experiência de essa formação ser muito mais intensa, do que a esperada pela maioria das mulheres. Para além da formação profissional, o curso serve, como demonstrei, como instrumento para ajudar as cursistas nas transformações que buscam para suas vidas, através do processo *terapêutico*, fruto do *autoconhecimento*, que é a todo tempo incentivado como elemento necessário para *estar bem consigo mesma* e poder cuidar de outras mulheres. Esses são, como apresentei, requisitos essenciais para uma atuação bem sucedida na doulagem, pois ao acompanhar uma mulher grávida, a doula precisa transmitir segurança e mostrar que ela é capaz de oferecer o apoio necessário que lhe é requisitado.

Mas para isto, a doula também precisa ter uma *rede de apoio* para se amparar quando for necessário. Afinal, como foi dito pelas próprias mulheres, o caminho da doulagem

se mostra difícil em alguns aspectos, e por isso é importante ter com quem contar nos momentos complicados. A desvalorização do trabalho, a falta de reconhecimento e de legitimidade, são alguns pontos que contribuem para que as mulheres tenham essa visão da doulagem enquanto uma profissão difícil a ser seguida.

Nesse sentido, pensando no contexto social em que a doulagem dos dias atuais está inserida, onde as mulheres possuem uma carreira profissional, mas também outros papéis e funções que precisam exercer, ser doula implica ter uma disponibilidade de tempo que as mulheres muitas vezes não têm. E essa pressão social por desempenhar os papéis de cuidado, dentro e fora de casa e, principalmente em relação à maternidade, são questões que geram insatisfações, que podem provocar uma perda de identidade dessas mulheres durante a sua própria gravidez. Encontrar um espaço de acolhimento para tratar de temas relacionados à maternidade, gera nessas mulheres uma sensação de confiança em si mesma, que, conseqüentemente, as possibilita lidar com sua identidade ou, ainda, inventar uma nova identidade para si. É por esse processo também que a permitirá lidar com tais questões quando experimentadas por outras mulheres.

Dessa forma, as emoções, a corporalidade e a fala das mulheres nos relatos, oficinas, aulas e vivências do curso, são pensadas pelas organizadoras de forma intencionalmente provocativas não só para criar uma atmosfera de acolhimento, mas também formas de expressão específicas durante o curso. Como forma de explorar essa questão, o investimento no uso da fotografia enquanto recurso metodológico foi uma escolha acertada, pois eu quis compartilhar esses elementos de forma que não extrapolasse o texto escrito. Assim como as diferentes culturas, os campos de pesquisa são dinâmicos, e transmitir essa dinamicidade na forma de apresentação dos resultados finais é, a meu ver, uma escolha interessante, pois é uma oportunidade de desfrutar outros modelos (não convencionais) de transmissão de informações, dados e descobertas de uma pesquisa.

Trabalhar com o tema da doulagem foi algo muito enriquecedor para mim enquanto pesquisadora e também enquanto doula, pois durante o tempo que fiz a pesquisa (mais de 1 ano), estive mais envolvida com a doulagem como pesquisa. Então, acompanhar o curso também foi relevante para estar mais próxima, ainda que com um outro propósito, do universo da doulagem. Fiz novas amizades e ampliei minha rede enquanto doula, pois realizei parceria com outras doulas para realização de rodas de conversa para mulheres grávidas e outras pessoas interessadas. Nossas rodas aconteceram quinzenalmente e pudemos atender a uma demanda de uma das cidades satélites de Brasília. Ela funcionou por algumas semanas,

mas por motivos de força maior, não voltamos a nos reunir. Ainda sim, a amizade permaneceu. O que mostra que a *rede de apoio* pode existir de diversas maneiras, inclusive nas colaborações através de pesquisas, sendo importantes nas diversas atuações de uma doula.

Para concluir, digo que este foi um trabalho muito produtivo, pois pude conhecer mais a fundo um universo que é muito próximo, mas que revelou facetas inovadoras e desconhecidas por mim até então, porque eu não tinha olhado para ele com outro viés. Dessa forma, pensando nos moldes atuais, cuja a nossa sociedade impõe uma sociabilidade competitiva e individualista, além de construir padrões nos quais os indivíduos devem supostamente se encaixar, o curso aparece como algo que vai de encontro a esses ideais, rompendo com certas condutas, muitas vezes já consolidadas e pré-estabelecidas. Ao propor uma forma distinta de sociabilidade entre mulheres, através do incentivo da prática da *sororidade*, do olhar empático, da criação de uma *rede de apoio*, bem como criar um projeto de empreendedorismo entre mulheres, a *Matriusca* propõe um passo para um caminho diferente do que foi vivido por suas cursistas até então, sugerindo um rompimento com certos paradigmas, e deste modo, contribuindo para uma sociedade e uma cultura onde as mulheres se valorizem mais sejam mais valorizadas.

REFERÊNCIAS

AURELIANO, Waleska. Resenha de “*Antropologia das Emoções*”. Rev. Ilha. Vol. 15 no.1. Santa Catarina, 2013.

BARRETO, Renilda. “Corpo de mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX”. In: MARTINS, Ana Paula Vosne (Org). *História: questões e debates*. Vol. 18 no.34, p. 127-156. jan./jul: Curitiba, 2001.

BARTHES, Roland. “A mensagem fotográfica”. In: LIMA, L. Costa (Org.). *Teoria da cultura de massa*. Ed. Saga. Rio de Janeiro, 1969.

BONADIO, Isabel Cristina. “Ser tratada como gente”: a vivência de mulheres atendidas no serviço de pré-natal de uma instituição filantrópica.” Rev. Esc. Enf. USP. Vol. 32, no.1, p. 9-15, abr. São Paulo, 1998.

CARNEIRO, Rosamaria. “Antropologia das Emoções: retomando concepções e consolidando campos”. Rev. Physis Vol.23 no.2. abr./jun. Rio de Janeiro, 2013.

_____. “Cenas de parto e políticas do corpo”. Ed. Fiocruz. Rio de Janeiro, 2015.

_____. “Circulando imagens, circulam antropologias: mulheres, políticas do corpo e espetacularização da vida.” Rev. de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais. Vol. 17 no.2. Goiânia, 2014.

_____. “Em nome de um campo de pesquisa: antropologia (s) do parto no Brasil contemporâneo”. Vivência: Revista de Antropologia. Vol.1 no.44. Natal, 2014.

COSTA, Suely. “Onda, rizoma e ‘sororidade’ como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX)”. Rev. Inter. Interdisc. INTERthesis. Vol. 6 no. 2. Florianópolis, 2009.

COSTA, Tônia; STOTZ, Eduardo; GRYNSZPAN, Danielle e SOUZA, Maria do Carmo. “Naturalização e medicalização do corpo feminino: o controle social por meio da reprodução.” Interface (Botucatu) Vol.10 no.20. July/Dec. Botucatu, 2006.

DAVIS-FLOYD, Robbie. “Os modelos assistenciais tecnocrático, humanizado e holístico”. Tradução de Adriana Tanese Nogueira. In: Robbie Davis-Floyd. *The technocratic, humanistic, and holistic paradigms of childbirth*. In INTERNATIONAL JOURNAL OF GYNECOLOGY & OBSTETRICS. International Conference on Humanization of Childbirth. Fortaleza, Brazil, 2-4 November 2000, pp. 5-23.

DINIZ, Carmem. “Humanização da assistência ao parto no Brasil: os muitos sentidos de um movimento”. Ciênc. saúde coletiva vol.10 no.3. Julho/Setembro. Rio de Janeiro , 2005.

DUARTE, Fernanda. “Identidades e empoderamento: Grupo Maternati e a humanização do parto na cidade de Maringá”. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2015.

FADYNHA. “A doula no parto: o papel da acompanhante de parto especialmente treinada para oferecer apoio contínuo físico e emocional à parturiente”. Fadynha. 3ª ed. Ed. Ground. São Paulo, 2011.

FAVREET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Rev. Cadernos de Campo. Vol. 13. p.155-161. São Paulo, 2005.

FLEISCHER, Soraya. “Doulas como “amortecedores afetivos” – notas etnográficas sobre uma nova acompanhante de parto”. Ciências Sociais – Unisinos. Vol.41 no.1. jan/abr. São Leopoldo, 2005.

_____. “Quem exotiza quem? Batidores metodológicos do encontro de uma antropóloga e um grupo de doulas”. Rev. Barbarói no.25. Santa Cruz do Sul, 2006/2.

GAMA, Fabiene. “Etnografias, auto-representações, discursos e imagens: somando representações.” In: Gonçalves, Marco Antônio; HEAD, Scott. (Org.). *Devires Imagéticos: Representações/Apresentações de Si e do Outro*. Ed. 7letras. p. 92-114. Rio de Janeiro, 2009.

_____. “Sobre emoções e imagens: estratégias para experimentar, documentar e expressar o invisível em mobilizações políticas. RBSE. Vol. 15 no.45. Dez. 2016.

GODOLPHIM, Nuno. “A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica”. Rev. Horizontes Antropológicos. Ano 1 no.2. July/Set. Porto Alegre, 1995.

GOLDENBERG, Mirian. “A arte de pesquisar – como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais”. Ed. Record. Rio de Janeiro, 2004.

GURAN, Milton. “Fotografar para descobrir, fotografar para contar”. In: *Cadernos de Antropologia da Imagem*. Vol. 10 no.1. p.155-165. Rio de Janeiro, 2000.

LEÃO, Viviane; OLIVEIRA, Sônia. “O papel da doula na assistência à parturiente”. REME Rev. Min. Enferm. Vol.10 no.1. Minas Gerais, 2006.

MALUF, Sônia. “Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas”. Rev. Esboços, Vol.9 no.9. Santa Catarina, 2001.

MENDONÇA, Sara. “Modelos de assistência obstétrica concorrentes e ativismo pela humanização do parto”. Rev. Civitas. Vol. 15 no.2. Rio Grande do Sul, 2015.

MITCHELL, John. “*O ensaio fotográfico: quatro estudos de caso*”. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Vol. 15 no.2. p.101-131. Rio de Janeiro, 2002.

PONTES, Williane. “Emoções, cultura e sociedade no Brasil: uma resenha”. Rev. Brasileira de Sociologia da Emoção, Vol. 14, no.42. Dez. p. 143-147. Paraíba, 2015.

REZENDE, Claudia. “Emoção, corpo e moral em grupos de gestante”. Rev. Brasileira de Sociologia da Emoção, Vol. 11, no.33. Dez. p. 830-849. Paraíba, 2012.

RODRIGUES, Ana Verônica; SIQUEIRA, Arnaldo. “Sobre as dores e temores do parto: dimensões de uma escuta”. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant. Vol. 8 no.2. Jan./Mar. Recife, 2008.

SCAVONE, Lucila. “A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais.” Cad. Pagu no.16 Campinas, 2001.

SOUZA, Karla, DIAS, Maria. “História oral: a experiência das doulas no cuidado à mulher”. *Acta paul. enferm.* Vol.23 no.4 São Paulo, 2010.

STRATHERN, Marilyn. Introdução (estratégias antropológicas; um lugar no debate feminista). In: *O Gênero da dádiva*. Ed. Unicamp, p. 27-80. Campinas, 2006.

SZTUTMAN, Renato. “A utopia reversa de Jean Rouch: de Os mestres loucos a Petit à petit”. *Rev. Devires*. Vol. 6 no1. p. 108-125. Jan/Jun. Belo Horizonte, 2009.

TORNQUIST, Carmen. “Armadilhas da Nova Era: Natureza e Maternidade no Ideário da Humanização do Parto”. *Rev. Estud. Fem.* vol. 10 no2. Florianópolis, 2002.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Ed. Jorge Zahar. p. 121- 132. Rio de Janeiro, 1981.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA E USO DE IMAGEM

Eu _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, **autorizo**, através do presente termo, _____, CPF _____, RG _____: 1) a realizar entrevista, bem como a gravação de áudio da mesma; 2) utilizar minha imagem e 3) a colher meu depoimento, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Os materiais coletados são parte integrante do processo de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em Antropologia (Bacharelado), da Universidade de Brasília.

Ao mesmo tempo, **libero** a utilização destas fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, pôsteres e outros), em favor da pesquisa, acima especificada.

_____, _____ de _____ de 2016.

(Nome da cursista)

Camila Cristina Saraiva Castello

ANEXO 2**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Estado Civil: _____

Cor/Raça: _____

Profissão: _____

Cidade Natal: _____

Cidade onde mora atualmente: _____

Contato (e-mail e/ou telefone): _____

É mãe? (☐) Sim (☐) Não

Qual foi o tipo de parto? _____

Como você descreve sua(s) experiência(s) enquanto parturiente? (*Obs.:*) *Se houver mais de uma experiência, utilize as linhas abaixo para descrevê-las.*

(☐) positiva(s) (☐) negativa(s) Por que?

Se ainda não é mãe, deseja ser? (☐) Sim (☐) Não

Caso tenha respondido Sim: Como deseja parir?
